



UFBA – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
EA – ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PDGS – PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO E GESTÃO SOCIAL

EDVÂNIA SORAIA SILVA LIMA

**MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS:
PROTAGONISMO JUVENIL NO TURISMO COMUNITÁRIO DE
ALAGADOS (ACTOUR) NA PENÍNSULA DE ITAPAGIPE**

Salvador – BA
2024

EDVÂNIA SORAIA SILVA LIMA

**MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS:
PROTAGONISMO JUVENIL NO TURISMO COMUNITÁRIO DE
ALAGADOS (ACTOUR) NA PENÍNSULA DE ITAPAGIPE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Interdisciplinar e Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social do Programa de Desenvolvimento e Gestão Social da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social.

Orientador(a): Profa. Dra. Claudiani Waiandt

Salvador - BA
2024

Escola de Administração - UFBA

L732 Lima, Edvânia Soraia Silva.

Mapeamento de competências empreendedoras: protagonismo juvenil no turismo comunitário de Alagados (ACTOUR) na Península de Itapagipe / Edvânia Soraia Silva Lima. – 2024.

110 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Claudiani Waiandt.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração, Salvador, 2024.

1. Turismo – Alagados (Salvador, BA) – Participação de jovens.
2. Empreendedorismo – Participação de jovens. 3. Empreendedores.
4. Comunidades – Organização para o desenvolvimento
5. Competências essenciais – Indicadores – Itapagipe, Península de (Salvador, BA). I. Universidade Federal da Bahia. Escola de Administração. II. Título.

CDD – 338.4898142

EDVÂNIA SORAIA SILVA LIMA

**MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS:
PROTAGONISMO JUVENIL NO TURISMO COMUNITÁRIO DE
ALAGADOS (ACTOUR) NA PENÍNSULA DE ITAPAGIPE**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Banca Examinadora

Prof. ^a Dr. ^a Profa. Dra. Claudiani Waiandt

Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof. ^a Dr. ^a Profa. Dra. Manuela Ramos da Silva

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. ^a Dr. ^a Profa. Dra. Barbara Maria Dutra Pereira

Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof. ^a Dr. ^a Morgana Gertrudes Martins Krieger

Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Salvador, BA, 27 de fevereiro de 2024



Universidade Federal da Bahia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E GESTÃO SOCIAL (PPGDGS)

ATA Nº 43

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E GESTÃO SOCIAL (PPGDGS), realizada em 27/02/2024 para procedimento de defesa da Dissertação de Mestrado Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social no. 1, área de concentração Desenvolvimento e Gestão Social, do(a) candidato(a) EDVÂNIA SORAIA SILVA LIMA, de matrícula 2021104950, intitulada MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS: PROTAGONISMO JUVENIL NO TURISMO COMUNITÁRIO DE ALAGADOS (ACTOUR) NA PENÍNSULA DE ITAPAGIPE. Às 14:30 do citado dia, UFBA, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof^ª. Dra. CLAUDIANI WAIANDT que apresentou os outros membros da banca: Prof^ª. Dra. MORGANA GERTRUDES MARTINS KRIEGER, Prof^ª. Dra. BARBARA MARIA DULTRA PEREIRA e Prof^ª. Dra. MANUELA RAMOS DA SILVA. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Dra. MANUELA RAMOS DA SILVA, UFS

Examinadora Externa à Instituição



Documento assinado digitalmente

MANUELA RAMOS DA SILVA

Data: 04/03/2024 11:59:22-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. BARBARA MARIA DULTRA PEREIRA, UFBA

Examinadora Externa ao Programa



Documento assinado digitalmente

MORGANA GERTRUDES MARTINS KRIEGER

Data: 04/03/2024 17:34:36-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. MORGANA GERTRUDES MARTINS KRIEGER, UFBA

Examinadora Interna

Dra. CLAUDIANI WAIANDT, UFBA

Presidente



Documento assinado digitalmente

CLAUDIANI WAIANDT

Data: 04/03/2024 09:51:49-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

EDVÂNIA SORAIA SILVA LIMA

Mestrando(a)

Dedico esta nova etapa à minha família e amigos(as) em especial: À minha vó e minha mãe preta, ser pioneira na família como graduada e mestranda me enche de orgulho e satisfação e à minha amiga de todas as horas, Liviane Santos. Gratidão pelo apoio, carinho e dedicação, vocês estarão para sempre marcados em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela força, sua bondade e amor. Pois sem Ele tudo que sou e o que tenho, jamais seria possível!

Gratidão à minha família por ter me apoiado nos meus sonhos e me incentivado a ir além.

Agradeço à **Prof.^a Dr.^a Claudiani Waiandt** (EA/UFBA) por acreditar em mim e na minha proposta desde o momento da pré-seleção. Deixo meu agradecimento às valiosas presenças e contribuições da banca de qualificação formadas pelas docentes **Profa. Dra. Manuela Ramos da Silva** (PROPADM/UFS) e **Profa. Dra. Barbara Maria Dutra Pereira** (EA/UFBA), além da **Prof.^a Dra. Morgana G. Martins Krieger** (EA/UFBA) integrante da atual banca, minha gratidão!

Agradeço ao Programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento social (PGDS) da UFBA pelo suporte e apoio nessa árdua trajetória de conhecimento e de crescimento pessoal e profissional.

Agradeço à Junior Achievement da Bahia (JA/BA) representada por **Tainã Neves e Vinícius Santos** por tornar possível iniciar e concluir a residência social (RS) na instituição, neste processo obtive o apoio e partilha de conhecimentos sobre os programas desenvolvidos na JA que têm como propósito de difundir o empreendedorismo e desenvolver competências empreendedoras em jovens na cidade de Salvador/BA e em outros municípios da Bahia.

Agradeço imensamente ao REPROTAI, seus colaboradores e amigos incríveis, em especial ao **Carlos Luz e Diógenes Reis** que com muita generosidade me permitiram estar e compartilhar saberes e conhecimentos sobre a rotina do projeto. Estes que com muita garra, determinação e união têm conduzido essa rede de solidariedade e afeto na Península de Itapagipe.

Agradeço aos meus colegas da T8 do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Social e aos docentes que de alguma forma me incentivaram com seus depoimentos e contribuições nas salas de aula e na vida!

LIMA, Edvânia Soraia Silva. **Mapeamento de competências empreendedoras: Protagonismo Juvenil no turismo comunitário de Alagados (ACTOUR) na Península de Itapagipe**. 110 f. 2024. Dissertação (Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Social). Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

RESUMO

O mapeamento de competências empreendedoras é uma prática fundamental para o desenvolvimento educacional e profissional de jovens que realizam atividades de turismo em coletivos da organização da sociedade civil na periferia de grandes centros. Buscando compreender este tema realizou-se uma pesquisa e desenvolvimento na ACTOUR, coletivo que faz parte da REPROTAI, localizada na Península Itapagipana em Salvador, BA. Esse território possui 14 bairros com potencial para o turismo comunitário, no entanto, é marcado historicamente pela desigualdade social e racial, apesar do enfrentamento da comunidade. A gestão social enquanto princípio para o desenvolvimento territorial foi a teoria fundamental para estudar as competências empreendedoras que emergem do protagonismo juvenil a partir das ações de turismo comunitário no território. Assim, o objetivo foi mapear as competências empreendedoras a partir de ações de turismo de base comunitária na Península de Itapagipe protagonizadas por jovens. A pesquisa qualitativa foi realizada por meio do estudo de caso único, cuja pesquisadora atuou como observadora não-participante, além de entrevista com jovens e gestores e análise documental. Verificou-se que as 15 competências listadas pelo *EntreComp* (2016) foram encontradas em certa medida nas ações de formação desenvolvidas pelo ACTOUR; destacando-se na área de “Ideias e Oportunidades”: identificar oportunidades e visão; pensamento ético e sustentável; criatividade; e, valorizar ideias; na área de “Recursos”: motivação e perseverança; autoeficácia e autoeficiência; e, mobilizar terceiros; letramento financeiro e econômico; e, mobilizar recursos; na área de “Ação”: trabalhar com outros; tomar a iniciativa e lidar com a incerteza; ambiguidade e riscos; e, planejar e gerir. Os resultados apontaram que as competências empreendedoras na ACTOUR emergem pela experiência aliada com conhecimentos ofertados pelo coletivo de forma compartilhada e dialógica com diversos atores sociais e parcerias do território, rompendo com o tradicional ensino bancário no processo de mapeamento de competências empreendedoras.

Palavras-Chave: Competências Empreendedoras; Protagonismo Juvenil; Península de Itapagipe/BA; Turismo Comunitário; Gestão Social.

LIMA, Edvânia Soraia Silva. **ENTREPRENEURIAL SKILLS MAPPING: Youth leadership in community tourism in Alagados (ACTOUR) on the Itapagipe Peninsula.** 110 f.2024. Dissertation (Master's). School of Administration, Federal University of Bahia, Salvador, 2024.

ABSTRACT

Mapping entrepreneurial skills is a fundamental practice for the educational and professional development of young people who carry out tourism activities in civil society organization collectives on the outskirts of large centers. Seeking to understand this topic, research and development was carried out at ACTOUR, a collective that is part of REPROTAI, located on the Itapagipana Peninsula in Salvador, BA. This territory has 14 neighborhoods with potential for community tourism, however, it is historically marked by social and racial inequality, despite the community's confrontation. Social management as a principle for territorial development was the fundamental theory to study the entrepreneurial skills that emerge from youth protagonism through community tourism actions in the territory. Thus, the objective was to map entrepreneurial skills based on community-based tourism actions in the Itapagipe Peninsula led by young people. Qualitative research was carried out through a single case study, with the researcher acting as a non-participant observer, in addition to interviews with young people and managers and documentary analysis. It was found that the 15 skills listed by EntreComp (2016) were found to a certain extent in the training actions developed by ACTOUR; standing out in the area of "Ideas and Opportunities": identifying opportunities and vision; ethical and sustainable thinking; creativity; and, valuing ideas; in the "Resources" area: motivation and perseverance; self-efficacy and self-efficiency; and, mobilize third parties; financial and economic literacy; and, mobilize resources; in the "Action" area: working with others; take the initiative and deal with uncertainty; ambiguity and risks; and, plan and manage. The results showed that entrepreneurial skills at ACTOUR emerge through experience combined with knowledge offered by the collective in a shared and dialogical way with various social actors and partnerships in the territory, breaking with traditional banking teaching in the process of mapping entrepreneurial skills.

Keywords: Entrepreneurial Skills; Youth Protagonism; Itapagipe Peninsula/BA; Community Tourism; Social Management.

"Favela é potência, não é carência"
Celso Athayde (Criador do EXPO
Favela)

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Contribuições do TBC para o DLS.....	23
Figura 02 – Matriz de análise das políticas nacionais de apoio ao empreendedorismo.....	26
Figura 03 - Pessoas em ocupações informais nas grandes regiões do Brasil.....	30
Figura 04 - Perfil do MEI no Brasil.....	31
Figura 05 - Competências por Zafiran (2001) - Adaptado.....	39
Figura 06 - Mandala do quadro de referência para o empreendedorismo - <i>EntreComp</i>	43
Figura 07 - Vítimas de mortes violentas intencionais.....	46
Figura 08 - Triangulação dos dados.....	54
Figura 09 - Desenho de Pesquisa.....	55
Figura 10 - Entrevistado Carlos Luz e pesquisadora.....	56
Figura 11 - Fases da Análise de Conteúdo.....	60
Figura 12 - Categorização para análise de dados.....	60
Figura 13 - Visita de turistas franceses ao ACTOUR.....	67
Figura 14 - Capacitações realizadas pela rede BATUC (2023).....	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Referencial teórico de competências.....	41
Quadro 02 – Estudos que utilizam o framework <i>EntreComp</i> como orientação prática.....	44
Quadro 03 – Relação entre objetivos da pesquisa e metodologia aplicada.....	54
Quadro 04 – Documentos do ACTOUR-REPROTAI.....	56
Quadro 05 – Entrevistados da ACTOUR.....	57
Quadro 06 – Roteiro de entrevista do Gestor (Carlos Luz)	57
Quadro 07 – Roteiro de entrevista do Jovem (Diógenes Reis).....	58
Quadro 08 – Adaptação das Competências Empreendedoras	62
Quadro 09 – Funções e Responsabilidade na ACTOUR.....	69
Quadro 10 – Competências Empreendedoras encontradas no ACTOUR.....	87
Quadro 11 – Etapas da Residência Social.....	92
Quadro 12 – Programas da JA/BA - 2022.....	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Percentual dos empreendedores segundo as motivações para iniciar um novo negócio (Brasil – 2022)	27
Tabela 02 – Empreendedorismo por necessidade como proporção da taxa de empreendedorismo inicial (TEA), nascente e novo (Brasil 2020-2022)	27
Tabela 03 – População na Força de trabalho, desocupada e subutilizada no Brasil.....	30
Tabela 04 – Taxas específicas e variações (em %), entre 2022, dos empreendedores nascentes, novos e estabelecidos segundo a raça/cor - Brasil – 2022.....	31
Tabela 05 – Resultado da atividades da JA/BA.....	93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACTOUR	Turismo Comunitário de Alagados
BAHIATURSA	Empresa de Turismo da Bahia S.A
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAMMPI	Comissão de articulação dos moradores da península de Itapagipe
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEs	Competências Empreendedoras
CER	Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora
DLS	Desenvolvimento Sustentável Local
EE	Educação Empreendedora
EAUFBA	Escola de Administração da UFBA
<i>EntreComp</i>	Quadro de Referência das Competências para o Empreendedorismo
GEM	Global Entrepreneurship Monitor
GRUCON	Grupo de união e consciência negra
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JA	Junior Achievement
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MDIC	Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
MEI	Microempreendedor individual
MTur	Ministério do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
OSID	Obras Sociais Irmã Dulce
PDGS	Programa de Desenvolvimento em Gestão Social
RS	Residência Social
REPROTAI	Rede de Protagonistas em Ação de Itapagipe
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TC	Turismo Comunitário
TBC	Turismo de Base Comunitária
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
WWF	World Wide Fund for Nature

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	A GESTÃO SOCIAL ENQUANDO PRINCÍPIO PARA O DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL.....	19
3	IDENTIFICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS... 24	
3.1	TRAJETÓRIA DO ESTUDO SOBRE EMPREENDEDORISMO	24
3.2	EMPREENDEDORISMO SOCIAL	32
3.3	EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA (EE)	33
3.4	COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS	37
3.5	MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS PELO PROTAGONISMO JUVENIL	45
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	53
4.1	ESTUDO DE CASO COMO MÉTODO DE PESQUISA	53
4.2	COLETA DE DADOS E INFORMAÇÕES	55
4.3	ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DADOS E INFORMAÇÕES	59
4.4	A APLICAÇÃO DA METODOLOGIA ENTRECOMP	61
5	ESTUDO DE CASO: MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS NA ACTOUR REPROTAÍ DA PENÍNSULA DE ITAPAGIPE	64
5.1	PENINSULA DE ITAPAGIPE E O TURISMO COMUNITÁRIO.....	64
5.2	TRAJETÓRIA DO REPROTAI E ACTOUR E O IMPACTO NO TERRITÓRIO	66
5.3	ATUAÇÃO DA ACTOUR NA PENINSULA ITAPAGIPANA.....	70
5.4	AS COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS NA ACTOUR.....	77
6	RESIDÊNCIA SOCIAL: METODOLOGIA “APRENDER FAZENDO” NO MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS	91
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	98
	ANEXO A - QUADRO DESCRITIVO (ENTRECOMP)	105
	APENDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA (GESTORES).....	107
	APENDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA (JOVENS).....	108
	APENDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	109

1 INTRODUÇÃO

A dissertação se desdobra na proposta do Mestrado Profissional em Desenvolvimento Territorial e Gestão Social que é integrante do Programa de Desenvolvimento e Gestão Social (PDGS), da Escola de Administração da UFBA (EAUFBA). A Turma 08 deste mestrado foi oferecida com o propósito de contribuir com pesquisas e ações para a gestão social do desenvolvimento territorial da Península de Itapagipe, território integrador desta edição do mestrado e representativo da cidade de Salvador, conhecido como ‘Território Santo’ por causa de sua potencialidade para o turismo religioso.

O território, conceito que fundamenta a pesquisa, para Fischer (2004) é visto como um campo de forças, ou seja, de exercício de poderes em diferentes escalas, que vão do microlocal ao global. Refere-se a um âmbito espacial delimitado – um bairro, um município, uma região – podendo ainda ser indicado por outras designações que sugerem uma certa inércia, estabilidade e relativa ordenação. Dentro desse conceito e de Itapagipe, o desenvolvimento territorial tem como objetivo a melhoria da qualidade de vida da população local. Como menciona Dallabrida (2014):

O desenvolvimento territorial é entendido como um processo de mudança continuada, situado histórica e territorialmente, mas integrado em dinâmicas intraterritoriais, supraterritoriais e globais, sustentado na potenciação dos recursos e ativos (materiais e imateriais, genéricos e específicos) existentes no local, com vistas à dinamização socioeconômica e à melhoria da qualidade de vida da sua população. Por referir-se a processos de ação coletiva, o termo governança territorial tem uma aproximação conceitual com o que denominamos gestão social (Dallabrida, 2014, p. 84).

A gestão social, constructo que fundamenta esta pesquisa, é um conceito crítico em relação a gestão tecno burocrática, tradicional da área de Administração, e propõe um gerenciamento mais participativo, dialógico, no qual o processo decisório é exercido por meio de diferentes sujeitos sociais. Nestes espaços de decisão, ganham força os coletivos locais que

por um processo de solidariedade cidadã participam ativamente do território que se torna um lugar fundamental para o seu exercício a partir de uma governança democrática, buscando a partir de interesses comuns resolver os problemas sociais que emergem (Tenório, 1998; França Filho; Eynaud, 2020).

Entre os coletivos locais que colaboram com o desenvolvimento na Península de Itapagipe, situação empírica desta pesquisa, destaca-se a Rede de Protagonistas em Ação de Itapagipe (REPROTAI) fundada em 2004 por jovens da associação de moradores do conjunto Santa Luzia, da associação livre dos moradores de mangueira, do grupo de união e consciência negra (GRUCON) e da comissão de articulação dos moradores da península de Itapagipe (rede CAMMPI), que, atualmente, é constituída por mais de 50 adolescentes e jovens que oferecem experiências culturais locais por meio de atividades voltadas para o turismo na Península de Itapagipe.

O projeto ‘Turismo Comunitário de Alagados (ACTOUR)’ desenvolvido na REPROTAI e associado à REDE BATUC de turismo de base comunitária da Bahia realiza atividades de desenvolvimento de competências em jovens nas ações direcionadas ao turismo local. O objetivo da REPROTAI é que estes jovens da península possam ser protagonistas da sua história seja atuando na comunidade com o social e/ou se inserindo no mercado de trabalho por meio de capacitação e oportunidades para que eles superem as disparidades de formação e outras desigualdades provocadas pela situação de pobreza e tenham uma vida melhor.

Diante desses desafios, a REPROTAI possui dentre as suas metas, a formação destes jovens para a realização de ações empreendedoras. Neste trabalho de capacitação e de soluções para o turismo no território, destaca-se as competências empreendedoras que emergem nas ações do coletivo em seu cotidiano, uma situação diferente do desenvolvimento de competências dentro de instituições escolares, normalmente limitadas especialmente, pois as práticas dentro da sala de aula acabam por si só sendo mais facilmente controladas e delimitadas; e, especialmente, pois o ambiente e os problemas são reais e emergem no dia a dia das pessoas, sendo um ambiente que se contrapõe à lógica hegemônica e tecnocrática da sala de aula.

Assim, as competências, principalmente, competências empreendedoras, emergem a partir da realização de ações do cotidiano no coletivo que está atrelado ao processo de autoconhecimento e sua relação com a interação com a comunidade, além da dinâmica propositiva para o social, coletivo, democrático e dialógico que a ACTOUR promove com o

Turismo Comunitário em Itapagipe.

Conhecer este fenômeno – identificação das competências empreendedoras a partir das ações do cotidiano – é um problema que emerge, levando a necessidade de estudar: Quais são as competências empreendedoras em jovens protagonistas em ações de turismo de base comunitária na Península de Itapagipe?

Acredita-se que no coletivo do projeto ACTOUR as competências empreendedoras estão relacionadas ao trabalho colaborativo e social proporcionado pelas ações do cotidiano e experiência ao realizar as atividades de turismo de base comunitária.

A partir deste pressuposto, definiu-se o objetivo geral da pesquisa que é mapear as competências empreendedoras desenvolvidas por jovens da Península de Itapagipe por meio das ações de turismo comunitário, baseada no quadro de referência do *EntreComp*. A partir de:

- Descrever a trajetória da REPROTAI/ACTOUR, suas ações e o impacto no território;
- Identificar a percepção dos gestores da ACTOUR sobre a necessidade de competências empreendedoras na capacitação de jovens para resolver problemas no território pela ACTOUR;
- Descrever as atividades realizadas pelos jovens integrantes nas ‘ações’ de turismo de base comunitária realizadas pela ACTOUR na Península de Itapagipe;
- Compreender a percepção dos jovens sobre as dificuldades da execução das ações de turismo comunitário na Península de Itapagipe;
- Identificar os programas e as metodologias de Educação Empreendedora em Salvador para compreender as metodologias adotadas no desenvolvimento de competências empreendedoras (Residência Social).

A pesquisa possui relevância acadêmica e social. Num levantamento bibliográfico no Portal de Periódicos da CAPES, a partir de uma pesquisa com as palavras-chave "turismo de base comunitária" (resultando em 395 artigos) e "competências empreendedoras" (resultando 404 artigos) não foram encontrados resultados relacionados com as duas palavras-chave. Percebe-se que há uma lacuna de pesquisa quanto a identificação de competências empreendedoras e turismo de base comunitária. Há uma tendência na academia de mapear as iniciativas de Turismo de base comunitária, mas não de mapear competência dentro destas iniciativas.

Além de relevância acadêmica, a pesquisa possui relevância social. O mapeamento das competências empreendedoras em jovens na instituição fornece dados que servirão para um

diagnóstico inicial de competências empreendedoras existentes nos jovens que fazem parte do coletivo, estes que colaboram com o desenvolvimento do turismo de base comunitária de Alagados. Espera-se contribuir com informações para os projetos e programas da organização que convirjam para a formação pessoal e profissional juvenil na Península Itapagipana.

A relevância da pesquisa também está inserida no contexto de formação de gestão social para a construção de um olhar crítico-analítico da pesquisadora sob a perspectiva da criação de políticas públicas que ensejem transformação de cenários de exclusão social, angariando a promoção de equidade social.

Além disso, a atividade de Residência Social (RS) construiu conhecimentos sobre projetos e programas de identificação e desenvolvimento de competências empreendedoras realizados pela *Junior Achievement (JA)* em Salvador, registrando práticas de ensino e aprendizagem que colaboraram com a compreensão de competências empreendedoras que impactam na qualidade da formação de jovens num contexto profissional.

Após esta introdução, o referencial teórico trata da gestão social enquanto princípio de desenvolvimento territorial e a identificação de competências empreendedoras; o próximo capítulo traz os procedimentos metodológicos (estudo de caso e a aplicação da *Entrecomp*); após registra o estudo de caso sobre o mapeamento de competências empreendedoras na ACTOUR/REPROTAI na Península de Itapagipe; o sexto capítulo trata a residência social e suas contribuições; e, finalmente o capítulo sete traz as considerações finais.

2 A GESTÃO SOCIAL ENQUANDO PRINCÍPIO PARA O DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL

O presente capítulo busca compreender como a gestão social, a partir do recorte do Turismo de base comunitária, contribui para o desenvolvimento territorial.

A gestão social, nos primórdios do estudo deste conceito, foi lembrada para evidenciar a importância das questões sociais quanto a sistemática sistemas-governo e implementação de políticas públicas, e para na forma de gestão no sistemas-empresa estando muito mais atrelada à gestão estratégica do que o que se encontram nas sociedades democráticas e solidárias (Tenório,1998). Além disso, diante da reflexão teórico-prática se problematiza sobre o discurso e a prática da gestão social estarem inicialmente substanciados pela gestão estratégica, guiados pela lógica de mercado, e não por questões de teor social que têm como objetivo atender por meio da esfera pública o bem comum (Tenório,1998).

A gestão social possui em sua formação um posicionamento oposto quanto ao reduzir a organização à sua instrumentalização, do social ao econômico e do econômico ao mercado, desta forma se opondo à lógica de mercado (França Filho; Eynaud, 2020). Desta construção conceitual, segundo Tenório (1998, p.16), “a gestão social se contrapõe à gestão estratégica na medida em que tenta substituir a gestão tecnoburocrática, monológica, por um gerenciamento mais participativo, dialógico, no qual o processo decisório é exercido por meio de diferentes sujeitos sociais”. E ainda de acordo com Cançado (2014) a gestão social quanto ao seu conceito teórico se construiu ao longo do tempo, mas a sua ação prática veio com a *práxis* de pequenos grupos locais com pensamentos sobre autogestão e comportamentos emancipatórios. Desta forma, o caráter epistêmico da gestão social deve ser oposto à teoria tradicional.

O fundamento epistemológico da gestão social deve ser oposto àquele da teoria tradicional, enfoque teórico que fundamenta a gestão estratégica – monológica -,

como os sistemas-empresa estão para o mercado. Ao contrário, a base epistemológica da gestão social deve ser a intersubjetividade – dialogicidade -, como a política, como o bem comum, contemplando o envolvimento da cidadania no espaço público e do trabalhador no espaço privado (Tenório,1998, p. 22).

De forma sucinta, na gestão social os pilares da dialogicidade e do bem comum direcionam as ações dos coletivos locais contando com a participação dos atores da sociedade, que se preocupam com o desenvolvimento local e sustentável, diferentemente da lógica que guia o mercado. Neste ponto, se entende a gestão social como “espaço de interação que parte do pressuposto da interação dos atores da sociedade e do entendimento mútuo sobre questões de interesse comum” (Cançado, 2014, p. 42). Desta forma a gestão social se torna efetiva quando há participação e a solidariedade é válida. (Cançado, 2014).

Assim, a gestão social é vista como um “lugar” em que há participação dos envolvidos em torno de um interesse em comum. Porém este não pode ser um espaço de coerção (Tenório,1998).

No processo de gestão social, acorde com o agir comunicativo, dialógico, a verdade só existe se todos os participantes da ação social admitem sua validade, isto é, verdade é a promessa de consenso racional, ou a verdade não é uma relação entre o indivíduo e a sua percepção do mundo, mas sim um acordo alcançado por meio da discussão crítica, da apreciação intersubjetiva. (Tenório,1998, p 17).

Desta forma, se torna um espaço colaborativo e dialógico em que se torna necessário haver uma governança democrática que difere da governança profissional.

A governança democrática entende, assim, ir além da solidariedade mais restrita, que garante a força de um coletivo local, para se inscrever num processo de solidariedade cidadã e ampliar o campo das competências admitidas para além das competências profissionais em uma abordagem convivial, em que o território se torna um lugar fundamental para o seu exercício (França Filho; Eynaud, 2020, p. 114).

No coletivo local, a solidariedade garante a força no território, assim o território e o seu desenvolvimento são elementos indissociáveis para se compreender “uma outra economia” pautada no coletivo e no processo dialógico e democrático e que esta é um elemento estratégico para o desenvolvimento territorial (França Filho; Eynaud, 2020).

A finalidade da busca por “uma outra gestão” estaria fundamentada por França Filho e Eynaud (2020, p.259) em “uma outra gestão que se opõe ao modelo formal e funcionalista, ela rejeita a racionalidade calculadora em favor da racionalidade substantiva em

valor, coloca a democracia no centro das questões organizacionais e visa enriquecê-la no âmbito da governança democrática, inicia um processo de desmercadorização em múltiplos níveis e abre a possibilidade de reconciliação entre a economia e o social”. Além disso, a solidariedade entre humanos e a natureza pode ser uma forma de responder aos desafios climáticos e da biodiversidade (França Filho; Eynaud, 2020).

A necessidade de reconciliação entre o econômico, social e ambiental é urgente no processo de desenvolvimento local e global, tornando necessário compreender o desenvolvimento do território de forma mais ampla a fim de potencializar as ações locais. Nesta pesquisa, o turismo comunitário de Alagados (ACTOUR) visa a integração entre o econômico e a coletividade, favorecendo o bem comum e a interação de jovens com a comunidade, além de empoderar a juventude negra na comunidade por meio de ações empreendedoras e capacitações. Mas fica a inquietação, como desenvolver o território a partir do turismo de base comunitária? O turismo comunitário (TC) ou turismo de base comunitária (TBC) surgiu no final da década de 80, trazendo em sua proposta uma alternativa ao modelo hegemônico de turismo. De forma contrária ao pensamento simplista, o TBC não se trata de um segmento do turismo que se assiste de forma assistencialista, em que as pessoas que ali residem são vitimizadas e inferiorizadas (Morais, 2020), mas é um movimento de resistência, defesa e preservação da cultura local, em sua maioria sendo protagonizado por jovens. Se constitui de forma dialógica, colaborativa e participativa (França Filho; Eynaud, 2020).

Na esteira do advento do paradigma do desenvolvimento sustentável, floresceram concepções alternativas de turismo — como o Turismo de Base Comunitária — preocupadas com o protagonismo das comunidades locais na atividade turística. Por sua vez, um entendimento comum da maioria dos porta-vozes das comunidades locais e das ONG pesquisadas se refere a como esse movimento vem impulsionando e fortalecendo as articulações de estratégias para as lutas em defesa dos territórios tradicionais, que tiveram origem no final da década de 1980. Mas, reconhecendo a necessidade de ampliação das ações realizadas (Moraes, 2020; Ozorio, 2022, p.66).

No entanto, este movimento obteve destaque inicialmente no Forum Social Mundial em 2002 em Porto Alegre, sendo apresentado por meio de uma proposta de turismo cujo fundamento estaria na autogestão das comunidades (Morais, 2020). As atividades do TC na Bahia estão substanciadas na lei ordinária do Estado da Bahia nº 14.126, de 24 de setembro de 2019 (Bahia, 2019). De acordo com a lei, o termo TC possui o mesmo significado de TBC.

O turismo comunitário [...] poderá ser realizado nas áreas em que existam povos e comunidades da cidade, do campo, das florestas e das águas: I – povos e comunidades

tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição; II – comunidades e terras indígenas; III – comunidades quilombolas; IV – comunidades de pescadores artesanais; V – unidades de conservação; VI – favelas e comunidades populares urbanas; VII – comunidades de assentamentos rurais de reforma agrária e do crédito fundiário e similares, reconhecidos pelos órgãos oficiais de reforma e desenvolvimento agrário; VIII – outras comunidades de agricultores familiares reconhecidas pela legislação específica, incluindo as comunidades do alimento do Slow Food; IX – povos e comunidades tradicionais de terreiros (Bahia, 2019, p.1).

O turismo comunitário é compreendido como um modelo de desenvolvimento turístico, orientado pelos princípios da economia solidária, associativismo, valorização da cultura local, e, principalmente, protagonizado pelas comunidades locais (*MTur*,2008). O TC se “diferencia do turismo convencional por possuir um modelo de gestão que incentiva a autonomia e a autogestão da comunidade na formulação de planos estratégicos para o desenvolvimento turístico de modo participativo, considerando a sustentabilidade sociocultural e ambiental” (Silva; Castriota, 2018, p.242). Neste sentido a autogestão se relaciona com a coletividade.

A construção da autogestão como modelo organizacional ideal das organizações coletivas vai além da posse dos meios de produção. Envolve também o rompimento de relações e de estruturas de poder legitimadas nas organizações baseadas na heterogestão (típica de empresas capitalistas). Nesse sentido, a autogestão não significa apenas a autonomia da governança e do processo decisório exercido pelos membros da associação. A prática autogestionária, em sua essência, representa a construção cotidiana da autonomia dos associados, rompendo com qualquer prática autoritária (Rigo, 2014, p.22).

O TBC surgiu como uma alternativa que se contrapõe à lógica do turismo tradicional, que por vezes provoca o processo de “gentrificação”, que acontece quando um território devido ao turismo e especulações imobiliárias se valoriza, e os moradores locais são obrigados a ir para outro local.

Os processos de gentrificação urbana e exploração turística, nas últimas décadas, principalmente, passaram a atuar conjuntamente em diferentes cidades e vêm extrapolando cada vez mais aqueles espaços tradicionais que se convencionaram como locais turísticos. Comumente tais lugares estão/estavam relacionados a balneários, cidades serranas ou cidades de importância histórica e arquitetônica que há muito tempo representavam destinos turísticos internacionais. Não que nestes lugares tenha diminuído o fluxo de turistas, já que o processo de gentrificação tem causado a expulsão dos moradores locais, substituídos pelo alojamento para turistas. (Martins, 2019, p.3).

Desta forma, o TBC surge como uma forma de resistência e defesa em relação ao turismo convencional. Segundo Moraes (2020) a maioria das experiências do TBC deriva de áreas rurais e que atualmente se expandiu para áreas urbanas, como as favelas. E ainda para o autor o turismo comunitário tem em suas bases o fortalecimento de identidade e senso de pertencimento:

Nessas iniciativas há o reconhecimento do protagonismo das comunidades locais, assim como a prevalência da gestão comunitária no processo. O movimento coletivo pela busca por desenvolvimento local, pelo fortalecimento do sentido de pertencimento, pela afirmação das identidades locais e pelo respeito às tradições e valorização cultural constituem também eixos comuns dessas iniciativas. O TBC é ainda entendido como complemento e não como substituição às demais atividades produtivas locais. Além disso, defendeu-se que o turismo comunitário seja desenvolvido de modo integrado à dinâmica produtiva local, orientando relações comerciais e de intercâmbio, com base na ética e na solidariedade, para a geração e a distribuição equitativa da renda e a valorização da produção, da cultura e das identidades locais (Moraes, 2020, p.150-156).

Para Almeida e Emmendoerfer (2020), o turismo de base comunitária (TBC) contribui para o desenvolvimento local sustentável (DLS) que é capaz de “suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações” (WWF, 2023). O TBC contribui para o DLS gerando diferentes benefícios: econômicos, ecológicos, sociais, culturais e políticos, como demonstra figura abaixo:

Figura 1. Contribuições do TBC para o DLS



Fonte: Almeida e Emmendoerfer (2020) - Adaptado

Deste modo, o Turismo Comunitário é uma importante atividade dentro da comunidade, pois está embasada em um movimento de luta e resistência pelo território.

3 IDENTIFICAÇÃO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS

3.1 TRAJETÓRIA DO ESTUDO SOBRE EMPREENDEDORISMO

Esta seção trata do histórico do surgimento do empreendedorismo tradicional, políticas públicas para o empreendedorismo e a sua dinâmica dos dias atuais.

Etimologicamente a palavra “empreendedorismo” se deriva de *imprehendere*, do latim. O nome empreendedorismo se originou pela expressão inglesa *entrepreneurship* (Baggio, K.; Baggio, F.,2014). Já o termo “*entrepreneur*”, que traduzido é empreendedor, surgiu em meados anos 70 e 80 quando novos postos de trabalho surgiram com pequenas e médias empresas, sendo desta forma evidente os seus impactos na economia dos países. Drucker (1986) ajudou a difundir o termo a fim de denominar este novo arranjo econômico que gerava novos empregos, gerando também desenvolvimento econômico. Desta forma, o crescimento dos negócios tende à geração de emprego e renda, o que é de fundamental importância para o crescimento de um país.

Para Schumpeter (1982), a inovação e a criação de negócios pelos empreendedores geravam o desenvolvimento econômico dos países, pois era necessário que “alguém” constantemente provocasse o desequilíbrio da produtividade das organizações, implementando novas formas de atuar sobre recursos com ganhos econômicos com as formas preexistentes, dessa forma gerando inovações. E ainda segundo Michels *et al.* (2018), incentivar o empreendedorismo representa uma estratégia de política pública para o crescimento econômico local, já que promove a criação de novos empregos e o aumento de potencialidades e produtividade. O empreendedorismo teria também papel fundamental no autoconhecimento do indivíduo.

O empreendedorismo é o despertar do indivíduo para o aproveitamento integral de suas potencialidades racionais e intuitivas. É a busca do autoconhecimento em processo de aprendizado permanente, em atitude de abertura para novas experiências e novos paradigmas. (Baggio, K.; Baggio, F., 2014, p.26).

O empreendedorismo possui duas teorias principais que são: A teoria econômica e a teoria comportamentalista. Segundo Baggio & Baggio (2014), a teoria econômica teria como foco o ser empreendedor e as dinâmicas quanto ao impacto econômico, tendo como um dos seus precursores Joseph Schumpeter. Já a teoria comportamentalista, tem como referência a psicologia, buscando entender a motivação e comportamento humano ligado ao empreendedorismo, tendo como principal autor David C. McClelland. A seguir será realizada uma breve discussão sobre a atualidade que se desdobra com base nas duas teorias

Com base na teoria econômica, no cenário econômico brasileiro, segundo o SEBRAE (2023) os pequenos negócios representam 99% das empresas brasileiras. Quando se problematiza o empreendedorismo, também se aborda o ambiente de negócios, ou seja, o cenário em que esses negócios serão gerados e que determinarão o seu desenvolvimento, inanição ou mortalidade. No ano de 2023 foi criada a medida provisória nº 1.187 (Brasil, 2023) que cria o Ministério do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte. A pasta é responsável por fomentar políticas públicas que beneficiem os Microempreendedores Individuais (MEI), além das micro e das pequenas empresas do país. O objetivo é promover ações que estimulem a formalização e abertura de novos empreendimentos, o crescimento e a geração de emprego e renda.

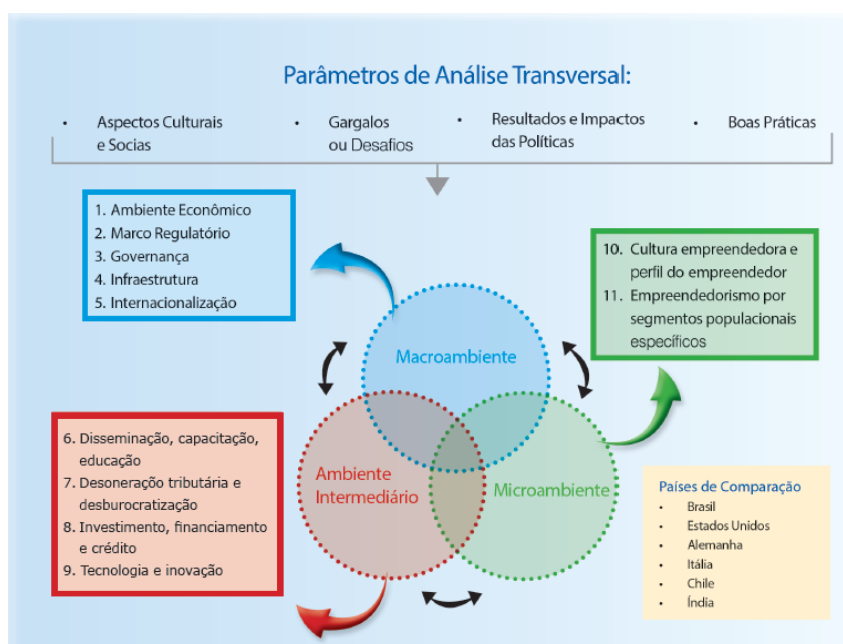
Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC (2012), a necessidade de “construção de uma política nacional de empreendedorismo e negócios no Brasil está relacionada à necessidade de criação de um ambiente socioeconômico, político e tecnológico favorável à criação e ao desenvolvimento de empreendimentos sustentáveis”.

De acordo com o MDIC (2012), nas políticas de apoio ao empreendedorismo (FIGURA 2), este ambiente se divide em três análises: Macroambiente, Ambiente Intermediário e Microambiente. O macroambiente se desdobra em ambiente econômico, marco regulatório, governança, infraestrutura e internacionalização que são fatores que irão influenciar os negócios de forma macro. Já o ambiente intermediário se divide em disseminação, capacitação, educação, desoneração tributária, investimento, financiamento, crédito, tecnologia e inovação. No microambiente se destacam a cultura empreendedora, perfil do empreendedor, empreendedorismo por segmentos populacionais específicos, em que se há um recorte para

microrregiões do país.

No modelo aplicado para configurar a estrutura que compõe a elaboração da Política Nacional de Empreendedorismo e Negócios, se considerou o contexto ambiental favorável à competitividade, aspectos que possuem maior impacto no ecossistema empreendedor (MDIC, 2012).

Figura 2 - Matriz de análise das políticas nacionais de apoio ao empreendedorismo



Fonte: MDIC (2012)

Em relatório divulgado pelo SEBRAE (2023) no cenário nacional, houve um crescimento de microempreendedores individuais (MEIs) maior do que o de Micro e Pequenas empresas (MPEs):

No ano de 2009 a setembro/2023, o crescimento de microempreendedores individuais (MEI) foi de 35051% (44.188 para 15.532.698) é superior ao crescimento de micro e pequenas empresas (MPE) de 113% (3.172.807 para 6.769.317). No total (MEI e MPE), o crescimento no mesmo período é de 593% (3.216.995 para 22.302.015). A taxa média de crescimento anual composta é de 52% ao ano para MEI, 6% ao ano para MPE e 15% ao ano para MEI e MPE. Ainda neste mesmo período, a participação do MEI cresceu de 1% para 70% do total das empresas cadastradas no simples nacional (SEBRAE, 2023, p.4).

No Brasil, segundo o SEBRAE (2023), atualmente os pequenos negócios possuem cerca de 30% do Produto Interno Bruto (PIB) e geram mensalmente 80% dos empregos formais. O empreendedorismo ganhou forma e atualmente se discutem temas como o

empreendedorismo por necessidade e por oportunidade. Nestas alternativas se revela a disparidade quanto às oportunidades, pois o racismo e a consequente exclusão social se arrastam ao longo do tempo, pois o empreendedorismo por oportunidade ainda não é uma realidade nas diversas comunidades do Brasil, como representa o relatório do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) (2022) que realiza uma análise geral de negócios no País. Para o GEM (2022), o empreendedorismo é avaliado em um sentido amplo, alcançando dessa forma, empreendedores das mais variadas matrizes, com negócios formalizados ou não. No conceito do GEM (2022) o empreendedorismo tem abrangência de negócios formais e informais e sua atividade se inicia antes da criação de um negócio.

O empreendedorismo é qualquer tentativa de criação de um novo empreendimento (formal ou informal), seja uma atividade autônoma e individual, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente, e além disso a atividade empreendedora se inicia antes mesmo da criação do negócio (GEM, 2022).

Neste relatório (GEM,2022), se percebe que a maior motivação para empreender para os empreendedores nascentes, novos e iniciais, é a de “ganhar a vida porque os empregos são escassos”, como demonstra a tabela abaixo:

Tabela 1. Percentual dos empreendedores segundo as motivações para iniciar um novo negócio (Brasil – 2022)

Motivação	Percentual dos Empreendedores (%)		
	Nascentes	Novos	Iniciais
Para ganhar a vida porque os empregos são escassos	83,3	81,3	82,0
Para fazer diferença no mundo	79,4	72,6	75,2
Para construir uma grande riqueza ou uma renda muito alta	73,0	59,1	64,3
Para continuar uma tradição familiar	49,9	40,6	44,1

Fonte: GEM Brasil (2022).

Desta forma na tabela 2 a seguir reforça que o empreendedorismo por necessidade no Brasil ainda é acentuado nos empreendimentos nascentes com 51,2%.

Tabela 2. Empreendedorismo por necessidade como proporção da taxa de empreendedorismo inicial (TEA), nascente e novo (Brasil 2020-2022)

Estágio	Empreendedores por necessidade (em %)		
	2020	2021	2022
Nascentes	53,9	49,6	51,2
Novos	47,9	49,3	44,6
Iniciais	50,4	48,9	47,3

Fonte: GEM Brasil (2022)

Com relação à escassez dos postos de trabalho e sua relação com o empreendedorismo por necessidade, se reflete na perversa lógica neoliberalista de acordo com Cohen e Harvey (2010 *apud* Collins; Bilge, 2022, p. 38) “em que cada um é responsável por seus problemas: a resolução dos problemas sociais se resume à autoconfiança dos indivíduos”. Esse modelo de relação entre capital e trabalho, em que os direitos são esvaziados e há flexibilizações trabalhistas são resquícios das relações escravocratas como cita Oliveira (1981):

Convém recuar um pouco na história brasileira para apanhar um elemento estrutural do modo de produção: o escravismo. Sem pretender refazer toda a interpretação, é possível reconhecer que o escravismo se constituía em óbice à industrialização na medida em que o custo de reprodução do escravo era um custo interno da produção; a industrialização significará, desde então, a tentativa de “expulsar” o custo de reprodução do escravo do custo de produção. (Oliveira, 1981, p. 66)

Cabe ressaltar ainda, sobre a importância da interseccionalidade para reflexão sobre os diferentes níveis de desigualdade no mundo e no Brasil quanto a raça, classe, gênero e outras categorias, e que isto se agrava à medida em que se aprofunda o nível interseccional. Segundo Collins e Bilge (2020), o termo interseccionalidade apesar de ser amplo e de diversas percepções, em um entendimento mais genérico se define como:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (Collins; Bilge, 2020, p. 17)

Neste ponto de partida, o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica se torna de suma relevância para compreender aspectos complexos como os de desigualdade e injustiças sociais.

O uso da interseccionalidade como ferramenta analítica aponta para várias dimensões importantes do crescimento da desigualdade global. Primeiro, a desigualdade social não se aplica igualmente a mulheres, crianças, pessoas de cor, pessoas com capacidades diferentes, pessoas trans, populações sem documento e grupos indígenas. Em vez de ver as pessoas como uma massa homogênea e indiferenciada de indivíduos, a interseccionalidade fornece estrutura para explicar como categorias de raça, classe, gênero, idade, estatuto de cidadania e outras posicionam as pessoas de maneira diferente no mundo. Alguns grupos são especialmente vulneráveis às mudanças na economia global, enquanto outros se beneficiam desproporcionalmente delas. A interseccionalidade fornece uma estrutura de interseção entre desigualdades sociais e

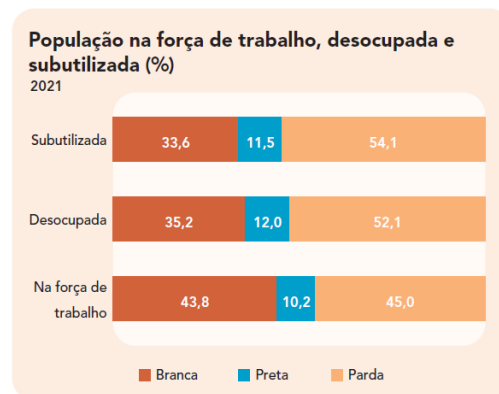
desigualdade econômica como medida da desigualdade social global. (Collins; Bilge,2020, p.35)

Nesta visão de interseccionalidade, segundo dados do SEBRAE (2022), o rendimento médio dos empresários negros é 32% inferior aos dos empresários brancos. Essa disparidade permanece quando se comparam os empreendedores negros em relação aos brancos, os primeiros são mais jovens e menos escolarizados, além disso, são os que mais trabalham sozinhos (conta própria), seu empreendimento são os menores e têm o menor rendimento, apresentam uma maior proporção quanto a serem responsáveis pela renda da família. Quando se faz um recorte interseccional para mulheres negras que são empreendedoras, a disparidade se acentua. Durante a pandemia foram as mais prejudicadas e ainda encontram dificuldade na sua recuperação, o menor rendimento médio real, são as que mais trabalham sozinhas e seus empreendimentos possuem o menor porte (SEBRAE,2022). Isto reforça que a exclusão quanto à educação, às oportunidades de trabalho são negadas para os jovens negros. E assim, os faz escolher empreender não porque surgiu um aporte financeiro para o seu potencial negócio ou organização social ou ainda porque fizeram uma pesquisa de mercado detalhada e se descobriu uma oportunidade, mas pela necessidade de resistência para sua existência.

Um importante exemplo histórico de atividade comercial no Brasil que se intensificou entre o século XVII e XIX com a chegada dos africanos é o caso das mulheres africanas que tinham como função trabalhar com a alimentação nas ruas, como as baianas de acarajé, conhecidas também como “ganhadeiras”

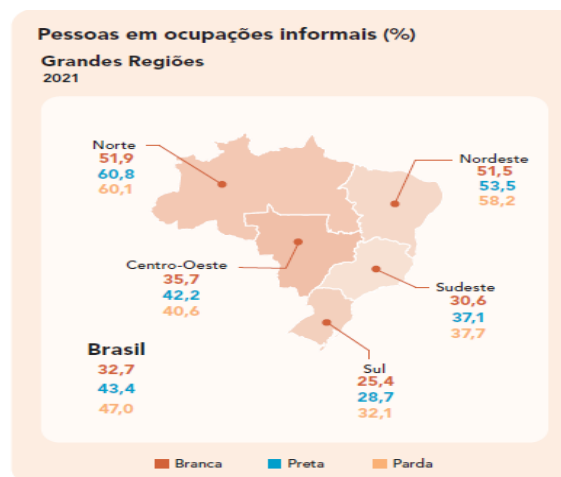
As relações escravistas nas ruas de Salvador do século XIX se caracterizavam pelo sistema de ganho. No ganho de rua, principalmente através do pequeno comércio, a mulher negra ocupou lugar destacado no mercado de trabalho urbano. Encontramos tanto mulheres escravas colocadas no ganho por seus proprietários, como mulheres negras livres e libertas que lutavam para garantir o seu sustento e de seus filhos. (Soares,1996, p. 57).

Desta forma, o empreendedorismo com recorte para o Brasil e especificamente na cidade de Salvador tem em sua base, um empreendedorismo por necessidade. Uma pesquisa feita pelo IBGE em 2021, ainda com reflexos do COVID 19 mostra que os jovens negros e principalmente mulheres foram os mais afetados pelo momento de crise econômica e sanitária do mundo. Como demonstra o gráfico abaixo:

Tabela 3. População na força de trabalho, desocupada e subutilizada no Brasil

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – IBGE (2021)

De acordo com a pesquisa realizada, com a junção dos requisitos de força de trabalho que corresponde às “pessoas que buscaram trabalho, mas os postos de trabalho não estavam disponíveis” e “às pessoas que não buscaram trabalho, mas estavam disponíveis” é de 45%, desocupadas/desempregadas são 52,1% e subutilizadas 54,1% aparecem disparadamente na população parda, que conjuntamente com a população preta ficariam em força de trabalho com 55,2 %, desocupada com 64,2% e subutilizada com 65,6 %. Ou seja, a população negra se alocou nesse período em trabalhos precarizados ou estiveram desempregados. Como demonstra a imagem abaixo (**FIGURA 3**) sobre ocupações informais em 2021 no país:

Figura 3. Pessoas em ocupações informais nas grandes regiões do Brasil

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – IBGE (2021)

A Figura 3 mostra que os maiores índices de pessoas pretas e pardas em trabalho informal se destacaram a região norte respectivamente com 60,8% e 60,1% e a região nordeste com 53,5% de pessoas preta e 58,2% de pessoas pardas em 2021. Representando em conjunto com

outras regiões do país o total de 43,4% e 47% de pretos e pardos, respectivamente.

Comparado ao relatório do GEM (2022), com recorte por raça /cor houve um aumento de afroempreendedores nascentes e novos em comparação aos empreendedores brancos, ou seja, enquanto a taxa geral no Brasil de empreendedores nascentes e novos são respectivamente de 7,5% e 12,6%, com recorte para pretos/pardos é de 7,9% e 12,7 %, o que está ligeiramente acima da média do país, como demonstra a tabela abaixo :

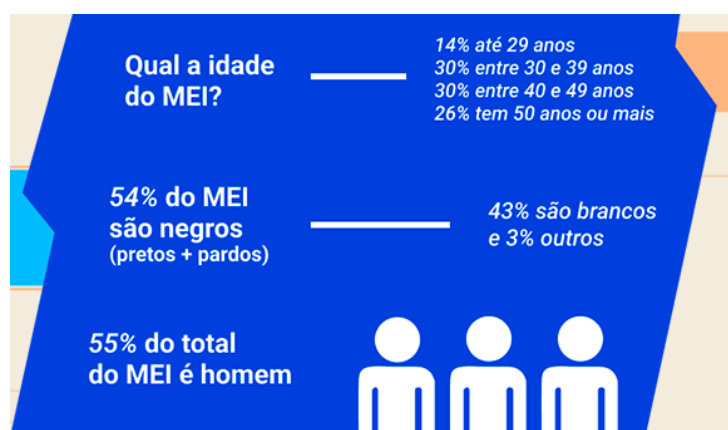
Tabela 4. Taxas específicas e variações (em %), entre 2022, dos empreendedores nascentes, novos e estabelecidos segundo a raça/cor - Brasil – 2022

Raça/cor	Taxas 2022			
	Iniciais (TEA)			Estabelecidos (EBO)
Taxa Geral	Nascentes	Novos	Total (TEA)	
	7,5	12,6	20,0	10,4
Branca	7,1	12,2	19,1	9,9
Preta ou Parda	7,9	12,7	20,5	10,6

Fonte: GEM Brasil (2022).

Com relação ao perfil do MEI no Brasil no ano de 2022, segundo pesquisa do SEBRAE (2022), este em sua maioria tem entre 30 a 49 anos e são homens negros de acordo com a figura a seguir:

Figura 4. Perfil do MEI no Brasil



Fonte: SEBRAE (2022)

Desta forma, se percebe que apesar do crescimento no número de Microempreendedores individuais (MEIs) no Brasil, ainda se enfrentam desafios quanto ao ambiente no qual estes estão inseridos e os graus de desigualdade que impactam na construção e desenvolvimento de seus empreendimentos e respectivamente na sua qualidade de vida e renda.

3.2 EMPREENDEDORISMO SOCIAL

Este tópico abordará o conceito de empreendedorismo social e o seu desenvolvimento.

A competição entre diversas organizações visando a lucratividade e guiada pela lógica de mercado anda a passos largos para um desequilíbrio social, tendo como consequências o desemprego, disparidades socioeconômicas e ambientais. As diversas demandas sociais como moradia, educação e saúde são por vezes negligenciadas pelo Estado. Esta omissão movimentou os coletivos locais que se unem para propor soluções que atendam aos desafios cotidianos enfrentados pela comunidade. As lacunas deixadas pela inação do Estado em resolver problemas sociais têm estimulado tentativas da sociedade civil de buscar alternativas práticas que solucionem as necessidades sociais não respondidas pelas instituições governamentais (Carneiro, 2023).

Dentro dessa perspectiva, o empreendedorismo social emerge de problemas e dilemas sociais como explicita Iizuka (2014):

A prática do empreendedorismo social emerge a partir dos problemas e desafios que se apresentam na sociedade e, neste contexto, busca-se amenizar ou até mesmo eliminar situações críticas e degradantes, sobretudo em relação aos aspectos sociais. Por exemplo: promover o acesso aos itens básicos, tais como água potável, luz elétrica, banheiros, moradia, acesso à informação etc; estimular a geração de emprego, trabalho e renda; concessão de microcrédito, inclusão social de grupos considerados minoritários, entre outros. Ou seja: os empreendedores sociais têm sido estimulados e desafiados a buscarem alternativas que ajudem a modificar o contexto social brasileiro de pobreza e desigualdade (IIZUKA, 2014, p. 57).

Os termos empreendedorismo social e empreendedor social foram evidenciados e difundidos entre os anos 60 e 90 (JØRGENSEN *et al.*, 2021). Para Iizuka (2014), o empreendedorismo social ainda é um conceito em construção como também é o de gestão social. O empreendedorismo social pode ser definido como indivíduos, organizações ou iniciativas que se inserem em atividades empreendedoras, cujo objetivo está voltado para o social (Bacq; Hartog; Hoogendoorn, 2013).

Enquanto o empreendedorismo clássico está atrelado ao privado e lucrativo, o empreendedorismo social está voltado para aspectos coletivos. O empreendedorismo social se operacionaliza por meio da gestão social (Iizuka, 2014).

Para Iizuka (2014, p.58), quanto à dialogicidade, “a prática dialógica entre empreendedores sociais, membros da sociedade civil, governos e até mesmo empresas privadas

parece ser algo inerente a esse tipo de empreendedorismo”. Para Jørgensen (2021), um segundo aspecto pouco explorado é a definição de ‘empreendedor social’ que se define como “único ator comunitário interno ou externo ou a própria comunidade” (Jørgensen *et.al*, 2021, p.2, tradução nossa).

No entanto, embora a perspectiva seja diferente, uma vez que o valor proposto no empreendedorismo clássico é o financeiro e no empreendedorismo social é o social ambos tipos de empreendedorismo compartilham elementos como risco, criatividade ou persistência. (Palacios-Marqués *et.al* , 2019, p. 428, tradução nossa).

O empreendedor social se assemelha aos empreendedores de forma geral, pois além da mentalidade empreendedora, o “empreendedor social deve ser capaz de forma criativa e inovadora combinar recursos existentes ou criar novos recursos orientados para um objetivo social” (Jørgensen *et al.*, 2021, p.3 tradução nossa). Isso implica no desenvolvimento de novas soluções para os problemas enfrentados pela sociedade, capitalizando os recursos, conhecimentos, competências e estruturas sociais locais (Alvord *et al.*, 2004). Para Jørgensen *et al.* (2021), a junção dos temas empreendedorismo social e desenvolvimento comunitário é pouco investigada na literatura do turismo.

3.3 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA (EE)

Neste tópico serão abordados os principais autores que buscam compreender o que é educação empreendedora, desdobrando-se em competências empreendedoras.

Um dos principais autores encontrados em pesquisas realizadas que possuem como principal abordagem o tema Educação Empreendedora no Brasil, é o Fernando Dolabela, consultor e palestrante internacional, cofundador do *World Entrepreneurship Fórum*, (França) e do *Empreendesur*, (América Latina), autor do maior *best seller* na área, “O segredo de Luísa” e de um dos maiores programas de educação empreendedora para a Educação Básica e Universitária. Em seu livro “Quero construir minha história” ressalta a importância da família no ensino do empreendedorismo.

Entre as organizações, a *Junior Achievement* (JA) é uma organização social que tem promovido a educação empreendedora nas escolas para jovens e crianças. Sendo esta fundada em 1919, ou seja, há mais 100 anos, é uma das primeiras organizações a trazer programas de

empreendedorismo para crianças e jovens da América Latina.

Segundo Mintzberg (2006), a educação significa “mãos livres”, do contrário não será educação, ou seja, é necessário haver liberdade de pensamento permitindo assim ideias inovadoras, criativas, e que até mesmo algumas que pareçam irreais ou impraticáveis do ponto de vista convencional. Deste modo, para o autor “as pessoas aprendem quando afastam suas descrenças e passam a aceitar ideias desafiadoras que podem remodelar o seu pensamento, a educação é isso” (Mintzberg, 2006, p. 232). Nestes moldes o indivíduo se permite criar e inovar nos mais diversos cenários e situações, a educação se torna um processo participativo e colaborativo.

O acesso à educação em seus diversos níveis é um importante pilar para a construção de uma sociedade mais igualitária, próspera e justa. O Ministério da educação (MEC) em suas atribuições definiu a Base Nacional Comum Curricular – BNCC como referência obrigatória para elaboração dos currículos escolares para a educação no país. Nesse contexto se insere a educação empreendedora que tem como objetivo “desenvolver pessoas para o empoderamento, atitudes e mentalidade empreendedoras, para que possam encontrar soluções para os mais diversos problemas pois empreender vai além da criação de um negócio ou ter uma empresa” (SEBRAE, 2017). Com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), a educação empreendedora se fortaleceu no ensino básico, uma vez que a BNCC também visa ao desenvolvimento de competências essenciais.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define 10 (dez) competências gerais da educação básica, que se relacionam e devem passar por todas as etapas da educação (Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), que são: Conhecimento, pensamento científico, crítico e criativo, repertório cultural, comunicação, cultura digital, trabalho e projeto de vida, argumentação, autoconhecimento e autocuidado, empatia e cooperação e responsabilidade e cidadania. Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem garantir aos estudantes o desenvolvimento de 10 (dez) competências gerais, concretizando assim os direitos de aprendizagem e desenvolvimento.

Pela BNCC (2018, p. 8), o termo “competência” é definido como “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”. Segundo a BNCC (2018, p.8) “as competências gerais da Educação Básica apresentadas, para as três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), articulam-se na construção de

conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores, nos termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB)”. Com isto os estudantes poderão ter conhecimentos, habilidades e atitudes que o auxiliarão quanto ao mercado de trabalho, a ter um direcionamento principalmente para a vida pessoal como indivíduo e seu papel social. Entendendo a importância deste fenômeno por parte dos governos em diversos países, as universidades e escolas têm buscado implementar a educação empreendedora (EE) ao ensino.

Para isso, na última década, a EE tem sido cada vez mais incorporada em currículos de ensino superior em diferentes níveis (bacharelado, mestre e doutorado) e em diferentes áreas de estudo (não apenas negócios e economia, mas também ciências sociais, naturais e engenharia (Mustar, 2009; Shinnar, 2009; Souitaris, 2007, tradução nossa).

O ensino em empreendedorismo tem sido reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em todo mundo como um dos importantes pilares da educação (Lima *et al.*, 2015). Neste sentido, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) atua há 50 anos impulsionando empreendedorismo no Brasil e nas escolas e Universidades do país promove a Educação Empreendedora por meio do programa Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP), além disso, possui o Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora (CER) (SEBRAE, 2020). Dolabela (2003 *apud* Carvalho *et al.*, 2022) traz uma proposta de metodologia de ensino de empreendedorismo para crianças e jovens, chamada Pedagogia Empreendedora, que tem como objetivo ajudar o aluno da Educação Básica na construção do seu sonho estruturante – aquele que pode ser alcançado por meio de ações.

Discute-se também o fato de alunos serem expostos a um ambiente familiar empreendedor e como isto influencia nas suas escolhas quanto ao seu futuro profissional e acadêmico, em que uma família empreendedora proporciona um ambiente singular de aprendizagem (Hamilton, 2011). Desta forma a exposição a uma família empreendedora pode afetar o desejo de um estudante por uma carreira empreendedora, em geral e na empresa familiar (Block *et al.*, 2013; Laspita *et al.*, 2012). Além disso, por meio da exposição ao empreendedorismo, os estudantes são mais propensos a reconhecer e se conformar com modelos de papel empreendedor (Chlosta *et al.*, 2012) e perceber o empreendedorismo como uma carreira mais legítima. E ainda de acordo com Hahn (2019) em sua pesquisa os resultados confirmam a importância da família empreendedora como um ambiente de aprendizagem

(Hamilton, 2011), o artigo também avança quanto à integração da instituição educacional e da família como relevante para o processo de aprendizagem dos alunos.

A partir disso, é possível contextualizar a educação básica com a importância do desenvolvimento das CE's desde a infância. O modelo de aprendizagem contínua, defendido pelo *Consortium for Entrepreneurship Education*, que traduzido é Consórcio para a Educação Empreendedora (2004), evidencia a existência de diferentes estágios quanto ao desenvolvimento das competências empreendedoras, ao longo da vida. Portanto, é um processo que se inicia quando os valores da criança estão sendo formados e ela com a educação e experiências posteriores, vai adquirindo habilidades, conhecimentos básicos, competência. Tais especialistas alertam que desde a educação infantil é necessário que se estimule o desenvolvimento de posturas, atitudes, habilidades e aptidões empreendedoras e que esse esforço deve ser continuado nos níveis seguintes de educação (Consórcio para a educação empreendedora, 2004). O objetivo é orientar estes de forma empreendedora ante as oportunidades para que se forme indivíduos preparados para alcançar seus objetivos de forma bem-sucedida, independentemente de iniciarem ou não novas empresas (Dolabela, 2003).

De acordo com Lopes (2010), este modelo indica que a educação fundamental para o empreendedorismo deve focar mais no desenvolvimento de qualidades e competências pessoais e em conscientizar os alunos sobre as opções de carreira de autoemprego e empreendedora. Enfatizando a necessidade de priorizar a exposição dos alunos a situações reais que ofereçam a oportunidade de administrar, arriscar e aprender com os resultados das próprias ações. O relatório da União Europeia (2002) destaca essa importância:

No nível da educação do ensino fundamental, o ensino de empreendedorismo objetiva desenvolver nos alunos qualidades pessoais como criatividade, iniciativa e independência, que contribuam para o desenvolvimento da atitude empreendedora, que será útil em suas vidas e em qualquer tipo de trabalho. Nessa fase, formas autônomas e ativas de aprendizagem devem ser desenvolvidas. Além disso, esse ensino deve prover os primeiros contatos com o mundo dos negócios e certo entendimento do papel dos empreendedores na comunidade. Atividades podem incluir trabalho em projetos, aprender brincando, apresentação de estudos de casos simples e visitas a empresas locais (European Commission, 2002, p.15)

Dolabela (2003, p. 52) cita que o “ensino de empreendedorismo se baseia muito mais em fatores motivacionais e em habilidades comportamentais do que em conteúdos instrumentais”. No ciclo de aprendizagem empreendedora descrito por Dolabela (2003, p.34), “primeiro o indivíduo desenvolve um sonho - um projeto de futuro que deseje implementar ou algo que deseje alcançar ou se tornar. Depois deve procurar formas de concretizar este sonho,

e para isso deve identificar e aprender o que seja necessário para realizá-lo”.

Desta forma, entende-se que a efetividade dos projetos e ações voltados para a EE dependem dos diversos atores sociais, incluindo professores, alunos, comunidade, empresas e governo. Segundo Carvalho (2022), a inserção e desenvolvimento da educação empreendedora nas escolas não se trata de uma responsabilidade apenas da escola. Para Carvalho (2022) eles devem pautar a educação empreendedora, por meio da busca por recursos internos (qualificação dos profissionais das instituições de ensino, materiais e equipamentos para a realização de projetos, por exemplo) e externos (como parcerias com empresas e comunidade), além da importância da promoção de uma cultura empreendedora, que envolverá políticas governamentais e o apoio de toda a sociedade.

3.4 COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS

O mundo se tornou cada dia mais dinâmico, dentro desta dinamicidade se inclui o desenvolvimento tecnológico e a complexidade nas relações interpessoais. Dessa forma, é uma realidade que impacta nas relações sociais e profissionais, exigindo cada vez mais dos indivíduos um conjunto de competências que se tornam necessárias para lidar com esta nova realidade. De acordo com Santos (2011, p.213), o “conceito de competência pode estar vinculado ao **plano organizacional** (competências organizacionais e essenciais), **das pessoas** (competências individuais) e **dos países** (sistemas educacionais e formação de competências)”. No presente tópico, quanto aos estudos de competências se terá o recorte para competências organizacionais e competências individuais: francesa e americana, ao final se direciona para as competências empreendedoras (CE's). Um dos autores que iniciaram o estudo de competências para o empreendedorismo foi o psicólogo norte-americano, McClelland. Em seu estudo, pesquisou sobre as características comuns aos indivíduos considerados empreendedores. As competências organizacionais ganharam destaque por meio de Prahalad e Hamel na década de 90 com a publicação “*The Core Competence of the Corporation*”, que traduzido quer dizer “A Competência Essencial da Corporação”.

Na atualidade, o conceito de competência individual tem se desenvolvido conjuntamente com a dinâmica social e complexidade dos processos. Percorrendo a literatura francesa, Zarifian (2001 *apud* Souza; Bahia; Vitorino, 2020) iniciou seus estudos sobre competências individuais com a publicação “objetivo da competência”, na obra decorrente do

processo de evolução e complexidade dos processos se aborda sobre as competências direcionadas principalmente para indivíduo e não apenas para sua ocupação funcional (Souza; Bahia; Vitorino, 2020).

De acordo com Zarifian (2001 apud Souza; Bahia; Vitorino, 2020), a competência se manifesta na ação. Segundo o autor, “a competência é um entendimento prático de situações que se apoia em conhecimentos adquiridos e os transforma na medida em que aumenta a diversidade das situações” (Zarifian, 2001, p.72 *apud* Souza; Bahia; Vitorino., 2020, p.66). Este ainda, relaciona que “a competência só se manifesta na atividade prática” (Zarifian, 2001, p.67 *apud* Souza; Bahia; Vitorino, 2020, p.67).

A competência profissional é uma combinação de conhecimentos, saberes, experiências e comportamentos, exercidos num contexto específico. É constante durante a sua implementação numa situação profissional a partir da qual é válido. Cabe portanto à empresa identificá-lo, avaliá-lo, validá-lo e fazê-lo evoluir. (Zarifian, 1999, p. 67, tradução nossa)

As competências se desdobram em três dimensões que são conhecimentos, habilidades e atitudes (CHA) exercidas numa situação específica. A dimensão conhecimento está relacionado às informações adquiridas e assimiladas, o que faz o indivíduo compreender o mundo em que vive, remete-se ao ‘saber’. A dimensão das habilidades se relaciona ao ‘saber-fazer’, o que seria a capacidade de usar o conhecimento adquirido em uma ação com um propósito específico. Quanto às atitudes, se refere ‘querer-saber fazer’ que se relaciona aos aspectos sociais e afetivos com relação ao trabalho (Zarifian, 2001 *apud* Souza; Bahia; Vitorino, 2011, p.370).

Para Zarifian a competência se manifesta num posto de trabalho, ou seja, na prática, na resolução de uma situação cotidiana do profissional.

A competência é, de facto, a de um indivíduo (e não a qualificação de um trabalho) e manifesta-se e aprecia-se quando se vive uma situação profissional (a relação prática do indivíduo com a situação, portanto a forma como o confronta, está no coração da competência (Zarifian, 1999, p. 68, tradução nossa).

Num contexto coletivo, os conhecimentos são compartilhados por todos na sua coletividade, gerando visão, valores e novos saberes na organização. E estas atitudes se desdobram em ações cotidianas que requerem conhecimentos e habilidades para certa efetividade.

Figura 5. Competências por Zafiran (2001) - Adaptado



Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com Durand (1998, *apud* Barreto; Leone; Angelon, 2016) que contempla a abordagem americana de competência individual, esta é uma combinação de conhecimento, habilidades e atitudes (CHA). Para Fleury e Fleury (2001), as competências devem contribuir tanto para o valor econômico para a organização quanto para o desenvolvimento social para o indivíduo.

A noção de competência aparece associada a verbos como saber agir, mobilizar recursos, integrar saberes múltiplos e complexos, saber aprender, saber se engajar, assumir responsabilidades, ter visão estratégica. As competências devem agregar valor econômico para a organização e valor social para o indivíduo (Fleury E Fleury, 2001, p.187).

Juntamente com Zafiran os autores Lau e Man (2002) utilizam uma perspectiva mais próxima da abordagem francesa, isto é, comportamental, dinâmica e processual de competências. Segundo Lau e Man (2002, p.124, tradução nossa), na perspectiva de competências empreendedoras, estas são “consideradas uma característica de nível superior que abrange traços de personalidade, habilidades e conhecimentos e, portanto, podem ser vistas como a capacidade total do empreendedor para desempenhar com sucesso uma função profissional”. Ou seja, dessa forma elas estariam relacionadas com o perfil do empreendedor que influenciam na sua capacidade de desempenhar uma função.

Assim, as “competências empreendedoras estariam relacionadas às características psicológicas, demográficas e comportamentais dos empreendedores como fatores que influenciam no desempenho de pequenas e médias empresas” (Lau e Man, 2002, p.125).

As competências empreendedoras inseridas nos objetivos da Educação

empreendedora variam de acordo com a faixa etária dos estudantes. Como afirmam especialistas europeus, o “ensino e aprendizagem de empreendedorismo envolvem os conhecimentos, habilidades, atitudes (CHA) e qualidades pessoais apropriadas à idade e ao desenvolvimento dos alunos” (Relatório da UE, 2002, p.15).

Nesse contexto, entende-se que ser um empreendedor vai muito além de ter um negócio, porém este possui características que o definem como empreendedor, chamadas competências empreendedoras. Dessa forma, se conclui que as competências empreendedoras podem ser ensinadas, desde que o indivíduo tenha interesse nas atividades propostas para este desenvolvimento que podem ocorrer de forma cotidiana empírica ou em sala de aula por exemplo, e que o seu desenvolvimento está estritamente alinhado à prática. No entanto, muitos educadores devido a percepção histórica, ainda associam o conceito de empreendedorismo apenas à criação de uma empresa. O que não contempla de forma holística o significado de empreendedor, já que este é um indivíduo que possui competências empreendedoras (já as possui ou serão desenvolvidas ao longo da sua trajetória), não se resumindo apenas à criação de um negócio.

O empreendedorismo, como competência, aplica-se a todas as esferas da vida. Permite aos cidadãos cultivar o seu desenvolvimento pessoal, contribuir para o desenvolvimento social, entrar no mercado de trabalho como trabalhadores assalariados ou independentes e iniciar ou ampliar empreendimentos que possam ter um motivo cultural, social ou comercial. (*EntreComp*, 2016, p.18)

Snell e Lau (1994) mencionam que as competências empreendedoras são formadas por um conjunto de conhecimentos, formadas por área ou habilidades, qualidades pessoais ou características, atitudes ou visões, motivações ou direcionamentos, que assumem diferentes formas e podem contribuir para o pensamento ou ação efetiva do negócio. Ainda dessa forma, as competências empreendedoras em seus primórdios estavam sendo exclusivamente associadas a possuir um negócio. Diversas mudanças aconteceram ao longo do tempo, dentre elas a visão de que o indivíduo é protagonista da sua história, independentemente de ter um negócio ou não. Ou seja, as competências empreendedoras pertencem a um indivíduo e não ao seu negócio ou organização, independentemente de ser utilizadas em um âmbito corporativo.

Deste modo, os conceitos e autores relacionados as competências estão organizados no quadro 1:

Quadro 1. Referencial teórico de competências

COMPETÊNCIAS	AUTORES
Competências Organizacionais (Essenciais e Organizacionais)	Prahalad e Hamel (1990) Fleury e Fleury (2000)
Competências Individuais (Abordagem Francesa e Americana)	Abordagem Francesa: Zafiran (2001) Abordagem Americana: Durand (1998)
Competências Empreendedoras	Snell e Lau (1994) Lau e Man (2002) <i>EntreComp</i> (2016)

Fonte: Elaboração própria.

Uma metodologia que vem sendo divulgada mundialmente para desenvolver competências empreendedoras é o “Quadro de referência das competências para o empreendedorismo - *EntreComp* (2016)”. *EntreComp* significa a junção em inglês das palavras entre *Entrepreneurship* e *Competences*, criado pela comissão da União Europeia (UE) com o objetivo de desenvolvimento da capacidade empreendedora das organizações e cidadãos.

Um dos principais objetivos do *EntreComp* foi desenvolver uma abordagem conceitual comum que pudesse apoiar o desenvolvimento de competências para o empreendedorismo a nível europeu localmente e também para o mundo havendo sido traduzido pela Universidade de Coimbra para o idioma português. (*EntreComp*, 2016, p. 7).

A competência empreendedora, para o *EntreComp* (2016) é compreendida como um conjunto de conhecimento, habilidades e competências (CHA), seguindo aos principais autores estudados. Além disso, no quadro de referências do *EntreComp*, a competência para o empreendedorismo é vista como individual e coletiva, tendo sido elaborado com métodos mistos como revisão de literatura acadêmica, análise de estudos de caso, investigação documental e um conjunto de consultas interativas com várias partes interessadas no processo de construção do quadro, sendo este dividido em três áreas correlacionadas: Ideias e oportunidades, Recursos e em ação. Desenvolvido por diversos métodos, o quadro *EntreComp* parte do princípio de um potencial referência para qualquer iniciativa que tenha como objetivo impulsionar a capacidade empreendedora dos cidadãos.

Neste quadro do *EntreComp* (2016), se constitui em três áreas de competência inter-relacionadas e interligadas que são: “Ideias e oportunidades”, “Recursos” e “Em ação”. Essas três áreas são compostas por cinco competências, em conjunto constituem os fundamentos do empreendedorismo como competência. “Este quadro pode ser utilizado como base para o desenvolvimento de currículos e de atividades de aprendizagem que promovam o empreendedorismo como uma competência. Além disso, pode ser usado para a definição de

parâmetros destinados a avaliar as competências empreendedoras dos alunos e dos cidadãos” (*EntreComp*, 2016, p. 14)

Algumas das limitações que impulsionaram a criação do quadro se remetem ao grande interesse no desenvolvimento de capacidades, mas que apesar disso, os estudos realizados pelo *EntreComp* (2016) chegaram à conclusão de que ainda não havia um consenso sobre elementos que caracterizam o “espírito empreendedor” como competência na Europa. Porém esse desafio se estende a outros países, como o Brasil. Dessa forma, para o *EntreComp* (2006, p.15), “há a necessidade de definir e descrever o empreendedorismo como competência e desenvolver um quadro de referência descrevendo os seus componentes”. Este quadro visa estabelecer pontes entre conhecimentos e práticas vinculados ao desenvolvimento de competências empreendedoras.

A estrutura é uma fonte flexível de inspiração, para ser usada ou adaptada a diferentes contextos. Por exemplo, o *EntreComp* poderia inspirar a reforma dos currículos no setor da educação formal e da formação, a conceção de experiências práticas de empreendedorismo em contextos de aprendizagem não formal ou o desenvolvimento de ferramentas para os cidadãos avaliarem a própria proficiência empreendedora (*EntreComp*, 2016, p. 14).

De forma transversal este quadro pode ser aplicado às mais diversas esferas da vida “desde o desenvolvimento pessoal até à participação ativa na sociedade, ao reingresso no mercado de trabalho como trabalhador assalariado ou independente e também para dar início a novos empreendimentos (culturais, sociais ou comerciais)”, o que inclui empreendedorismo social (*EntreComp*, 2006, p.12). A utilização da metodologia possui limitações quando se relaciona à prática e seu uso. Isso requer uma etapa subsequente após a aplicação do quadro de referência do *EntreComp*, devendo ser avaliado para um contexto específico e, por fim, se necessário, a correção e o aperfeiçoamento de acordo com as opiniões dos praticantes e utilizadores finais (*EntreComp*, 2006). Conforme a mandala do quadro de referência para o empreendedorismo *EntreComp* (2016), as competências empreendedoras (Anexo A) estão divididas em 3 (três) campos, ou seja, grupos que englobam 5 (cinco) competências cada um.

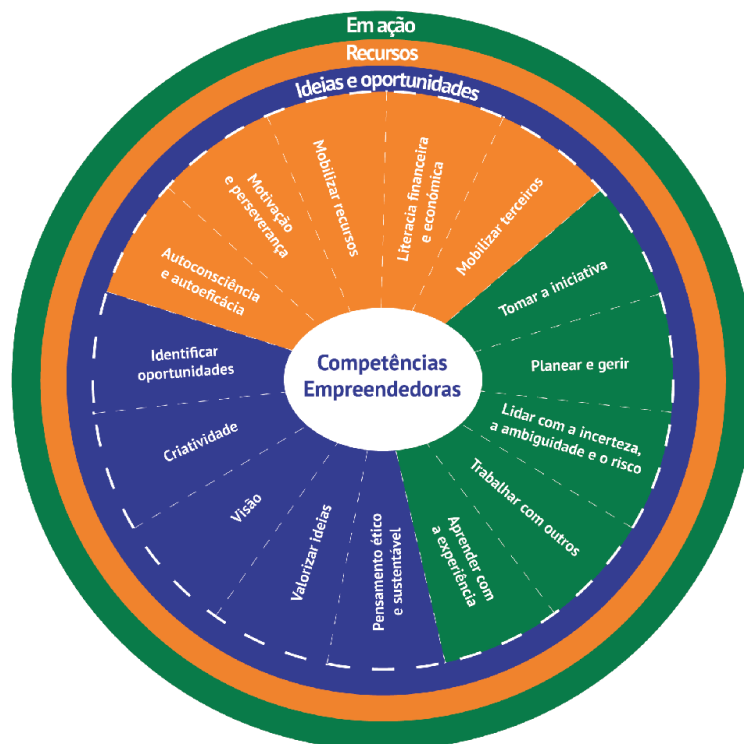
No primeiro campo denominado de “**Ideias e Oportunidades**” é formado por 5 (cinco) competências empreendedoras que são: (1) Identificar Oportunidades, (2) Criatividade, (3) Visão, (4) Valorizar ideias e (5) Pensamento ético e sustentável.

No segundo campo denominado “**Recursos**” é formado por 5 (cinco) competências empreendedoras que são: (1) Autoconsciência e Autoeficácia, (2) Motivação e perseverança,

(3) Mobilizar recursos, (4) Letramento Financeiro e Econômico e (5) Mobilizar terceiros.

No terceiro e último campo denominado “**Ação**” é formado por 5 (cinco) competências empreendedoras que são: (1) Tomar a iniciativa, (2) Planejar e gerir, (3) Lidar com a incerteza, a ambiguidade e o risco, (4) Trabalhar com outros e (5) Aprender com a experiência como demonstra a figura abaixo:

Figura 6. Mandala do quadro de referência para o empreendedorismo - *EntreComp*



Fonte: *EntreComp* (2016)

Este modelo foi testado em alguns estudos como detalham Ratiu, Maniu e Loredana (2023) em uma pesquisa nomeada “*Framework EntreComp: Uma Revisão Bibliométrica e Tendências de pesquisa*” (tradução nossa). Este estudo relata uma revisão bibliométrica da pesquisa que aborda o framework *EntreComp*, com base em documentos publicados durante os anos de 2016 a junho de 2022. O conjunto de dados foi coletado da *Web of Science Core Collection (WoS)* e totalizando 37 artigos. Esta análise inclui citações, ocorrências e análise de rede para identificar relações entre tópicos de documentos e uma descrição com as características de cada artigo. Este estudo fornece *insights* sobre pesquisas abordando a estrutura *EntreComp*, que poderão direcionar pesquisas no campo de competências empreendedoras. Nesta revisão foram encontradas alguns estudos, sendo selecionadas apenas dois que estão mais alinhados a proposta da pesquisa como, por exemplo, “Questionário *EntreComp: Uma ferramenta de autoavaliação para competências de empreendedorismo*”¹

realizada na Europa e também na América Latina, especificamente na Espanha e no Chile. Para os autores o quadro europeu de competências de empreendedorismo (*EntreComp*) oferece uma abordagem abrangente descrição do conhecimento, habilidades e atitudes que as pessoas precisam desenvolver para uma mentalidade empreendedora. A utilização do quadro como ferramenta de autoavaliação tem chamado a atenção, mas há escassa presença de instrumentos que abordem todo o conjunto de competências propostas da *Entrecomp*. Tendo em vista a falta de ferramentas específicas, o objetivo da pesquisa foi avaliar a evidências de validade e confiabilidade de um novo questionário. A amostra foi composta por 742 universitários estudantes de diversas universidades espanholas entre 17 e 64 anos, sendo 34,6% homens e 65,4% sendo mulheres. A análise fatorial mostrou uma estrutura interna composta por quatro dimensões: Ideias e oportunidades, recursos pessoais, conhecimento específico e em ação. Os resultados mostraram evidências de validade com base nas relações com a Intenção Empreendedora e o Autocapital Empreendedor e boa confiabilidade. O questionário tem propriedades psicométricas e pode ser uma ferramenta útil para a autoavaliação de competências empreendedoras no âmbito do *EntreComp*.

Já na pesquisa de Morselli e Gorenc (2021) em um estudo cujo tema é “Utilizando o *framework* *EntreComp* para avaliar dois cursos de educação para o empreendedorismo baseados no Método *Korda*”², foi testado o método Korda, um método de aprendizagem baseado na resolução de problemas para a educação por meio do empreendedorismo para estudantes do ensino secundário e superior e descreve como o quadro *EntreComp* foi utilizado para avaliar estes programas. As questões de investigação inspecionam: (1) até que ponto o quadro *EntreComp* pode ser utilizado para avaliar cursos de empreendedorismo, e (2) até que ponto o Método Korda é adequado para a EE como uma pedagogia centrada no aluno. Este estudo foi planejado como um estudo de casos múltiplos desenhado e realizado em dois contextos diferentes.

Um questionário quantitativo e qualitativo foi baseado nas três áreas de competência do *EntreComp* e nas 15 subcompetências. Nos resultados, este artigo destaca possibilidades e desafios na utilização do *framework* *EntreComp*. Alguns dos exemplos citados se sintetizam no quadro abaixo:

Quadro 2. Estudos que utilizam o framework *EntreComp* como orientação prática.

Título e Referência do Estudo	Desenho do Estudo e Objetivos/Amostra/Tamanho/País ou Região/Organizações/Instrumentos	Resultados da pesquisa/Recomendação/ Trabalho futuro
¹ Questionário <i>EntreComp</i> : Uma	Objetivo do estudo: Avaliar a validade	O questionário proposto mostrou: Um

<p>ferramenta de autoavaliação para competências de empreendedorismo.</p>	<p>e</p> <p>confiabilidade das autopercepções do questionário de competências empreendedoras proposto por Armuña.</p> <p>Participantes: 742 estudantes universitários (17 a 64 anos, 65,4% mulheres) de diferentes universidades da Espanha e do Chile com diferentes áreas de conhecimento.</p> <p>Instrumentos: <i>EntreComp</i> (22 itens), intenção empreendedora (6 itens), escalas de autocapital empreendedor (28 itens).</p>	<p>modelo</p> <p>quadridimensional (ideias e oportunidades, recursos pessoais, conhecimentos específicos, em ação) corresponde às ideias do modelo <i>EntreComp</i>; – uma validação psicométrica, boa confiabilidade e validade, correlações positivas elevadas com intenção empreendedora e escalas de autocapital empreendedor.</p> <p>Recomendação: replicar o estudo com amostras de outras populações (empresários, trabalhadores), estudos comparativos de grupos por variáveis demográficas (sexo, idade), níveis educacionais, países</p>
<p>² Usando a estrutura <i>EntreComp</i> para avaliar dois cursos de educação para o empreendedorismo baseados no método Korda.</p>	<p>Objetivo do estudo: Descrever como a estrutura <i>EntreComp</i> foi usada para avaliar o método Korda usando um estudo comparativo caso.</p> <p>Participantes: Estudantes do ensino secundário e superior. As questões de investigação referem-se a: 1. até que ponto o quadro <i>EntreComp</i> pode ser utilizado para avaliar cursos de empreendedorismo, 2. até que ponto o Método Korda é adequado para a Educação para o Empreendedorismo (EE) como uma pedagogia centrada no aluno.</p> <p>Instrumento: o questionário baseou-se nas 15 competências elencadas no <i>EntreComp</i> e incluiu questões abertas para inspecionar o contexto/situações em que a competência foi desenvolvida.</p>	<p>Para os dois cursos considerados e avaliados através do framework <i>EntreComp</i>, os resultados foram os seguintes:</p> <p>1. Foram identificadas diversas oportunidades e desafios na utilização do framework <i>EntreComp</i>;</p> <p>2. a aplicação do método Korda desenvolveu efetivamente as competências e as áreas ligadas à competência empreendedora</p>

Fonte: Ratiu, Maniu e Loredana Pop (2023) - Adaptado

3.5 MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS PELO PROTAGONISMO JUVENIL

O presente subcapítulo abordará o protagonismo juvenil na comunidade abordando as políticas públicas atuais para a juventude e a identificação de competências empreendedoras.

Segundo dados do 17º anuário brasileiro de segurança pública do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023) mostram que a maioria das vítimas são pessoas negras (76,9%), tem entre 12 a 29 anos (50,2%), do sexo masculino (91,4%), e foi morta por arma de fogo (76,5%).

Figura 7. Vítimas de mortes violentas intencionais

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023)

As estatísticas evidenciam que os jovens negros são principais alvos da violência urbana em que comitantemente o racismo se acentua, principalmente nas comunidades com abuso de violência policial e avanço da criminalidade. A juventude sempre foi vista com uma expectativa revolucionária no mundo e localmente, principalmente na sua atuação nas comunidades, exercendo o protagonismo juvenil. [...] o potencial contestador e rebelde dos jovens vai ganhando espaço, como é o caso de uma série de pesquisas que tomaram como tema principal a participação estudantil (Minayo e Boghossian, 2009, p. 415).

Se torna necessário o entendimento da “organização juvenil como componente da política brasileira de desenvolvimento territorial e esfera de relações de poder.” (Silva *et al.*, 2018, p.56). Quanto à definição de juventude, ao se obter padrões exclusivos se fracassa ao generalizar ou naturalizar determinados aspectos (Minayo e Boghossian, 2009). O conceito de juventude se compreende como “um momento do ciclo de vida e, simultaneamente, condições sociais e culturais específicas de inserção dos sujeitos na sociedade”(Minayo E Boghossian, 2009, p. 413).

Quanto à construção de políticas públicas no Brasil para a juventude, em 2005 foi criada a secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve), com “o objetivo de articular, formular e avaliar as ações voltadas para os jovens, em que essas instâncias atuam juntas para promover o desenvolvimento integral dos jovens, garantindo-lhes igualdade de acessos e oportunidades” (Brasil, 2014, p.1). O processo de construção da política nacional da juventude se apoia na execução e articulação de programas governamentais e com o incentivo aos órgãos de gestão e conselhos de juventude para o desenvolvimento de ações locais (Brasil, 2014).

No ano de 2013 foi sancionado o Estatuto da Juventude sendo apoiada a sua execução pela Lei 12.852/2013. Desta forma o estatuto especifica as necessidades já consideradas básicas para os jovens como trabalho, educação, cultura e saúde e assegura outros

direitos como o direito à participação social de forma que seja respeitada a sua diversidade (Brasil, 2014).

Dentre os princípios arrolados na referida Lei, destacam-se a promoção da autonomia, a emancipação política e a valorização e promoção da participação social e política. São, portanto, elementos do domínio da gestão social, uma vez centrados na organização da sociedade civil para participação e controle de política pública (Silva *et al.*, 2018, p.58).

Foi criado também o *Plano Juventude Viva* que ”por meio da integração de diferentes políticas públicas e forte parceria com estados e municípios, pretende desconstruir a cultura da violência contra os jovens, especialmente contra a juventude negra em parceria com a sociedade civil” (Brasil, 2014).

O resultado do desenvolvimento destas políticas foram: Número maior de jovens em ensino superior, além de milhões de jovens fora das condições de pobreza extrema e a criação de meios de participação social como conselhos e conferências nacionais (Silva *et al.*, 2018).

Para Sirvent (2004, p.414 *apud* Minayo e Boghossian, 2009) o termo “participação” refere-se “a duas formas de participação: (1) a *participação real*, quando membros de uma instituição ou grupo influem efetivamente sobre todos os processos da vida institucional e sobre a natureza de suas decisões, levando a mudanças nas estruturas de poder; e (2) a *participação simbólica*, que envolve “ações que exercem pouca ou nenhuma influência sobre a política e gestão institucional, e que geram nos indivíduos e grupos a ilusão de um poder inexistente”.

Para estimular a participação juvenil, se torna necessária a diversidade de propostas e a abertura maior para esta participação real (Minayo E Boghossian, 2009). Os espaços em que há participação são afetados pelo “encolhimento do Estado” que segue uma lógica neoliberalista, o que transfere muitas atribuições e responsabilidades do Estado para a sociedade civil. Dessa forma criando um governo ausente em diversas áreas sociais (Dagnino, 2004).

Nesse sentido, Teixeira (2001 *apud* Silva *et al*) percebe a participação dos jovens numa dimensão pedagógica que é resultante dos processos de formação, troca de experiências, que convergem para educação emancipatória fomentando a cidadania. Compreende-se a participação por vários ângulos, incluindo uma dimensão pedagógica advinda de possibilidades de processos de formação e troca de experiências que, por sua vez, se tornam fundamentais para a uma educação emancipatória, política, a qual desencadeia cidadania.

Deste modo, as competências empreendedoras emergem no contexto de

impulsionar a atuação desses jovens com o protagonismo na sua vida pessoal, profissional e na sua comunidade. Entendendo o viés prático das CE's e se relacionando com a experiência como um dos fatores para uma educação emancipatória (Freire,1987), algumas discussões emergem desta problematização.

A compreensão da relação entre o desenvolvimento de competências empreendedoras e a afetividade (processo de autoconhecimento e sua relação com a interação com a comunidade, além da dinâmica propositiva para o social, coletivo, democrático e dialógico) é um ponto importante para se debater possíveis impactos na formação dos jovens neste processo. De acordo com Gondim e Mutti (2010), em um estudo em que se teve como objetivo entender como os afetos e as estratégias de aprendizagem experiencial se inter-relacionam no desenvolvimento de competências empreendedoras, “uma alternativa para tornar o aprendiz mais ativo no processo de aprendizagem é transformar esse mesmo processo em uma experiência que possibilite a autorreflexão crítica e, conseqüentemente, a autocorreção” (Godim e Mutti, 2010, p. 195, tradução nossa). Além disso os estados afetivos possuem um papel importante no processo de aprendizagem.

Os estados afetivos são mobilizados neste processo de autorreflexão crítica e desempenham um papel na aprendizagem, promovendo ou dificultando a concretização dos objetivos instrucionais. Com base em sua crença na importância da emoção no processo de aprendizagem (Godim e Mutti, tradução nossa, 2010, p.196).

Ainda segundo as autoras, o modelo teórico de Jarvis se direciona para a relevância da emoção no processo de ensino aprendizagem, tendo a capacidade de “transformar a experiência e motivar o aluno a mudar suas estruturas de conhecimento e comportamentos anteriores” (Godim e Mutti, p. 196, tradução nossa, 2010). O processo de ensino aprendizagem se diferencia de acordo com a realidade e contexto dos indivíduos. O aprendizado em uma comunidade que compartilha saberes e experiências será diferente de uma sala de aula, em que por vezes é predominante a “educação bancária”, citada por Freire (1987). Em sua obra “pedagogia do oprimido”, Freire (1987, p.37) descreve que a humanização e desumanização se relaciona com o fato da humanidade ser consciente da sua inconclusão e que a desumanização se refere ao “anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada”. Desta forma, segundo o autor, a educação deve se desenvolver na contramão de uma educação bancária, que idealiza a participação do educador como principal ator no cenário do ensino, arregimentando seus educandos como telespectadores. Como

menciona Freire (1987):

Quanto a educação bancária a narração de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (Freire, 1987, p.37)

O desenvolvimento de competências empreendedoras requer a interação a situações desafiadoras, a resolução de problemas, a indução do pensamento e uma tomada de decisão. Como Collins e Bilge (2021) referenciam:

Paulo Freire também demonstra uma compreensão mais ampla da pedagogia que as estreitas definições técnicas que dão ênfase às competências de gestão da sala de aula ou à forma de ensinar determinada matéria [...]. Além disso, para pessoas oprimidas, algumas pedagogias chegam a aprofundar ou limitar o entendimento da justiça social. Paulo Freire considerava que as pedagogias que limitam o entendimento da justiça social eram regidas pelo que chamou de “concepção bancária da educação”. (Collins e Bilge, 2021, p.238)

Desta forma, se desenvolve a Pedagogia do Oprimido, que deve ser construída com o oprimido e não apenas para ele e que nesse processo faça este refletir sobre a opressão em que vive que tem como consequência o engajamento para a luta por sua libertação (Freire, 1987). A dialogicidade está presente neste processo de ensino-aprendizagem pois ela se opõe à lógica de ensino entre opressor e oprimido, fazendo com que o educador estabeleça a dialogicidade de forma permanente com o educando. Freire (1987) cita a dialogicidade como a essência da educação e prática da liberdade, analisando o mundo de forma crítica e fomentando a reflexão sobre problemas sociais e sua complexidade.

Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabelece uma relação dialógica permanente (Freire, 1987, p. 35)

Ou seja, a educação se desenvolve com a *práxis*, ou seja, a união dialética entre teoria e prática, com o olhar para as minorias que estão em condição dos oprimidos, e que por meio das experiências por exemplo em um coletivo local, transformam a maneira de lidar com este cenário de opressão e esvaziamento de direitos.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá, dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (Freire, 1987, p. 27)

E ainda, para Collins e Bilge (2021), os oprimidos no Brasil do século XX se relacionam com a interseccionalidade.

Os oprimidos de Paulo Freire no Brasil do século XX são análogos aos de hoje: sem-teto, sem-terra, mulheres, pobres, pessoas negras, minorias sexuais, indígenas, imigrantes sem documentos, indivíduos em cárcere, minorias religiosas, jovens e pessoas com deficiência. O uso que Paulo Freire dá aos termos “opressão” e “oprimido” evoca desigualdades interseccionais de classe, raça, etnia, idade, religião e cidadania. Por essa escolha de palavras, ele vincula as necessidades das pessoas oprimidas aos apelos em favor da justiça social. (Collins e Bilge, 2021, p. 238)

Neste sentido, a *práxis* atua como relação intrínseca ao aprendizado. Em que para Freire (1987, p.50), “não há palavra verdadeira que não seja *práxis*. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo, não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”.

A pedagogia evoca, antes de tudo, uma filosofia da educação baseada na prática, ou seja, a educação como *práxis*. Uma compreensão mais ampla da pedagogia como *práxis* pode ser encontrada, por exemplo, nos trabalhos de Nancy Naples sobre sua prática de ensino da interseccionalidade. Ela também tem relação com a justiça social, passível de ser melhorada ou adiada por práticas pedagógicas (Collins e Bilge, 2021, p. 238).

Ainda com estes vieses, para os líderes de grupos oprimidos, como por exemplo, líderes comunitários, são por vezes desafiados a refletir criticamente sobre a educação bancária: “Às vezes, as lideranças dos grupos oprimidos se esforçam para adquirir as competências de pensamento crítico que lhes permitam questionar essa educação bancária” (Collins e Bilge, 2021, p. 240). Quanto a desenvolver diversas formas de letramento, esta concepção se converge para uma característica necessária na educação para o desenvolvimento da consciência crítica. O estabelecimento entre o diálogo e troca de experiências são significativos para criar novos conhecimentos.

Outra característica pedagógica fundamental da educação para a consciência crítica diz respeito à centralidade do diálogo entre as diferenças de experiência e poder para

criar conhecimento. Em um conceito dialógico de educação, a aprendizagem implica compartilhar conhecimento com uma comunidade de educandos e educandas. (Collins e Bilge, 2021, p. 240)

O indivíduo no processo de ensino aprendizagem aprende segundo a experiência e na escola, integrado ao seu aspecto prático.

A partir do pressuposto de que o homem aprende pela experiência, Dewey afirma que, no ensino escolar, o conhecimento precisaria estar integrado a sua natureza prática. Desta forma, defende a incorporação do método experimental no ambiente escolar. Assim, a pedagogia deveria se pautar na experiência reflexiva, constituída por cinco ações gerais e correlacionadas (Galter e Favoreto, 2020, p.10).

Na experiência reflexiva seria dividida em 5 etapas: Perplexidade, previsão conjetural, exame, elaboração de uma tentativa de hipótese e aplicação de plano de ação.

1) perplexidade, confusão e dúvida devido ao fato de que a pessoa está envolvida em uma situação incompleta, cujo caráter não ficou plenamente determinado ainda”. Em seguida, explicita-se como se constitui a aprendizagem pela experiência reflexiva e destacam-se as demais ações: 2) uma previsão conjetural – uma tentativa de interpretação dos elementos dados, atribuindo-lhes uma tendência para produzir certas consequências; 3) um cuidadoso exame (observação, inspeção, exploração, análise) de todas as considerações possíveis que definam e esclareçam o problema a resolver; 4) a consequente elaboração de uma tentativa de hipótese para torná-lo mais preciso e mais coerente, harmonizando-se com uma série maior de circunstâncias; 5) tomar como base a hipótese concebida, para o plano de ação aplicável ao existente estado de coisas; fazendo alguma coisa para produzir o resultado previsto e por esse modo pôr em prova a hipótese (Dewey, 1916/1979 *apud* Galter e Favoreto, 2020, p.10).

O processo de experiência teria neste sentido um papel importante para que os educandos participassem da formulação de problemas e busca por soluções desenvolvendo também o espírito de participação (Galter e Favoreto, 2020). Dewey (1916) em sua obra “*Democracy and Education*”, traduzido “Democracia e educação” publicada no ano de 1916, a comunicação entre as pessoas seria de suma importância para o desenvolvimento da democracia, pois ainda existindo diferenças entre as pessoas e instituições estes precisariam aprender uns com os outros, por meio do diálogo se estabeleceria uma democracia participativa (Collins e Bilge, 2021). Um caso a se observar e que provoca reflexão sobre o ensino do empreendedorismo e o seu viés prático e de experiência, foi vivenciado em uma atividade por Madureira (2016), em que o objetivo da disciplina na qual estava inserida a atividade era o de “Compreender a gestão social como uma prática multidisciplinar e relacional, articulando dimensões conceituais tais como a identidade cultural, o empreendedorismo, a dramaturgia e o

jogo teatral”. Os estudantes matriculados na disciplina foram à cidade de Ipirá - BA, em uma comunidade de ceramistas com objetivo de identificar empreendedores em potencial (Madureira, 2016). Estes tiveram de forma preparatória antes de ir a campo, as capacitações em teatro, gestão social e empreendedorismo com o intuito de fomentar o empreendedorismo por meio de uma das técnicas do Teatro Fórum que é o “Teatro do Oprimido”:

No Teatro do Oprimido parte da encenação de uma situação real, estimula a troca de experiências entre atores e espectadores, através da intervenção direta na ação teatral, visando a análise e a compreensão da estrutura representada e a busca de meios concretos para ações efetivas que levem à transformação daquela realidade (Madureira, 2016, p.108).

Dessa forma, os estudantes foram às feiras na cidade em busca do empreendedor em potencial, utilizando entrevistas semiestruturadas. Ao final houve uma reunião com os estudantes, eles foram incentivados a criarem uma peça teatral que convergisse com a realidade vivida pelos ceramistas:

(...) uma peça teatral que representasse uma dessas histórias reais, com personagens que traduzissem principalmente os conflitos e dificuldades que se opõem à comunidade de ceramistas e outros atores sociais que estariam dessa forma impedindo o alcance daquilo que o empreendedor deseja, cabendo ao público intervir e sugerir soluções” (Madureira,2016, p.108).

A forma lúdica de evidenciar problemas encontrados e proposição de possíveis soluções para a comunidade de Ipirá-BA ao público de empreendedores ceramistas converge na educação no contexto de ensino-aprendizagem para um viés prático e de experiência.

No Teatro Fórum, o público interage e sugere saídas para o problema apresentado, mas nenhuma sugestão é certa e nenhuma é errada - todas podem colaborar para a reflexão. Esta técnica pode ser uma ferramenta de gestão que divide com os atores sociais a responsabilidade de pensar soluções criativas, colaborativas e participativas, de forma lúdica, para os problemas da comunidade, a qual pode enxergar numa personagem, e na sua narrativa, a síntese das suas próprias histórias. **Numa gestão democrática e participativa, ao invés de reuniões para análise de problemas da comunidade, se o gestor utilizar esta técnica, provavelmente será minimamente mais lúdico e terá uma forte tendência a recorrer a soluções oriundas da própria sociedade civil** (Madureira, grifo nosso, 2016, p. 108 e 114).

Os aspectos direcionados ao ensino-aprendizagem revelam como principais fatores neste processo: A necessidade da dialogicidade entre educador e educando, o seu viés pautado na experiência (ação) e prática e interação com a comunidade.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

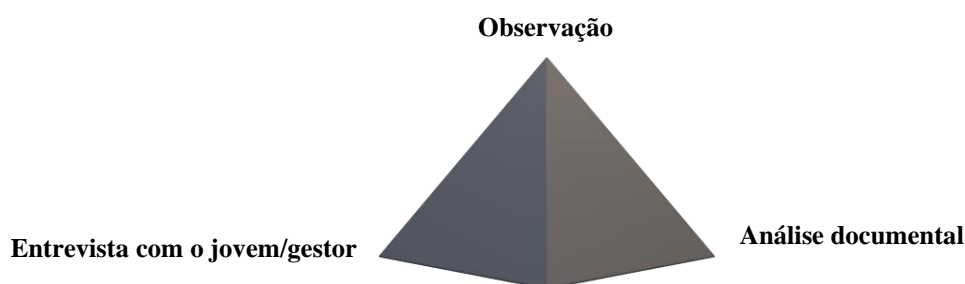
4.1 ESTUDO DE CASO COMO MÉTODO DE PESQUISA

Etimologicamente a palavra metodologia é advinda da palavra método que no grego *methodos*, significa um caminho que objetiva um fim (Gil, 2021). Desta forma, se constituem etapas para obtenção de um conhecimento que seja confiável e mais próximo da objetividade empírica (Gil, 2021). A pesquisa foi realizada no Turismo Comunitário de Alagados (ACTOUR) que se localiza na Península de Itapagipe, na região do antigo bairro de Alagados, marcado pela luta de resistência para uma vida mais digna e moradia, sendo o bairro posteriormente modificado nos anos 80, passou de palafitas para terra firme. Com a união dos grupos e protagonismo feminino a REPROTAI foi criada com o objetivo de proporcionar à juventude uma vida melhor diante das desigualdades sociais que resistem ao tempo. Desta forma, incentiva-se na rede o protagonismo juvenil, para que este jovem possa se conhecer e saber o seu lugar no mundo e na comunidade.

Dentro da REPROTAI foi criado o Turismo Comunitário de Alagados (ACTOUR) que possui mais de 50 jovens atuantes na rede e tem como objetivo a valorização da comunidade, dos saberes, história e economia local o que difere do turismo tradicional. A justificativa do ACTOUR como local de pesquisa se insere na temática do desenvolvimento de competências empreendedoras nas ações de turismo protagonizadas pela juventude na comunidade, em um ambiente de dialogicidade e solidariedade, um dos pilares da gestão que se opõe à lógica mercantil (Tenório, 1998). Estas ações de formação colaboram para identificar as competências empreendedoras. Uma das estratégias de pesquisa utilizadas em diversas áreas como administração e psicologia é o estudo de caso que busca o “como” e o “por que” da questão da pesquisa (Yin, 2001), o que se conecta com a questão da presente pesquisa. Desta

forma, a pesquisa qualitativa foi realizada por meio do estudo de caso único, em que a pesquisadora atuou como observadora não-participante. Importante é destacar a triangulação das técnicas de coleta de dados e informações (Observação, Entrevista com jovens e gestores e análise documental) como ilustra a figura 8:

Figura 8. Triangulação dos dados



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Segundo Yin (2001, p. 32), “o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. De acordo com Gil (2021), os estudos de caso possuem a tendência a serem exaustivos quanto mediante a comparação dos dados obtidos com entrevistas e análise de documentos, garantindo um estudo em unidade. Neste contexto, se busca identificar as competências empreendedoras que são um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes (CHA) interdependentes entre si.

O indivíduo ao longo da sua vida coleciona saberes, conhecimentos, experiências cotidianas e ações que o impulsionam quanto ao desenvolvimento dessas competências. O Quadro 3 trata da operacionalização os objetivos:

Quadro 3. Relação entre objetivos da pesquisa e metodologia aplicada

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TÉCNICAS METODOLÓGICAS
Descrever a trajetória da REPROTAI/ACTOUR, suas ações e o impacto no território.	Pesquisa documental e entrevista semiestruturada tendo como referência a mandala do Quadro de referências do <i>EntreComp</i> (2016) - p. 45
Identificar a percepção dos gestores da ACTOUR sobre a necessidade de desenvolvimento de competências nos jovens para resolver problemas no território pela ACTOUR.	Entrevista semiestruturada
Descrever as atividades realizadas pelos jovens integrantes nas ‘ações’ de turismo comunitário realizadas pela ACTOUR na Península de Itapagipe.	Entrevista semiestruturada
Compreender a percepção dos jovens sobre as dificuldades da execução das ações de turismo comunitário na Península de Itapagipe.	Entrevista semiestruturada

Examinar programas e projetos de Educação Empreendedora em Salvador para compreender as metodologias adotadas no desenvolvimento de competências empreendedoras.	Análise documental e escuta ativa (Residência Social)
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------

Fonte: elaboração própria.

A Figura 9 ilustra o percurso metodológico:

Figura 9. Desenho de Pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

Deste modo, a pesquisa se desdobra no objetivo geral e específicos com as respectivas metodologias utilizadas:

4.2 COLETA DE DADOS E INFORMAÇÕES

A coleta de dados foi realizada por meio de levantamento documental, entrevista semiestruturada e observação não participante para triangulação dos dados. Para Yin (2001, p.107), “as fontes de evidências são a documentação, os registros em arquivos, as entrevistas, a observação direta, a observação participante e os artefatos físicos”.

Os documentos são informações que podem assumir diversas formas e devem estar no estudo de caso de forma explícita, alguns exemplos de documentos são: Cartas, memorandos, agendas, avisos, relatórios, minutas, documentos administrativos, estudos, avaliações e jornais e artigos publicados na mídia (Yin, 2001). Os documentos coletados para a

pesquisa estão representados no quadro 4:

Quadro 4. Documentos do ACTOUR-REPROTAI

Descrição	Autoria	Ano
Histórico do ACTOUR	ACTOUR	N/A
Fluxo de Participação Política Turística	ACTOUR	N/A
Currículo da ACTOUR	ACTOUR	N/A
Estatuto Social do ACTOUR	ACTOUR	N/A
ATA do ACTOUR	ACTOUR	2021
Plano de Ação do ACTOUR 2022	ACTOUR	2022

Fonte: Adaptado do site do ACTOUR (2023)

Assim, por meio de pesquisa documental por meio digital que incluem o *Instagram* e o *Blog* da REPROTAI/ACTOUR apresentou-se o coletivo e seus projetos: Histórico do coletivo, fluxo de participação política, estatuto social, currículo da ACTOUR e plano de ação do ano de 2022. Para Yin (2001), as entrevistas constituem uma das mais importantes fontes de informação para um estudo de caso e são comumente conduzidas de forma espontânea. Em uma entrevista se torna necessária a identificação de informantes ESS-chaves para garantir que maior assertividade na coleta de dados para a pesquisa, como cita Yin (2001, p.112):

Informantes-chave são sempre fundamentais para o sucesso de um estudo de caso. Essas pessoas não apenas fornecem ao pesquisador do estudo percepções e interpretações sob um assunto, como também podem sugerir fontes nas quais pode-se buscar evidências corroborativas - e pode-se iniciar a busca a essas evidências.

FIGURA 10. Entrevistado Carlos Luz e pesquisadora



Fonte: Própria Autora (2023)

Na ACTOUR, foram selecionados (2) dois informantes-chave que participam

ativamente e diretamente dos processos da instituição. Um deles é o Carlos Luz, que participa de formações na área de turismo comunitário e meio ambiente e representa o grupo em espaço de discussão política e guia os turistas/visitantes (Figura 10), além de possuir outras funções e cargos na rede REPROTAI e papel de liderança juvenil.

O outro informante-chave é o Diógenes Reis que tem como papel acompanhar os turistas/visitantes, orientar os grupos e oferecer a segurança do grupo, como ilustra o Quadro 5:

Quadro 5. Entrevistados da ACTOUR

NOME	FUNÇÃO NO ACTOUR	RESPONSABILIDADE
Carlos Luz	Apoio de Turismo Comunitário	Participar de formações na área de turismo comunitário e meio ambiente, representar o grupo em espaço de discussão política, guiar os turistas/visitantes, apresentar as atividades turísticas, apresentar, os conteúdos como: história do bairro, apresentação cultural, etc
Diógenes Reis	Guia de Turismo Comunitário	Acompanhar os turistas/visitantes, orientar os grupos, oferecer a segurança do grupo.

Fonte: Plano de ação do turismo comunitário do ACTOUR (2022).

A modalidade de entrevista escolhida foi a semiestruturada, de acordo com Gil (2021, p.128), esse “termo se refere às entrevistas abertas, em que a perguntas são previamente estabelecidas, mas não são oferecidas alternativas de resposta, tem como principal vantagem sua adequação às características do entrevistado”.

As entrevistas foram realizadas no Espaço Cultural Alagados no dia 20 de outubro de 2023 às 11hr com os convidados: Carlos Luz e Diógenes Reis.

Os roteiros foram elaborados para os dois perfis: Gestor (Quadro 6) e Jovem (Quadro 7) do ACTOUR. As perguntas foram baseadas no Quadro da *EntreComp* que será explicado no final deste capítulo.

Quadro 6. Roteiro de entrevista do gestor (Carlos Luz)

O presente roteiro tem como finalidade a coleta de dados para a pesquisa de campo da dissertação de Mestrado do curso de Gestão e desenvolvimento Territorial da EAUFBA, com o título de **MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS: “Mapeamento de competências empreendedoras: Protagonismo juvenil no turismo comunitário de Alagados (ACTOUR) na Península de Itapagipe**. Tem como objetivo examinar o desenvolvimento de competências empreendedoras jovens integrantes da ACTOUR nas ações de turismo de base comunitária na Península de Itapagipe.

GESTOR

1. Qual a trajetória da **ACTOUR** e suas ações?
2. Qual o impacto das ações da **ACTOUR** no território?
3. Qual o impacto da realização das atividades **na vida dos jovens**?
4. Quais as principais **dificuldades sociais, econômicas e educacionais** dos jovens do território?
5. A REPROTAI promove capacitações específicas para a ACTOUR? (Há cursos de empreendedorismo, por exemplo?)
6. Outras instituições ou pessoas oferecem capacitações? (Há cursos de empreendedorismo, por exemplo?)
7. Quais são as **ações/atividades** realizadas pelos jovens no turismo comunitário?

8. Como esses jovens **desempenham** suas **ações** no turismo comunitário?
9. Quais **conhecimentos (saber algo)** você considera importante para a atuação dos jovens no turismo comunitário no território?
10. Quais **habilidades (saber fazer algo)** você considera importante para atuação dos jovens no turismo comunitário no território?
11. Quais **atitudes (saber agir)** você considera importante para a atuação dos jovens no turismo comunitário no território?
12. Quais as **dificuldades no desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes** dos jovens para resolver problemas o território pela ACTOUR?

Quadro 7. Roteiro de entrevista do jovem (Diógenes Reis)

O presente roteiro tem como finalidade a coleta de dados para a pesquisa de campo da dissertação de Mestrado do curso de Gestão e desenvolvimento Territorial da EAUFBA, intitulado **MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS: “Mapeamento de competências empreendedoras: Protagonismo juvenil no turismo comunitário de Alagados (ACTOUR) na Península de Itapagipe**. Tem como objetivo examinar o desenvolvimento de competências empreendedoras em jovens integrantes da ACTOUR nas ações de turismo de base comunitária na Península de Itapagipe.

JOVEM

1. Quais os principais problemas do território relacionados ao turismo?
2. Como se organizam as ações de turismo no território? Como vocês participam?
3. Quais **atividades** você realiza nas ações de turismo comunitário propostas no ACTOUR?
4. Quais **conhecimentos** você considera importante para sua atuação no turismo comunitário no território?
5. Quais **habilidades** você considera importante para sua atuação no turismo comunitário no território?
6. Quais **atitudes** você considera importante para sua atuação no turismo comunitário no território?
7. Já percebeu algum tipo de situação em que teve **dificuldade** para resolver durante essa atuação?
SIM NÃO
- 7.1 Se sim, descreva a situação referida:

- 7.2 A que causa você atribuiria a situação vivida?

Os dois roteiros foram registrados em forma de dois Instrumentos de Pesquisa – Apêndice A e B – ficando a disposição para futuras pesquisas.

Para Yin (2001) quando há uma visitação ao campo da pesquisa se pode extrair diversos elementos para além das evidências planejadas para serem realizadas.

[...] Realizar uma visita de campo ao local escolhido para o estudo de caso, você está criando a oportunidade de fazer observações diretas. Assumindo-se que os fenômenos de interesse não sejam puramente de caráter histórico, encontrar-se-ão disponíveis para observação alguns comportamentos ou condições ambientais relevantes. Essas observações servem como outra fonte de evidências em um estudo de caso. (Yin, 2001, p.115)

Algumas ocasiões podem contribuir para a coleta dessas evidências por meio da observação direta como explicita Yin (2001, p.115):

Incluem-se aqui observações de reuniões, atividades de passeio, trabalho de fábrica, salas de aula e outras atividades semelhantes. De uma maneira mais informal, podem-se realizar observações diretas ao longo da visita de campo, incluindo aquelas ocasiões durante as quais estão sendo coletadas outras evidências, como as evidências

provenientes de entrevistas. Por exemplo, as condições físicas de um edifício ou de espaços de trabalho poderão revelar alguma coisa sobre o clima ou o empobrecimento de uma organização; da mesma forma, a localização ou os móveis do escritório de um respondente pode ser um bom indicador da posição do respondente dentro da organização.

Antes da realização da entrevista foi realizada uma visita prévia para conhecer o local e conversar com o Carlos sobre a REPROTAI e a proposta da presente pesquisa, tive a oportunidade de conhecer mulheres que integram a rede e que exercem protagonismo feminino desde o início da sua criação. Acompanhei durante um momento antes da nossa conversa, o participante Carlos ministrando uma aula de música para crianças que integram o projeto, e foi um momento bastante lúdico em que as crianças participaram ativamente. Sorrisos e brincadeiras se espalharam no momento. Por um momento durante a música foi ministrada uma aula de inglês em que as crianças o acompanham mais uma vez. Pude conhecer a biblioteca infantil e as instalações do teatro da REPROTAI, além de ver nos murais cursos ofertados pelo CAMMA com temática socioambiental para a juventude. Logo depois no momento da entrevista percebi que havia uma obra sendo realizada no local, o que impactou na rotina da instituição, pois já não seria possível um encontro com todos os jovens do ACTOUR.

4.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DADOS E INFORMAÇÕES

A análise de dados é uma etapa importante no percurso metodológico pois por meio dela os dados são analisados e se tornam informações.

A análise de dados consiste em examinar, categorizar, classificar em tabelas ou, do contrário, recombina as evidências tendo em vista proposições iniciais de um estudo, cada pesquisador deve começar seu trabalho com uma estratégia analítica geral - estabelecendo prioridades do que deve ser analisado e por quê. Tendo-se essa estratégia em vista, quatro técnicas analíticas dominantes devem ser utilizadas: adequação ao padrão, construção da explanação, análise de séries temporais e modelos lógicos de programa. Cada uma delas pode ser aplicável em projetos de estudo de caso único ou de casos múltiplos, e cada estudo deve levar essas técnicas em consideração. (Yin, 2001, p.131)

Bardin (1977) divide o processo de análise de conteúdo em três fases, que se organizam em três polos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Figura 11. Fases da Análise de Conteúdo

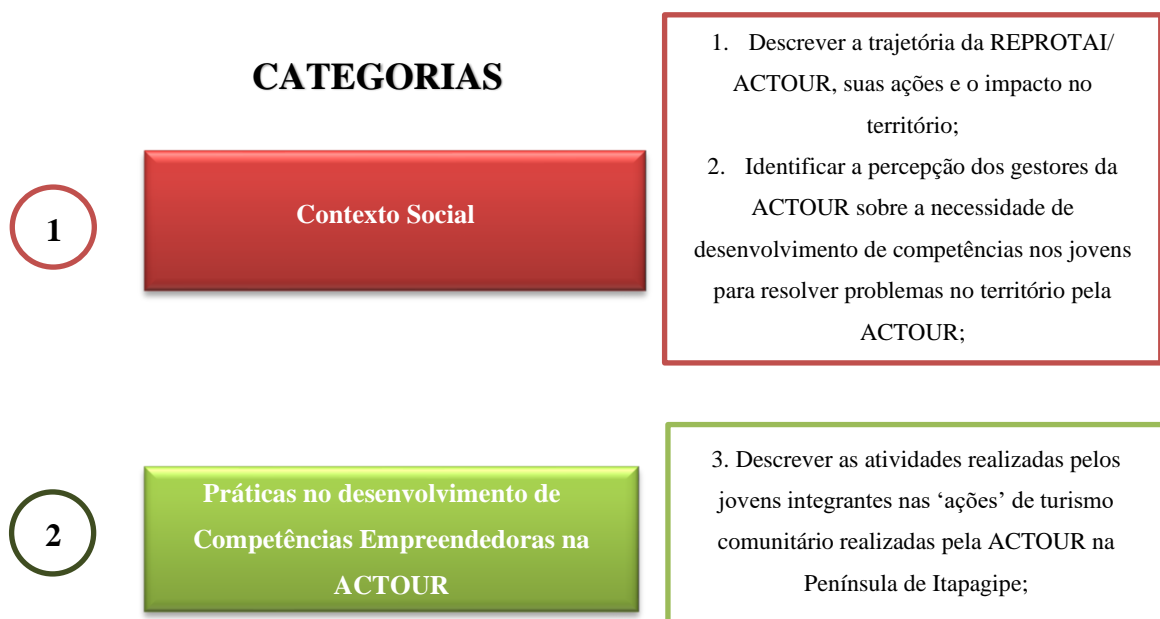


Fonte: Bardin (1977) – Adaptado.

Desta forma, foram construídas as etapas para análise de conteúdo:

- 1) **Pré-Análise:** Foram selecionados documentos da instituição ACTOUR-REPROTAI, os roteiros das entrevistas, plano de ação de 2022, histórico. Além da reformação da hipótese de acordo com o desenvolvimento da presente pesquisa.
- 2) **Exploração do material:** Neste momento da análise foi realizada a categorização dos dados em: (1) Contexto Social, (2) Prática de Competências empreendedoras na ACTOUR e (3) Impacto na experiência no desenvolvimento de CE's, com objetivo de alinhamento com os objetivos específicos da pesquisa (Figura 13).
- 3) **Tratamento dos resultados, inferência e a interpretação:** Com viés de reflexão, subjetividade e crítica, os dados foram tratados por meio de *software* de texto (*WORD*) e foram analisados os dados captados por meio das entrevistas e relacionados com o referencial teórico da pesquisa.

Figura 12. Categorização para análise de dados



3

Impacto na experiência no
desenvolvimento de
CE's

4. Compreender a percepção dos jovens sobre as dificuldades da execução das ações de turismo comunitário na Península de Itapagipe.

Fonte: Elaborado pela autora

4.4 A APLICAÇÃO DA METODOLOGIA *ENTRECOMP*

EntreComp, conhecido como *The Entrepreneurship Competence Framework*, é um marco de referência desenvolvido pela Comissão Europeia que define o empreendedorismo como uma competência chave para o aprendizado e descreve as competências de uma pessoa empreendedora estabelecendo um referencial comum para iniciativas relacionadas à aprendizagem organizacional (European Commission, 2023), como visto no quadro teórico.

O framework ou quadro *EntreComp* (2016) surgiu como uma alternativa mais abrangente de competências empreendedoras, pois se estende para além do empreendedorismo tradicional, se aproximando do empreendedorismo social.

O quadro Europeu de Competência Empreendedora (*EntreComp*) foi proposto pela Comissão Europeia para construir consenso em torno de um entendimento comum da competência empreendedora (conhecimento, habilidades e atitude) (Ratiu, Maniu E Loredana Pop, 2023, p.1, tradução nossa).

O *EntreComp* é muito utilizado em contextos de educação e trabalho, mas como se reflete em coletivos em territórios de periferia? A ACTOUR como coletivo que busca capacitar jovens protagonistas para realizar ações sociais para o turismo de base comunitária tem uma cultura própria e valores que estão associados a Península Itapagipana, um território com muitos desafios econômicos. Para identificar as competências empreendedoras foi adaptado o quadro (ANEXO A) como elemento referencial e descritivo para auxiliar no mapeamento de competências empreendedoras no ACTOUR, conforme o framework *EntreComp* (2016), sendo dividido em três áreas de competências empreendedoras:

- **Ideias e Oportunidades:** Como identificar oportunidades para criar valor e colocar ideias em prática;

- **Recursos:** Como mobilizar e gerir recursos eficientemente; e,
- **Ação:** Como agir e trabalhar em equipe para transformar ideias em ação.

Para utilizar este quadro framework *EntreComp* (2016) como base para a investigação foi necessária a adaptação para a linguagem e contexto da língua portuguesa brasileira, pois o quadro (ANEXO A) fora traduzido da língua inglesa para a língua portuguesa em Portugal. Apresentando dessa forma linguagem e contextos diferentes do Brasil. O Quadro 8 sintetiza cada competência empreendedora:

Quadro 8. Adaptação das Competências Empreendedoras

ÁREA	COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS	SUGESTÃO	DESCRIÇÃO
IDEIAS E OPORTUNIDADES	1) Identificar oportunidades	Usar a imaginação e as suas habilidades para identificar oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> – Identificar e aproveitar oportunidades através do contexto social, cultural e econômico. – Identificar necessidades e desafios que precisam de ser atendidos. – Estabelecer novas ligações e juntar elementos dispersos para gerar oportunidades.
	2) Criatividade	Desenvolver ideias criativas	<ul style="list-style-type: none"> – Desenvolver várias ideias e oportunidades, incluindo melhores soluções para desafios atuais e futuros. – Explorar e experimentar através de abordagens inovadoras. – Combinar conhecimento e recursos para alcançar resultados significativos.
	3) Visão	Trabalhar para uma visão de futuro	<ul style="list-style-type: none"> – Imaginar o futuro. – Desenvolver uma visão para transformar ideias em ações – – Visualizar cenários futuros para ajudar a orientar esforços e ações.
	4) Valorizar ideias	Fazer o máximo com as ideias e oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> – Avaliar que valor existe em termos sociais, culturais e econômicos. – Reconhecer o de uma ideia e identificar formas adequadas de desenvolvê-la.
	5) Pensamento ético e sustentável	Pensar nas consequências e no impacto das ideias, oportunidades e ações	<ul style="list-style-type: none"> – Avaliar as consequências de ideias e o efeito de ações empreendedoras na comunidade, no mercado, na sociedade e em contextos específicos. – Refletir sobre quais são os objetivos sustentáveis de longo prazo a nível social, cultural e económico, e sobre o itinerário seguido. – Agir de forma responsável.
RECURSOS	1) Tomar Iniciativa	Avançar	<ul style="list-style-type: none"> – Iniciar processos inovadores e colaborativos. – Aceitar desafios. – Agir e trabalhar de forma independente para atingir os objetivos, seguir a linha definida e executar as tarefas planeadas.
	2) Planejar e Gerir	Priorizar, organizar e acompanhar	<ul style="list-style-type: none"> – Definir objetivos de longo, médio e curto prazo. – Definir prioridades e planos de ação. – Adaptar-se a mudanças imprevistas.

ÁREA	COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS	SUGESTÃO	DESCRIÇÃO
	3) Lidar com a incerteza, ambiguidade e o risco	Tomar decisões lidando com a incerteza, a ambiguidade e o risco	<ul style="list-style-type: none"> – Tomar decisões mesmo quando os seus resultados são incertos, quando a informação disponível é parcial ou ambígua, ou quando existe um risco de resultados indesejados. – No processo de inovação incluir formas estruturadas de testar ideias e protótipos desde as etapas iniciais, para reduzir os riscos de falhar. – Lidar com situações imprevisíveis de forma rápida e flexível.
	4) Trabalhar com outros	Trabalhar em grupo, colaborar e criar redes	<ul style="list-style-type: none"> – Trabalhar em conjunto e cooperar com outros para desenvolver ideias e colocá-las em prática. – Criar redes. – Resolver conflitos.
	5) Aprender com a experiência	Aprender fazendo	<ul style="list-style-type: none"> – Usar todas as iniciativas como uma oportunidade de aprendizagem. – Aprender com os outros, incluindo com os pares e os mentores. – Refletir e aprender tanto com o sucesso como com a falha. (do próprio ou de outros)
AÇÃO	1) Autoconsciência e Autoeficácia	Acreditar em si mesmo e procurar o desenvolvimento contínuo	<ul style="list-style-type: none"> – Refletir sobre os seus desejos, necessidades e aspirações a curto, médio e longo prazo. – Identificar e avaliar as forças e as fraquezas individuais e coletivas. – Acreditar na capacidade para influenciar o curso dos acontecimentos, apesar da incerteza, das contrariedades.
	2) Motivação e Perseverança	Manter o foco e não desistir	<ul style="list-style-type: none"> – Ser determinado para transformar ideias em ações e chegar mais longe. – Estar preparado para ser paciente e continuar a tentar alcançar os objetivos de longo prazo, quer individuais quer de grupo. – Ser resiliente sob pressão e perante adversidades.
	3) Mobilizar recursos	Reunir e gerir os recursos necessários	<ul style="list-style-type: none"> – Obter e gerir recursos materiais, não materiais e digitais necessários para transformar ideias em ações. – Fazer o máximo com recursos mínimos. – Alcançar e gerir as competências necessárias em diferentes etapas incluindo competências técnicas, legais, financeiras e digitais.
	4) Letramento financeiro e económico	Desenvolver conhecimentos financeiros e económicos	<ul style="list-style-type: none"> – Calcular o custo de transformar uma ideia numa atividade. – Planear, colocar em prática e avaliar decisões financeiras ao longo do tempo. – Gerir finanças para assegurar que a atividade pode manter-se a longo prazo.
	5) Mobilizar terceiros	Inspirar, entusiasmar e mobilizar outros	<ul style="list-style-type: none"> – Inspirar e entusiasmar parceiros. – Obter o apoio necessário para atingir resultados positivos. – Demonstrar capacidade de comunicação, persuasão, negociação e liderança.

Fonte: Adaptado *EntreComp* (2016).

Baseando nas descrições do Quadro 8, foram elaboradas as questões para os roteiros das entrevistas (Quadro 6 e 7), com o objetivo de identificar as Competências Empreendedoras estariam presentes no cotidiano dos jovens integrantes do ACTOUR.

5 ESTUDO DE CASO: MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS NA ACTOUR REPROTAÍ DA PENÍNSULA DE ITAPAGIPE

O estudo de caso num primeiro momento contextualiza a Península de Itapagipe e o seu potencial turístico, além de contextualizar a REPROTAÍ, seu desdobramento na criação da ACTOUR e sua atuação com os jovens e o seu papel no território. Num segundo momento, registra as atividades realizadas pelos jovens protagonistas e identifica as competências empreendedoras nas ações de turismo protagonizada pela ACTOUR.

5.1 PENINSULA DE ITAPAGIPE E O TURISMO COMUNITÁRIO

A Península de Itapagipe se localiza no noroeste de Salvador/BA, possuindo 14 bairros. A ocupação da Península Itapagipana foi decorrente dos tempos coloniais nos tempos coloniais na região da Ribeira devido a atividade que se relacionava com a atividade náutica e o Forte de Monte Serrat, que tinha como objetivo defender a cidade (CAMPPI,2022). Se inicia na região o turismo religioso com a construção da Igreja do Bonfim: “Na metade do séc. XVIII, com a construção da Igreja do Bonfim a Península veio a se tornar um importante centro de espiritualidade, sendo atração de grandes levas de romeiros” (CAMMPI, 2022, p.1).

Os movimentos culturais em Itapagipe começaram a se intensificar com diversas manifestações religiosas realizada pela comunidade se destacando o turismo religioso como a Festa do Senhor dos Navegantes, Festejos do Bonfim, Segunda-feira Gorda da Ribeira e carnaval, Santo Antônio e os festejos de São João e São Pedro. Além dos festejos populares, a Península passou a contar com cinema nas localidades do Uruguai, Itapagipe, por exemplo.

O remo é uma modalidade náutica que se destaca entre os esportes na península

com competições, movimentando a região e reunindo um número expressivo de torcedores. A partir dos anos 40 até os dias atuais, a Península se tornou um local marcado pela indústria, porém sem o devido cuidado impactou no meio ambiente. Houve também uma precarização do trabalho e um “boom” populacional que deu origem às “Palafitas” no bairro de Alagados. O que fez com que os impactos sofridos pelo processo de industrialização e posterior retiradas dessas empresas, a localidade fosse extremamente desvalorizada social e economicamente, gerando pobreza e descaso.

A comunidade ciente dos desafios enfrentados se reúne entendendo que coletivamente seriam mais fortes, unindo forças se organizaram construindo grupos que tinham como objetivo a defesa dos moradores que reivindicavam ao Estado melhores condições de vida para a comunidade. Neste movimento se alcançou exitosamente pela união da comunidade, a intervenção urbanística realizada pela Alagados Melhoramentos S.A no asfaltamento da localidade, para a construção de casas, dessa forma se emergiu um sentimento de pertencimento e de identificação com o território.

Aliás, este sentimento de pertencimento, de identidade com o território – o ser itapagipano – é uma característica própria de toda a Península, que tem nos laços de proximidade entre vizinhos, no hábito de colocar cadeiras na calçada ao final da tarde para bater papo e contar histórias da região, os resquícios de clima de cidade do interior, que cria um diferencial interessante em relação ao resto da cidade. Com o enraizamento do processo de organização comunitária, passa a ser prioridade não só o desenvolvimento físico da área como o desenvolvimento social da população residente. E neste sentido, as organizações passaram a reivindicar dos setores públicos e a buscar apoio de ONGs para a assinatura de convênios que possibilitassem o desenvolvimento de projetos nas áreas de educação, cultura, saúde e capacitação profissional (CAMMPI, 2022, p.3).

O protagonismo juvenil se refletiu nas ações para mudança local, em que a busca por suprir lacunas deixadas pelo Estado se tornou prioridade na coletividade. A atuação da juventude se estendeu para as artes com a criação de grupos teatrais e musicais.

Mais do que isto, passaram a suprir lacunas deixadas pelo Estado, sobretudo na área de educação, com a constituição das escolas e creches comunitárias e o desenvolvimento de projetos culturais envolvendo a juventude (CAMMPI, 2022, p.3).

Atualmente, o turismo se tornou uma possibilidade de atividade econômica importante na região sendo realizado para três distintos públicos: turismo convencional, turismo religioso e o turismo comunitário. O turismo convencional na península se relaciona

com a atividade praiana, como a visitação à ponta de Humaitá, no bairro da Ribeira.

O turismo religioso foi impulsionado com as obras da irmã Dulce dos pobres, que é considerada pelo Vaticano a primeira santa brasileira. Foi criado em 1993, o Memorial de Irmã Dulce (MID), no formato de exposição de trajes usados, como o seu hábito, as fotografias e alguns documentos com o objetivo de lembrar a caridade e amor pelos menos favorecidos de Irmã Dulce se situa na sede da Obras Sociais de Irmã Dulce (OSID). Além disso, a visita ao túmulo de Irmã Dulce, na Capela do Convento Santo Antônio, é uma das atividades dos romeiros e turistas religiosos. A visita ao memorial passou a fazer parte do roteiro turístico do Salvador Bus em parceria com a BAHIATURSA, que inclui o museu de arte sacra, a Igreja do Bonfim e o Forte de Monte Serrat e a Basílica de Nossa Senhora da Conceição da Praia.

O turismo comunitário criado pelo Alagados Turismo Comunitário (ACTOUR), parte integrante da REPROTAI tem em suas ações a participação efetiva de jovens na comunidade sob uma perspectiva diferente das demais modalidades de turismo, contemplando e valorizando a cultura, o meio ambiente e a comunidade.

5.2 TRAJETÓRIA DO REPROTAI E ACTOUR E O IMPACTO NO TERRITÓRIO

A REPROTAI é uma rede de adolescentes e jovens da Península de Itapagipe, fundada em agosto de 2004 por adolescentes e jovens da associação de moradores do conjunto santa luzia, associação livre dos moradores de mangueira, grupo de união e consciência negra (GRUCON) e comissão de articulação dos moradores da península de Itapagipe (rede CAMMPI). Atualmente fazem parte da rede mais de 50 adolescentes e jovens além de grupos culturais da Península Itapagipana. O objetivo da REPROTAI é criar mecanismos e oportunidades para que adolescentes e jovens da península superem as disparidades de formação e outras desigualdades provocadas pela situação de pobreza e tenham uma vida melhor.

Diante desse desafio, a REPROTAI pratica *advocacy* monitorando e incidindo em políticas públicas para a juventude; se articula com parceiros para promover oficinas ludopedagógicas, programas de educação, encontros de formação profissional e inserção no mercado de trabalho e formações para o desenvolvimento de ações empreendedoras; potencializa atividades culturais da península de Itapagipe através da realização de festivais culturais e do projeto terças culturais desenvolve processos educativos de esporte, arte, cultura

e lazer com adolescentes e jovens.

Inserido na REPROTAI, o turismo comunitário (ACTOUR) é protagonizado por jovens das comunidades, que decidiram ser protagonistas da sua história, desenvolvem ações no turismo comunitário por meio de ações no ACTOUR, com roteiros que vão desde a participação de preparo de alimentos típicos da nossa terra pelos turistas até a visita à casa de “Dona Madalena” que empreende com geladinhos na comunidade. Diferentemente do turismo tradicional, este tem em suas bases a valorização e conservação cultural e ambiental. Fundado em 2007, a o ACTOUR foi implementado pelos jovens da comunidade que participavam da REPROTAI, contando com o apoio da antiga Associação Estrela Brasil, pioneira em atividades de turismo comunitário na cidade de Salvador.

O ACTOUR – Alagados Community Tour foi um dos primeiros Grupos de Turismo Comunitário a fundar este setor de turismo comunitário em Salvador juntamente com outros quatro grupos e tem como (1) Missão: Resgatar a história de luta da comunidade, disseminando a cultura de paz através das atividades sócio turísticas sendo elas: o esporte-lazer, a arte e cultura, a educação popular, o meio ambiente e a economia solidária, fortalecendo a cadeia produtiva local e promovendo o desenvolvimento comunitário; (2) Visão: Tornar o Turismo Comunitário referência na península de Itapagipe, Salvador, na Bahia, no Brasil e no mundo e (3) Valores: Harmonia e receptividade sócio afetiva, valorização da vida e do meio ambiente, respeito as diversidades e disseminação da cultura de paz. A ACTOUR é um grupo sociocultural econômico, que oferece aos turistas – Escolas, Grupos Sociais, Universidades, Faculdades, CAJ’s (Crianças, Adolescentes e Jovens), homens, mulheres e idosos – diversas experiências dentre elas: Vivências na comunidade, oficinas de dança, teatro e capoeira, rodas de conversa, partidas de futebol e visitas às casas dos moradores (Figura 13).

Figura 13. Visita de turistas franceses ao ACTOUR



Fonte: *Instagram* do ACTOUR (@actour_brasil), 2023.

Além disso, o coletivo apoia a participação de jovens e adolescentes em encontro Nacional de Juventude. Os roteiros turísticos foram criados pelos próprios jovens, que são também os guias dos passeios, visando resgatar a história da comunidade, bem como valorizar o patrimônio sociocultural da região, além de fomentar a economia local. Os jovens integrantes da ACTOUR recebem aulas de inglês em parceria com a instituição Cultura Inglesa, além de encontros de capacitação da rede BATUC, que incluem: Gestão coletiva e engajamento comunitário, economia solidária, comunicação digital, o que é turismo comunitário, dentre outros. Estas capacitações são ilustradas na figura 14 a seguir:

Figura 14. Capacitações Realizadas Pela Rede BATUC (2023)



Fonte: Instagram da ACTOUR (@actour_brasil), 2023.

A criação da lei ordinária do Estado da Bahia nº 14.126/2019 que dispõe sobre Política Pública de Turismo Comunitário nas áreas de interesse turístico e nos Territórios de Identidade no Estado da Bahia trouxe o marco importante para do turismo de base comunitária na Bahia, pois agregou à instituição o processo de fomento de políticas públicas para a comunidade e o turismo comunitário, o que fortaleceu o movimento do Turismo de base comunitária no âmbito legal. A ACTOUR se organiza em cinco grupos distintos que são: (1) Presidência, (2) Coordenação Técnica de Turismo Comunitário, (3) Coordenação Pedagógica,

(4) Guias de Turismo Comunitário e (5) Apoio de Turismo Comunitário como ilustra o quadro 9:

Quadro 9. Funções e Responsabilidade no ACTOUR

RECURSOS HUMANOS Quadro de Responsabilidade no ACTOUR		
QUEM	FUNÇÃO NO ACTOUR	RESPONSABILIDADE
Danielson Mousan	Presidente	Gestar o ACTOUR dando assessoria técnica na gestão de turismo comunitário, sistematizar as ações, fazer/elaborar relatórios técnicos anuais, propor dinâmicas de receptividade turística comunitária, acompanhar os eventos / atividades turísticas e representar o grupo em espaço de discussão política.
Gabriel Dias Tatiane Anjos Uadson Santana	Coordenação Técnica de Turismo Comunitário	Dar assessoria técnica na gestão de turismo comunitário, sistematizar as ações, fazer/elaborar relatórios técnicos anuais, propor dinâmicas de receptividade turística comunitária, acompanhar os eventos / atividades turísticas e representar o grupo em espaço de discussão política.
Jamira Muniz Taciene Campos Thamires Nascimento	Coordenação Pedagógica	Representar o grupo em espaço de discussão política, coordenar as formações, promover as capacitações, participar de planejamento e conversar comicineiros para as formações.
Uadson Santana, Gabriel, Marcos Carlos Luz	Guias de Turismo Comunitário	Participar de formações na área de turismo comunitário e meio ambiente, representar o grupo em espaço de discussão política, guiar os turistas/visitantes, apresentar as atividades turísticas, apresentar, os conteúdos como: história do bairro, apresentação cultural etc.
Diógenes Reis, Jessica Ribeiro, Lorena Sousa,	Apoio de Turismo Comunitário	Acompanhar os turistas/visitantes, orientar os grupos, oferecer a segurança do grupo.

Fonte: Plano de Ação da ACTOUR (2022).

5.3 ATUAÇÃO DA ACTOUR NA PENINSULA ITAPAGIPANA

A Península Itapagipana é marcada pela resistência da comunidade ao racismo que emerge e pelo fortalecimento da juventude diante das desigualdades sociais existentes.

Com a articulação e mobilização dos moradores da Península de Itapagipe que engloba 120 organizações e associações do próprio território, e aí...deu início ao processo de lutar pelo bem comum [...]. E o pouco investimento que se tem para educação, o que pode causar com esses adolescentes e jovens que tá dentro das comunidades. As comunidades não são violentas, são violentadas. Violentada pela questão do racismo estrutural, então tudo isso né? A gente fica se perguntando aonde a gente quer chegar com tudo isso? [trecho de entrevista com Diógenes]

A violência nas comunidades tem sido um assunto cada vez mais recorrente na mídia. Como sinaliza Collins e Bilge (2021) sobre comunidades em que os protestos são recortes (devido ao corte de recursos públicos em educação, saúde, moradia e alimentação, o desemprego crescente entre jovens ensejando na falta de perspectiva para o mercado de trabalho) são recebidas com a violência policial, como forma punitiva do Estado. Ainda segundo Collins e Bilge (2021, p. 195) “nas cidades globalizadas, as políticas de saneamento ou revitalização urbana podem levar à criminalização das favelas e ao despejo das pessoas mais pobres, consideradas ‘desagradáveis’ e ‘vítimas do desenvolvimento’”.

Este cenário é evidenciado na fala do entrevistado em que a saúde se torna um dos principais problemas enfrentados pela comunidade.

A gente é descoberto da saúde, até porque a gente tem esse canal que é um resto, os vestígios da maré, né? E hoje ele se encontra poluído por ele está aberto ele vai disseminando e germinando outros tipos de doenças, as arboviroses, até a própria leptospirose, né? E aí a gente percebeu que a gente é descoberto de saúde e a gente não tem estes dois segmentos. A gente tinha o posto de Milton Santos que fazia o básico antigamente, né? [trecho de entrevista com Diógenes].

Neste processo de luta pelos seus direitos, as mulheres tiveram um importante papel nesse processo.

Então a gente vai vendo que tinham pessoas nessa luta, as ‘mulheres da laje’, as mulheres que estavam aí na associação e que até hoje estão aí atuando [trecho de entrevista com Carlos]

Devido à ausência do poder público no território, a juventude assume um papel de

protagonismo, os jovens escolheram mudar sua própria realidade e promovem mudanças em sua própria história, como citado por Minayo e Boghossian (2009) em que o protagonismo juvenil se manifesta com o seu potencial contestador e rebelde para sua participação na sociedade. Ou seja, a sua insatisfação com a realidade vivida enseja no seu desejo de mudar a sua própria realidade e a da sua comunidade. Como desdobramento desse processo, os jovens conseguiram algumas conquistas a exemplo de iniciativas estatais como cursos profissionalizantes promovidos pela Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do Estado da Bahia (SETRE), além de outras instituições locais como o Centro de Arte e Meio Ambiente (CAMA) que promove o observatório de racismo ambiental e trabalha com a temática socioambiental por meio da CAMAPET que é a cooperativa de catadores da região.

Hoje é o balcão de cidadania não é mais posto de saúde ... é balcão de cidadania, porque a gente atinge toda a comunidade com cursos profissionalizantes voltados para mulheres mães de família, né? Com a secretaria, com o apoio da secretaria de transporte, emprego e renda que é a SETRE, do Estado dando cursos no trailer...cursos profissionalizantes em que a mãe já sai com indícios... de é...de direcionamento, um norte por assim dizer... A gente tem também além desses segmentos, o CAMA que é o centro de arte e meio ambiente, que trabalha com essa questão do meio ambiente, dos resíduos sólidos, de separar o que é resíduos sólidos dos outros resíduos, né?... A gente faz a separação...tem a CAMAPET que é a cooperativa também de catadores, que envolve também a juventude do próprio território dentro desse segmento do CAMAPET, fazendo coleta seletiva. A gente tem também, através do CAMA, o observatório do racismo ambiental dentro do território. [trecho de entrevista com Diógenes]

Várias organizações foram criadas ao longo das últimas décadas com o objetivo de resolver problemas públicos que são de responsabilidade do governo. A educação para a profissão foi sendo realizada por várias organizações com apoio privado e governamental.

Outras instituições que oferecem essas capacitações, é justamente eu falei da 'estrela', através de Júlia. Agora que tem essa rede BATUC de turismo comunitário. Essa Júlia agora também, já tem uma agência que faz esse processo de *advocacy* também, de auxiliar as iniciativas de turismo comunitário que é COMUNICULTURI, que ela criou justamente pra isso. Além de ela ser uma agência que também trabalha dos roteiros com o turista, ela trabalha também com a questão da capacitação e formação desse público [trecho de entrevista com Carlos].

Além da capacitação e processo de inserção no mercado de trabalho, a criação do banco comunitário na região visa uma economia mais inclusiva e colaborativa, como afirma França Filho e Eynaud (2020) em que se torna necessária a busca por uma outra gestão que se opõe à lógica de mercado, sendo proposta uma gestão solidária e dialógica.

Daí a gente tem as pessoas referências que ao longo do tempo descobriram esse território como um território de referência para outras comunidades, né? [...]. Tem Carlos baby que faz esse trabalho de economia solidária dentro do próprio território, fazendo a economia girar dentro do próprio território. Ele veio com a ideia inovadora de bancos comunitários... é a gente tem a moeda social...que é o UMOJA, que significa “estar juntos” . [...] Porque hoje em dia a gente ouve falar muito da economia solidária, mas na verdade... quando você vai ver, as pessoas estão ganhando milhões enquanto algumas pessoas estão falando de solidariedade. Quando na prática isso mesmo acontece. Então o banco quando veio, veio nessa perspectiva, que a gente viu que teve exemplo de outras comunidades, porque se você for nos interiores da Bahia de Salvador, da Bahia, na verdade. Principalmente na chapada diamantina você vai encontrar algumas iniciativas que já tem sua moeda própria [trecho de entrevista com Carlos].

O banco comunitário é uma das iniciativas promovidas pela comunidade visando transformação do cenário de desigualdades enfrentados, que de forma dialógica e democrática (Tenório,1998) os responsáveis pelo movimento envolveram e consultaram a comunidade antes da sua implantação e atualmente contam com o apoio dos comerciantes locais.

Tem Jeremias, nosso parceiro há anos que já aceita nossa moeda do Uruguai. Tem a padaria Samira que faz esse fomento junto conosco. Não teve resistência nem embates, até porque somos parceiros, quando a gente vai fazer alguma coisa , a gente primeiro consulta se é viável e se é legal ter uma ideia como essa dentro da comunidade, eles apoiaram e aí a gente deu seguimento e a gente começou a fazer a difusão dessas moedas [...] Foram 30 instituições dessas que chegaram junto e quiseram fazer. [trecho de entrevista com Carlos].

Neste conjunto de iniciativas locais, surgem movimentos culturais visando o fortalecimento da cultura local.

Pessoas referências também da nossa comunidade que é Ana Rosa que ela não está mais em vida, mas que deixou um grande legado na cultura também, por ela ser poetisa ela retrata esse território como uma potência [trecho de entrevista com Carlos]

Durante esse momento da criação dos bancos comunitários, surge o Turismo Comunitário de Alagados (ACTOUR).

Então foi justamente dentro desse processo e foi isso que gerou a questão também da ACTOUR, que a própria associação como sempre, pensando nessa perspectiva que alguém trouxe de longe, que a gente tem uma colega muito próxima da gente chamada Júlia, ela é escocesa, veio pra salvador, tem praticamente 20 anos morando aqui em Salvador. E sempre se debruçou sobre isso, foi até objeto de pesquisa dela, essa questão do turismo comunitário. Que hoje a galera coloca como turismo de base comunitária, mas a gente tá tirando essa ‘base’ e tá deixando só ‘comunitário’ mesmo, então turismo comunitário fica mais ‘comunitário’ do que uma ‘base’,

porque ‘base’ a gente pensa logo na ‘base’ da polícia e não sei o que... [trecho de entrevista com Carlos]

O ACTOUR se inicia com a iniciativa e empenho de alguns jovens que com a ajuda da Júlia conseguiram firmar o Turismo Comunitário na região.

Então os jovens da época que foi Danielson, Ismael, Viviana e Kátia, foram outros jovens que naquela época estavam e começaram a entrar nessa “vibe”, tomar essa formação, fazer essa capacitação. E aí foi fluindo a gente foi vendo que foi dando certo [...] E aí Júlia conseguiu a questão de algumas agências também de fora, contato. Foram chegando, chegando e daqui há pouco aí foi tomando corpo e hoje a gente tem esse ACTOUR. [trecho de entrevista com Carlos]

Com a criação da coletividade e a associação e criação de uma Rede de Turismo Comunitário foi possível propor leis e alcançar o êxito da sua aprovação, fomentando políticas públicas para subsidiar ações locais.

E hoje a gente faz parte de uma rede maior que é a BATUC, Rede de turismo comunitário da Bahia. Que ousadamente a gente participou do diálogo pra poder ser sancionada a lei de turismo comunitário, que agora já tem a lei, só tá faltando bater o martelo pra poder ter recurso anual pra essas iniciativas. Então foi a juventude se interessando e a gente se interessando por isso. Eu particularmente, também desde que comecei a fazer parte do turismo já abriu outros horizontes... Hoje tô fazendo até aula de inglês, isso foi o que chamou a questão das bolsas integrais da cultura inglesa, né? .[trecho de entrevista com Carlos]

O envolvimento dos jovens com os coletivos transforma o seu interesse por sua formação acadêmica e profissional e a qualidade de vida da comunidade. O sentimento de pertencimento empodera os jovens que vão em busca de qualificação e conhecimento para resolver seus desafios. Vale ressaltar que o turismo comunitário possui uma lógica diferente do turismo tradicional (Silva e Castriota, 2018).

E ia pensar que dentro desse turismo comunitário a gente traz uma ideologia um pouco fora do padrão do como o turismo convencional traz. A gente quer falar de ‘**Dona Madalena**’, quer falar das pessoas, quer mostrar que aqui a comunidade tem essa vivência, que teve uma história que está aqui e que não vai sair daqui jamais, por isso que pra uns é como conhecido como bairro do Uruguai e pra outros é Alagados – por causa dessa questão dos alagados, das palafitas, e que até um certo tempo e claro, até o devido momento quando chove muito alaga demais por ser baixo, e ter aquela coisa toda, então o escoamento da água. [...] E daí a gente tem essa percepção que a gente sem as nossas bases, sem essas mulheres, a gente não é nada. [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso]

Conforme entrevistado, a percepção do Turismo de Base Comunitária colabora com conceitos estudados (Moraes, 2020; Ozorio, 2022), cujo protagonismo da ação de turismo está nas mãos da comunidade local. Este movimento impulsiona e fortalece as articulações estratégicas para a luta em defesa do território da Península, empoderando os jovens e a comunidade como um todo.

O roteiro ao visitar a localidade “Dona Madalena” e outras localidades importantes impulsiona a rememoração e a divulgação cultural da comunidade, valorizando o que é próprio de sua cultura, rememorando as histórias dos sujeitos (contada por eles) que construíram a Península, com seus desafios e conquistas, desta forma se opondo à lógica de mercado, valorizando a coletividade (França Filho; Eynaud, 2020). Além de “Dona Madalena” o roteiro perpassa por outros locais na comunidade:

E hoje a gente tem duas vertentes do turismo que é essa questão do turismo mesmo que é, que a gente quer fazer um roteiro maior na comunidade e tem o culinário que ele é mais enxuto, é menos locais que a gente visita. Geralmente quem vem para o turismo culinário eles fazem a questão da moqueca, cortam tempero, metem a mão na massa mesmo. Enquanto tá cozinhando a gente sai vai pro banco (comunitário) e para a escola comunitária. Porque tem muita ligação entre os dois. O banco porque tem a moeda social e a economia solidária, e a escola pela questão da ‘creche rubi’.
[trecho de entrevista com Carlos].

Desta forma, a rota turística do ACTOUR abrange locais que são representativos da comunidade, e que não seriam visibilizados pelo turismo convencional. Como, por exemplo, a empreendedora “Dona Madalena”:

Tem também a **Dona Madalena** que faz um caldo de sururu belíssimo, faz um geladinho belíssimo... Faz tudo visando a melhoria da economia da comunidade.
[trecho de entrevista com Diógenes, grifo nosso]

Neste íterim, o movimento das associações que se desdobrou com a iniciativa da REPROTAI e ACTOUR veem na juventude uma esperança de perpetuar esta luta para o território. Moraes (2020) destacou que o turismo comunitário é desenvolvido de modo integrado à dinâmica produtiva local, como vem sendo realizado pelo coletivo, orientando relações comerciais e de intercâmbio, com base na ética e na solidariedade, para a geração e a distribuição equitativa da renda e a valorização da produção local como a culinária de Dona Madalena, da cultura e das identidades locais.

Então, a gente vai vendo que tinham pessoas nessa luta, as ‘mulheres da laje’, as mulheres que estavam aí na associação e que até hoje estão aí atuando... **Dizem assim ó: - A gente já tá bem cansada de lutar por isso, agora a gente precisa de vocês, da juventude pra poder fazer isso andar!** [...]Então a gente faz o trabalho em conjunto...Ela mostra o caminho, ela diz, olha, tem essa e essa estratégia então vamos tentar.... E gente com vigor e com força e com a galera, e claro a arte de ‘**aquilombar-se**’, fazer todo mundo junto e em comunidade, é o que gera.... então, hoje a juventude está dentro desse processo [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso].

O processo de ‘aquilombar-se’, destacado pelo entrevistado, confirma o engajamento e a união das pessoas a partir de seus interesses. Hoje, este movimento é um ativo fundamental para a mobilização coletiva na luta de direitos e tão escasso na sociedade capitalista que ressalta as escolhas individuais. A mobilização coletiva na comunidade pode impactar no desenvolvimento territorial à medida que fortalece os movimentos sociais, os agrupa em rede e amplia a sua atuação permitindo que informações e conhecimentos sejam compartilhados de forma rápida e ampla, permitindo o fortalecimento econômico dos empreendimentos locais, permitindo a mobilização para a criação de leis, permitindo o combate ao racismo e feminicídio, permitindo a melhoria das questões sanitárias, esta mobilização coletiva possui maior poder de transformação da sociedade. Desta forma, o movimento social pode surgir por causa de diferentes questões relacionadas à justiça, igualdade ou direitos humanos e em diferentes contextos, como na luta por direitos humanos, igualdade de gênero, preservação do meio ambiente, dentre outros.

Quanto à juventude inserida neste contexto, há a preocupação pelo ACTOUR de compreender como este jovem pode se inserir na sociedade com a sua individualidade:

Porque a gente já pensou que é uma coisa que a gente tem uma crítica muito grande até sobre a questão do Estado. **Quando vem com aquela questão da secretaria de emprego, trabalho e renda, aí você pensa: - Essa questão do emprego, trabalho e renda...será que o jovem só precisa do trabalho? Só precisa ter uma carteira assinada tá trabalhando diretamente? Ou ele precisa também precisar viver o sonho dele? Buscar aquilo que está no coração dele, que pulsa forte...** [...] Porque essa ideia já tá um pouco defasada, **só pegar a juventude e empurrar para o mercado de trabalho, só pra enaltecer as grandes empresas e os grandes empresários...e a comunidade não recebe nada.** [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso].

A REPROTAI integra esse cenário de mobilização coletiva promovendo o protagonismo juvenil, para que o jovem itapagipano possa ser o que ele deseja ser no futuro.

E aí, a gente fica se reinventando e se recriando na medida do possível do que a

gente pode, pra poder não deixar de vista as histórias dessas pessoas morrer, então tem pessoas nos antecederam e que têm muita vontade de vencer e de cada vez mais ver essa comunidade sendo referência pra muitas comunidades. Tá aqui dentro e que eles consigam ser mesmo protagonista. **Não, eu tô aqui eu preciso deixar o meu legado, eu preciso construir a minha história, através de mim outras virão. Foi com essa perspectiva que a gente criou e deu o segmento à REPROTAI. [...]** E a gente tá aqui pra poder incentivar isso, e **aí que entra a REPROTAI, pra poder fazer que ele seja protagonista da vida dele** [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso].

O entrevistado, ao narrar sua experiência como um jovem da própria comunidade, que se qualificou e retornou para a comunidade, fundando a REPROTAI e ACTOUR, destaca “eu preciso deixar o meu legado, eu preciso construir a minha história, através de mim outras virão”. O desejo de desenvolver o protagonismo dos próprios jovens do território traduz a missão do coletivo e move as suas ações na península.

Mas aqui estou alegre e estou feliz. **É o que aconteceu comigo particularmente, hoje estou como artífice daqui, como técnico...voltei pra cá. Mas não fico preso à questão da técnica, sou educador social...então as crianças chegam aqui eu faço roda, também tenho disponibilidade de sair ir pra outras reuniões , participar dos conselhos da vida... Então é aquela coisa que eu percebi, que não é questão de se prender, a questão é do diálogo direto. E aqui como o espaço, ele tem uma gestão que é compartilhada, Jamira a coordenadora sempre diz pra gente: - juventude aqui não fica parada! Juventude vai produzir, vai fazer, se é arte você vai, se você sabe que você tem uma *expertise* de ir pra reuniões de ouvir e de escrever, você vai fazer. Porque é isso que vai fazer, cada um vai dar o que tem. E é isso...** [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso]

A gestão do coletivo, conforme entrevistado, é mais participativa, dialógica, no qual o processo decisório é exercido por meio de diferentes sujeitos sociais, buscando a partir de interesses comuns resolver os problemas sociais que emergem como destacado por Tenório (1998) e França Filho e Eynaud (2020) em seus estudos. Analisando as áreas de competências empreendedoras da *EntreComp* (2016) verifica-se a importância da competência “Trabalhar em grupo, colaborar e criar redes”, “Acreditar em si mesmo e procurar o desenvolvimento contínuo” e “Inspirar, entusiasmar e mobilizar outros” que são desenvolvidos pela postura de enfrentamento da realidade pelos coletivos e organizações do território.

As ações do coletivo de turismo comunitário em Itapagipe – orientadas pelos princípios da economia solidária, associativismo, valorização da cultura local, e, principalmente, protagonizado pela comunidade – possuem um modelo de gestão que incentiva a autonomia e a autogestão da comunidade na formulação de ações para o desenvolvimento turístico de modo participativo, como destacado por Silva e Castriota

(2018). Nesse sentido, a autogestão, como preconizado por Rigo (2014) não significa apenas a autonomia da governança e do processo decisório exercido pelos membros do ACTOUR, mas representa a construção cotidiana da autonomia dos jovens, rompendo com qualquer prática autoritária e emponderando-o para outro tipo de organização.

5.4 AS COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS NA ACTOUR

As ações de turismo promovidas pelo ACTOUR a partir do protagonismo dos jovens itapagipanos requerem uma formação educacional/profissional que em muitas das vezes extrapola os ensinamentos da educação fundamental formal dada nas escolas públicas do território. Para suprir as necessidades de qualificação, o Coletivo propõe o oferecimento de cursos específicos para formação dos jovens ou busca apoio em outras instituições especializadas para suprir as necessidades que vão surgindo no cotidiano da realização das atividades. No Turismo Comunitário esses jovens são inseridos em ações que estão conectadas às suas competências. Assim, os jovens se preparam antes para realizar atividades em que já foram qualificados.

A atuação dos jovens na questão do ACTOUR tem de diversas formas, **no caso tem o jovem que ele é o apoio, entra na questão de que aqueles jovens já fizeram cursos anteriores e já tem essa prática da fotografia** e a gente já inclui ele também para estar a par do que está acontecendo, fazendo esse trabalho que é mais voltado para questão do apoio mesmo que vai dar esse suporte. E a gente tem um valor que é estipulado pra ele (uma grana que ele recebe), uma tabela de preço baseado no que já tem no mercado, como se fosse o pacote. A gente trouxe essa ideia pro grupo e ficou essa questão dos valores. Então as agências quando vem já sabem que tem um valor estipulado [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso].

A ACTOUR realiza uma filtragem de competências a partir de uma pesquisa de autoconhecimento com o jovem que deseja participar de uma ação de turismo. A partir do reconhecimento do jovem sobre aquela atividade que vai realizar dentro da ação, ele próprio se avalia como apto ou não. Todavia, no exercício de sua atividade o jovem precisará desenvolver outras competências que não foram desenvolvidas nos cursos fornecidos, como, por exemplo, a relação interpessoal, que normalmente é desenvolvida com a prática laboral. O autoconhecimento se revela na ACTOUR como um fator importante para que o jovem reconheça suas competências e sua inserção nas ações desenvolvidas pelo coletivo.

A gente faz uma abertura tipo uma pesquisa de **autoconhecimento** dele próprio, porque talvez ele não tenha por exemplo essa questão da relação interpessoal, mas tem a expertise de uma planilha pra fazer cálculos, pra trazer essas questões. Então a gente fala olha então você vai ficar nessa área. Eu acredito que áreas não faltam, necessariamente, a ideia da gente não é pegar a juventude e jogar pra que ela já esteja dentro operacionalizando. [trecho de entrevista com Carlos, GRIFO NOSSO]

Uma das dificuldades relatadas para o desenvolvimento pessoal e profissional dos jovens no coletivo estaria relacionada às expectativas familiares acerca do futuro desse jovem, objetivando de imediato sua inserção no mercado de trabalho, o que pode ser por vezes ser conflitante com o desejo pessoal do próprio jovem.

As dificuldades sociais é o que gente já falou aqui, **é uma juventude que sonha muito, mas é pouco entendida**...Porque acho que você tentar dialogar com uma parede é muito difícil, porque já tem muitas coisas que já foram colocadas pra própria juventude que é , que a juventude tem que ser forte, que juventude tem que ter emprego, tem que trabalhar, tem que sustentar sua casa, tem que ter o seu próprio dinheiro e isso é legal ...é digno. **Mas poucos vivem os sonhos.** (...) (Eles) chegam aqui pra fazer parte do grupo...que tem aquela ânsia ter um emprego, já tá trabalhando, fazendo e tal..., mas a gente pergunta: Tá, mas vocês querem fazer isso por quê? - Ah porque meu pai e minha mãe disseram que vou ter que fazer isso e a minha mãe e aquilo e eles disseram já. [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso].

“Tem que sustentar a casa”. Esta afirmação do entrevistado reflete a pressão familiar sobre a imediata contratação do jovem no emprego. Isto pode estar relacionado a questão socioeconômica do território. O bairro do Uruguai é um bairro periférico de Salvador que, de acordo com observaSSA (2023),

[...] em 2010, o bairro Uruguai contava com uma população total de 30.370 habitantes, a maior parte se autodeclarou parda (58,99%) e preta (27,66%), do sexo feminino (53,67%) e se encontrava na faixa etária de 20 a 49 anos (50,99%). No que diz respeito aos domicílios, 6,10% dos responsáveis não eram alfabetizados e apesar de 45% estar na faixa de 0 a 1 salário-mínimo, a renda média dos responsáveis por domicílio no bairro era de mil reais.

Mais de uma década se passou, mas a situação no bairro ainda continua precária comparada a outros bairros de Salvador. O jovem acaba abandonando os estudos para trabalhar e ajudar no sustento da família. Durante esse processo o autoconhecimento para a vida é essencial. No percurso de autoconhecimento, como cita Baggio e Baggio (2014) este é um aprendizado constante. No contexto da comunidade muitos jovens seguiram ‘outros caminhos’ e acabaram retornando para a comunidade, tendo uma segunda chance de

recomeçar.

Hoje a gente tá aqui com um jovem que ele tá com a medida socioeducativa, é? Fazendo parte do movimento e a gente percebeu essa perspectiva, esse brilho no olhar de **querer recuperar aquilo que ele não conseguiu fazer de primeira**. Porque claro que teve a questão da divergência, aconteceu e tal...e agora ele tá tendo contato com outro universo. Uma das grandes dificuldades da gente, é quando a gente recebe esse jovem aqui com essa perspectiva, até pra gente tentar colocar um norte. Trazer uma outra perspectiva de futuro ou de vivência, né? [trecho de entrevista com Carlos].

Quanto a dificuldade para o desenvolvimento de competências se destaca que a ausência de interesse por parte de alguns jovens seria um fator principal.

Não tem problema quanto a capacitações, pois são uma rede e não um grupo. Porque a gente trabalha muito com a questão das parcerias que funciona demais, essa rede consegue alcançar muitas coisas e principalmente nessa rede BATUC, eu tô até fazendo parte da comissão geral da BATUC, e aí eu já coloque lá como pauta, porque tem outras iniciativas têm até dificuldades maiores que a da gente, mas a gente tá um pouco mais conseguindo alcançar porque a gente já tem um trabalho muito voltado para o relacionamento interpessoal das juventudes que chegam aqui. Então essa iniciativa do turismo comunitário na verdade elas são mais uma iniciativa que estão chegando, na verdade que chegou há um tempo. Mas que ela está se encaixando em várias outras atividades, né? Então essa dificuldade do jovem dele querer participar, talvez seja mais pela questão da escolha deles, sebe? Às vezes a gente quer muito que ele participe, muito que ele faça, a gente ver que ele uma *expertise* que conseguiria ser um ótimo guia, um ótimo apoio, ou alguém que esteja na coordenação da coisa, mas acaba não conseguindo, **porque ele mesmo fez a escolha que não**. [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso].

Outro desafio do processo de formação destes jovens destacado pelo entrevistado é a ‘ausência de pertencimento de si’.

Tem muito essa **questão da ausência do pertencimento de si**...Então a gente trabalha muito com essa questão do se reencontrar dentro desse processo...e **aí que entra o papel da arte, aí que entra o papel da própria REPROTAI, da gente incentivar ele a ser protagonista, né? Ele tomar as decisões, assumir as responsabilidades que vão aparecer** e dizer também que quando ele for assumir as responsabilidades, ele não vai tá só...ele agora vai ter uma rede agora pra abraçar ele [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso].

Quanto ao **conhecimento** que faz parte da tríade - CHA, se relata que há capacitações para a formação do público juvenil integrante do ACTOUR.

Outras instituições que oferecem essas capacitações, é justamente o que eu falei da ‘estrela’, através de Júlia. Agora que tem essa rede BATUC de turismo comunitário.

Essa Júlia agora também, já tem uma agência que faz esse processo de *advocacy* também, de auxiliar as iniciativas de turismo comunitário que é COMUNICULTURI, que ela criou justamente pra isso. Além de ela ser uma agência que também trabalha dos roteiros com o turista, ela trabalha também com a questão da capacitação e formação desse público [trecho de entrevista com Carlos].

Além do conhecimento por meio das capacitações para o turismo, eles possuem também o conhecimento atrelado ao senso de pertencimento. O desenvolvimento do senso de pertencimento de si é uma competência importante para o empreendedorismo social voltada para o Turismo comunitário.

O jovem que entra no ACTOUR passa por algumas formações e capacitações. Que são coisas bem relevantes voltadas mais para o território, né? Então **conhecer a história do território**, saber por que teve as palafitas, que às vezes a gente tem os jovens que moram aqui que são nascidos e criados aqui, mas ainda não tiveram o contato, alguém pra trazer essa ideia, contar essa história...Então a gente traz isso, até pra ter um **pertencimento** para passar até para quem tá vindo de fora, porque as pessoas que vêm de fora, eles se interessam muito mais quando eles pedem esse roteiro daqui, eles já sabem que eles vão encontrar num roteiro que é diferente dos outros, que eles vão se aproximar da história. Então... eles querem saber muito como se deu isso, porque que as mulheres são lideranças, lá no país dele não existe isso, é sempre homens no poder, pra eles gera uma outra perspectiva, uma outra história, um outro legado [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso].

O senso de pertencimento parte de ‘quem estou falando’, ‘onde estou’ e ‘o que faço’, que são valores do próprio constructo do Turismo Comunitário desenvolvidos a partir de atividades de formação da ACTOUR. Como destacado por Moraes (2020), o movimento coletivo pela busca por desenvolvimento local, pelo fortalecimento do sentido de pertencimento, pela afirmação das identidades locais e pelo respeito às tradições e valorização cultural constituem eixos comuns dessas iniciativas. Esta competência parece ser essencial para o empreendedorismo social, pois o jovem inova a partir da compreensão dos problemas do seu entorno e com as oportunidades que se apresentam no seu cotidiano, o que se conecta com o que cita Lopes (2010) que enfatiza a necessidade de priorizar a exposição dos alunos a situações reais que ofereçam a oportunidade de administrar, arriscar e aprender com os resultados das próprias ações.

Ao compreender a sua inserção no território, os jovens tendem a se autoempoderar, se valorizar e preocupar com a situação social do território. De forma que se torna necessário que este participe do processo de conhecimento do território:

E aí a gente faz com que esses jovens conheçam todo esse processo, com é esse processo como surgiu esse processo, **pra ter aquela coisa de pertencimento...do**

que estou falando, de quem estou falando e de onde eu estou. Não estou falando de algo, estou falando de mim, é dessa forma que eles desempenham essas ações [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso].

A experiência aparece como um fator diferencial no processo de desenvolvimento do conhecimento:

Porque eu como alguém que já tenho essa questão do “*know-how*” do conhecimento de pensar, de falar e de leitura de mundo e todas as formas... eu consigo me desvencilhar da questão do guia, que vai estar ali falando e tal, e guiando as pessoas... mas vão ter outras pessoas que vão dizer: - Olha vou ficar aqui só no apoio porque eu vou tirar foto, vou lá na igreja pra ver se tá dando ‘acesso’ se dá pra gente subir com o pessoal, então o apoio vai fazer isso...e a gente tem essa pessoa que vai fazer essa função, mas caso ele não se identifique com nenhuma dessas duas áreas, a gente vai achar uma área. Caso ele também não queira, isso aí tem muito isso. **Você quer fazer parte do ACTOUR, você quer experimentar** [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso].

De forma que a prática está atrelada ao conhecimento durante este processo, eles pretendem dar seguimento à esta forma de aprendizado de desenvolver a **habilidade** (**‘saber-fazer’**). Como menciona Freire (1987, p.50, grifo nosso), “não há palavra verdadeira que não seja *práxis*. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo, não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na **ação-reflexão**”.

[...] De fazer um tour – ACTOUR de um roteiro da gente mesmo com os próprios jovens, para eles perceberem como é a dinâmica do turismo. Da mesma forma que a gente recebe as pessoas que vêm de fora, a gente vai fazer esse roteiro com eles, tanto com os jovens como com as crianças e adolescentes. As próprias crianças vão começar a conhecer isso, saber como faz...então, isso é uma forma de incentivo também, claro que a gente sabe que não vai ter uma galera, mas sei ver a gente não vai ter lugar pra todo mundo, porque é muito reduzido (risos). Então é aquela questão de abrir esse universo, essa ideia do conhecimento pra que eles comecem a se sentir pertencente desse recorte [trecho de entrevista com Carlos].

Uma habilidade considerada importante seria a de ‘mudar a realidade das pessoas a sua volta’.

Tentar mudar a realidade das pessoas a sua volta, sou ex-aluno da comunidade, sou fruto de construção desse processo coletivo e contar (sobre) o maior complexo das palafitas. Uma coisa é eu contar sobre o Uruguai outra coisa é eu falar do Uruguai [trecho de entrevista com Diógenes].

Com relação ao valor que se reflete na atitude desse jovem, se destaca o interesse

de que o jovem tenha em si como um valor, o fortalecimento da juventude.

(...) Fortalecimento da Juventude... Da gente se fortalecer e fortalecer o outro, ajudar o outro nessa perspectiva, de se **autoconhecer**, nessa questão da autoafirmação, da **identidade e do pertencimento. É uma das atitudes que a gente tem mais forte na rede...por isso que se chama REDE DE PROTAGONISTAS. Nós somos nossos próprios protagonistas dessa construção, que é uma construção coletiva.** [trecho de entrevista com Diógenes, grifo nosso]

A realização das ações de Turismo Comunitário no território também enfrenta desafios por causa da infraestrutura precária e falta de serviços municipais.

A questão do próprio lixo, é uma questão de reeducação das próprias pessoas que moram na comunidade. A gente faz isso com a cooperativa, mas a gente sabe que isso vai ser a longo prazo. (...) Um dos problemas que a gente mais enfrenta na comunidade é a questão da segurança pública [trecho de entrevista com Diógenes]

A ‘limpeza urbana’ e a ‘segurança pública’ são os principais problemas enfrentados pelo Turismo Comunitário no território. Estes pontos se evidenciam em uma pesquisa realizada pelo IPEA (2021) denominada atlas das periferias no Brasil, mostra que a ‘ausência de limpeza urbana’ em alguns locais está relacionada ao racismo estrutural:

A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), cuja universalização do acesso a serviços de coleta de resíduos sólidos, bem como de material reciclável foi favorecido pela Lei no 12.305/2010. No mesmo ano da lei, em 2010, 8 milhões de pessoas residiam em domicílios com lixo acumulado no entorno, sendo que aproximadamente 808 mil pessoas em aglomerados subnormais, o que aponta o serviço de coleta como um problema para além das periferias, presente também nas áreas regulares. No total, os negros eram 59% e os brancos, 39,7%, percentuais próximos aos das áreas regulares, 58% e 40,7%, respectivamente. Nos aglomerados subnormais, os percentuais sobem para 67,9% para negros e 30,9% para brancos. Em Roraima e na Bahia, **86% dos residentes em periferias com lixo acumulado no entorno do domicílio eram negros. Ou seja, a concentração da ausência do serviço recai sobre a população negra, o que significa dizer que o lixo fica mais próximo das moradias da população negra** (IPEA,2021, p.30, grifo nosso)

O segundo problema enfrentado seria a ‘segurança pública’ em se pode perceber que este problema também corresponde a aspectos raciais de desigualdade social.

Esses dados comprovam a segregação de base racial na cidade do Rio de Janeiro, impondo aos negros espaços com baixa infraestrutura urbana (acesso à água potável, luz, esgoto, coleta de lixo, arruamento etc.). (...) São espaços marcados pela intensa concentração populacional num pequeno espaço, **por áreas majoritariamente dominadas pelo tráfico de drogas e pelas milícias e por ser uma área que**

expressa injustiças sociais. (...) As **ações violentas do Estado** em operações policiais têm militarizado esses espaços, impactando a vida das mulheres com inúmeros casos de assédio, estupro, trazendo mudança nas suas rotinas e vitimando majoritariamente homens negros (IPEA,2021, p.350, grifo nosso)

Há dessa forma, muitos fatores raciais estruturais que refletem na vida da comunidade em si, como o descaso do poder público na oferta de serviços básicos como limpeza e segurança pública à população que conseqüentemente ocasionam na proliferação do lixo, afetando a saúde dos seus moradores e na violência assola matando jovens e sendo por vezes impeditivo para que pais e mães de família possam sair de suas casas e ter um emprego digno, de forma que também impactam no crescimento socioeconômico do turismo local.

5.5 MAPEAMENTO DAS COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS NA ACTOUR

Este tópico se refere à terceira categoria de análise da pesquisa – mapeamento das competências empreendedoras – que se insere no contexto de desigualdade social enfrentado por jovens diariamente na comunidade, como por exemplo, a falta de recursos, violência, ausência da ação efetiva do Estado na prestação de serviços públicos, e as diversas incertezas são pontos recorrentes no território da Península de Itapagipe.

Neste cenário, as competências empreendedoras que se tornam um dos fatores importantes na mudança da realidade vivenciada pelos jovens na comunidade sendo necessário assumir ações que convirjam para as mudanças sociais.

O quadro de referência de CEs do *EntreComp* (2016) é dividido em 3 (três) áreas, ou seja, grupos que englobam 5 (cinco) competências cada um.

A primeira área denominada de “**Ideias e Oportunidades**” é formado por 5 (cinco) competências empreendedoras que são: (1) Identificar Oportunidades, (2) Criatividade, (3) Visão, (4) Valorizar ideias e (5) Pensamento ético e sustentável.

A segunda área denominada “**Recursos**” é formada por 5 (cinco) competências empreendedoras que são: (1) Autoconsciência e Autoeficácia, (2) Motivação e perseverança, (3) Mobilizar recursos, (4) Letramento Financeiro e Econômico e (5) Mobilizar terceiros.

A terceira área denominada “**Ação**” é formado por 5 (cinco) competências empreendedoras que são: (1) Tomar a iniciativa, (2) Planejar e gerir, (3) Lidar com a incerteza, a ambigüidade e o risco, (4) Trabalhar com outros e (5) Aprender com a experiência.

As CEs “**Identificar Oportunidades**” e “**Visão**” foram identificadas nas ações

que se desdobraram na criação do ACTOUR, protagonizado pelos jovens da comunidade que vislumbraram no Turismo Comunitário uma oportunidade de gerar renda para a comunidade e valorizar a mesma. Eles visualizaram cenários futuros para a comunidade e transformaram uma ideia em ação (*EntreComp*, 2016).

Então é isso e aí que foi encabeçando, a gente pensou que na verdade a própria associação já recebia visitas através da ‘Visão Mundial’, porque começaram a vir algumas pessoas que começaram a ver que trabalho estava fluindo, trabalhava com a questão de apadrinhamentos e alguns vinham de fora, de outro país, começaram a querer ver a criança. **E aí eles queriam conhecer a criança que estavam apadrinhando e a partir daí a gente foi vendo, e daí através dessas visitas é que foi se percebendo que a gente poderia ver uma forma de fazer com que isso se tornasse um ‘empreendedorismo’, né?** Dentro da comunidade pra poder gerar essa questão da economia. [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso]

A CE **“Pensamento ético e Sustentável”** se evidenciou nas ações de Turismo Comunitário de forma que se avaliou as consequências de ideias que trazem valor e o efeito de ações empreendedoras na comunidade e reflexão sobre os objetivos sustentáveis de longo prazo a nível social, cultural e econômico, agindo de forma responsável (*EntreComp*, 2016).

Sabe uma coisa também uma coisa que é muito gratificante no turismo comunitário e o empreendedorismo? É que a gente também tem a **questão da sustentabilidade humana, né? Que a gente se autossustenta e temos também aquela questão de a gente valorizar o que é nosso...** E aí com tudo isso a gente fica feliz de saber que o nosso trabalho de base está dando frutos, frutos positivos. [trecho de entrevista com Diógenes, grifo nosso]

Outras CEs foram encontradas nestas ações como **“Criatividade”** e **“Motivação e Perseverança”**, em que se desenvolveram ideias e oportunidades incluindo as melhores soluções para desafios atuais e futuros explorando e experimentando através de abordagens inovadoras (*EntreComp*, 2016). Além de serem determinados para transformar ideias em ações e chegar mais longe, sendo resiliente sob pressão e perante adversidades, de forma a não deixar que o legado da comunidade seja esquecido.

E aí, a gente fica **se reinventando e se recriando na medida do possível do que gente pode, pra poder não deixar de vista as histórias dessas pessoas morrer**, então tem pessoas nos antecederam e que têm muita vontade de vencer e de cada vez mais ver essa comunidade sendo referência pra muitas comunidades. [trecho de entrevista com Diógenes, grifo nosso]

A CE **“Trabalhar com outros”** aparece com o trabalho em conjunto e a

cooperação com outros para desenvolver ideias e colocá-las em prática e na criação de redes (*EntreComp*, 2016). Ilustrado na forma que a juventude se une às outras gerações passadas para fortalecer o movimento de resistência.

Então a gente faz o trabalho em conjunto...Ela ('mulheres da laje', as mulheres que estavam aí na associação) mostra o caminho, ela diz olha tem essa e essa estratégia então vamos tentar.... É gente com vigor e com força e com a galera, e claro a arte de '**aquilombar-se'** **fazer todo mundo junto e em comunidade**. [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso]

Em outra fala se destaca a força da coletividade para a construção do protagonismo juvenil.

[...] Fortalecimento da juventude. **Da gente se fortalecer e fortalecer o outro, ajudar o outro nessa perspectiva, de se autoconhecer, nessa questão da autoafirmação, da identidade e do pertencimento**. É uma das atitudes que a gente tem mais forte na rede...por isso que se chama REDE DE PROTAGONISTAS. Nós somos nossos próprios protagonistas dessa construção, **que é construção coletiva**. [trecho de entrevista com Diógenes, grifo nosso]

A CE "**Autoeficácia e Autoeficiência**" se mostra na atitude de acreditar em si mesmo e busca pelo desenvolvimento contínuo, de forma a identificar e avaliar as forças e as fraquezas individuais e coletivas (*EntreComp*, 2016). Ou seja, avaliar por exemplo, quais cursos, competências e/ou capacitações são necessários para o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

A atuação dos jovens na questão do ACTOUR tem de diversas formas, no caso tem o jovem que ele é o apoio, entra na questão de que **aqueles jovens já fizeram cursos anteriores e já têm essa prática da fotografia** e a gente já inclui ele também para estar a par do que está acontecendo, fazendo esse trabalho que é mais voltado para questão do apoio mesmo que vai dar esse suporte [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso]

Em outro momento se destaca por exemplo uma capacitação em língua inglesa que o ajudaria nas ações de turismo na comunidade.

Hoje tô fazendo até **aula de inglês**, isso foi o que chamou a questão das bolsas integrais da cultura inglesa, né? Ele vinheram e daí ofereceram pra gente, oito bolsas integrais... e eu sou um dos contemplados. **Então, foi um universo que eu fui descobrindo que faz parte disso, porque as pessoas que vêm de fora, basicamente pode ser alemão, francês, pode ser quem for ,eles geralmente sempre têm alguém que fala inglês. Então se você já conhece, você tem um**

contato melhor, e aí é algo que pra gente uma ideologia um pouco deferente do turismo tradicional, abriu outro universo, sabe? [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso]

A CE “**Valorizar ideias**” se materializa em quando se avalia o valor existente em termos sociais, culturais e econômicos em uma ideia, reconhecendo o potencial desta e identifica formas adequadas de desenvolvê-la (*EntreComp*, 2016). Deste modo, a escuta perpassa pela comunidade dividindo ideias que possam contribuir para a melhoria da coletividade por meio da dialogicidade

A relação e a comunicação com a comunidade é bem fluidas, **tudo o que a gente pensa na comunidade, primeiro a gente passa por esse processo a gente abre pra comunidade**. [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso]

A CE “**Aprender com a experiência**” se insere na metodologia ‘aprender-fazendo’, de forma a usar todas as iniciativas como uma oportunidade de aprendizagem, aprendendo com os outros, incluindo com os pares e os mentores, além de refletir e aprender tanto como sucesso como com a falha (do próprio ou de outros) (*EntreComp*, 2016). Percebe-se que a experiência faz parte do processo de aprendizado dos jovens no Turismo Comunitário, pois estes têm associada a teoria e prática das ações desenvolvidas.

Você quer fazer parte do ACTOUR, você quer experimentar, e é por isso que agora, a gente tá com a ideia de também.... Porque na verdade, logo de primeira a gente fazia...depois que a gente parou, que a rede como é rotativa passa várias turmas aqui de jovens e renova a cada ano. **De fazer um tour – ACTOUR de um roteiro da gente mesmo com os próprios jovens, para eles perceberem como é a dinâmica do turismo**. Da mesma forma que a gente recebe as pessoas que vem de fora, a gente vai fazer esse roteiro com eles, tanto com os jovens como com as crianças e adolescentes. [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso]

Os jovens integrantes da ACTOUR desenvolvem por vezes ações simultâneas pois dividem responsabilidades. O que evidenciam as duas CEs que são: “**Tomar a iniciativa**” e “**Lidar com a incerteza, ambiguidade e o risco**”, que são necessárias para o desenvolvimento das ações convergindo para as situações em que estes possam aceitar os desafios, ajam e trabalhem de forma independente para atingir os objetivos, seguindo a linha definida e executem as tarefas planejadas e lidem com situações imprevisíveis de forma rápida e flexível (*Entrecomp*,2016).

Maior habilidade que a gente traz aqui é a meu ver seria a questão de ser sensível e flexível às coisas, porque aqui a gente tem muito isso. É... pessoas trabalhando de várias áreas aqui, na REPROTAI em si que falo assim, que tem expertise para várias áreas, eu particularmente tenho essa questão da parte técnica de fazer roda, de discutir de trazer temas que vão fazer a galera discutir mesmo debater, causar aquele burburinho. Outro vai dizer: - Ah eu prefiro sentar ali com as crianças... contar história., vou contar história pras crianças, trazer essa ideia. [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso]

Para a construção da creche que vai ajudar as famílias que poderão deixar as crianças na creche, e assim, terem mais segurança e tranquilidade para trabalhar, levando sustento para sua casa com o apoio da juventude da ACTOUR com a atividade de turismo comunitário arrecada recursos para tornar esse sonho coletivo em realidade. Alguns CEs se destacam nessa proposta como: **“Planejar e Gerir”**, **“Mobilizar Recursos”**, **“Mobiliza Terceiros”** e **“Letramento Financeiro e Econômico”**, em que se tem as ações de priorizar, organizar e acompanhar os processos, reunindo e gerindo os recursos necessários. Desenvolvendo com planejamento e prática, avaliando as decisões financeiras ao longo do tempo. Além de inspirar, entusiasmar e mobilizar outros para um objetivo em comum.

Porque através desse turismo a gente tá angariando fundos pra poder ajudar na construção da creche, e vários turistas que vinheram de fora, eles se interessaram em contribuir com um valor para ajudar nessa questão da construção, que **a gente já conseguiu terreno, agora só falta construir**. Então os jovens eles fazem esse papel (...) . [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso]

As CEs encontradas se relacionam ao turismo comunitário, uma vez que, objetivam de forma geral aspectos como a coletividade, dialogicidade e o bem comum, em que visam a transformação social pela valorização do território.

O Quadro 9 sumariza o Mapeamento de Competências Empreendedoras verificadas no ACTOUR, algumas se encontram no mesmo trecho da fala dos entrevistados:

Quadro 10 - Competências Empreendedoras encontradas no ACTOUR

ÁREA	COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS	SUGESTÃO	TRECHOS DA ENTREVISTA
IDEIAS E OPORTUNIDADES	1) Identificar oportunidades	Usar a imaginação e as suas habilidades para identificar oportunidades	“E aí eles queriam conhecer a criança que estavam apadrinhando e a partir daí a gente foi vendo, e daí através dessas visitas é que foi se percebendo que a gente poderia ver uma forma de fazer com que isso se tornasse um ‘empreendedorismo’, né?” [trecho de entrevista com Carlos]

ÁREA	COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS	SUGESTÃO	TRECHOS DA ENTREVISTA
	2) Criatividade	Desenvolver ideias criativas e de valor	“E aí, a gente fica se reinventando e se recriando na medida do possível do que gente pode, pra poder não deixar de vista as histórias dessas pessoas morrer, então tem pessoas nos antecederam e que têm muita vontade de vencer e de cada vez mais ver essa comunidade sendo referência pra muitas comunidades.” [trecho de entrevista com Diógenes]
	3) Visão	Trabalhar para uma visão de futuro	“E aí eles queriam conhecer a criança que estavam apadrinhando e a partir daí a gente foi vendo, e daí através dessas visitas é que foi se percebendo que a gente poderia ver uma forma de fazer com que isso se tornasse um ‘empreendedorismo’, né?” [trecho de entrevista com Carlos]
	4) Valorizar ideias	Fazer o máximo com as ideias e oportunidades	“A relação e a comunicação com a comunidade são bem fluidas, tudo o que a gente pensa na comunidade, primeiro a gente passa por esse processo a gente abre pra comunidade.” [trecho de entrevista com Carlos]
	5) Pensamento ético e sustentável	Pensar nas consequências e no impacto das ideias, oportunidades e ações	“(…) Questão da sustentabilidade humana, né? Que a gente se autossustenta e temos também aquela questão de a gente valorizar o que é nosso...” [trecho de entrevista com Diógenes]
RECURSOS	1) Tomar Iniciativa	Avançar	“Maior habilidade que a gente traz aqui é a meu ver seria a questão de ser sensível e flexível às coisas, porque aqui a gente tem muito isso. É... pessoas trabalhando de várias áreas aqui, na REPROTAI em si que falo assim, que tem expertise para várias áreas, eu particularmente tenho essa questão da parte técnica de fazer roda, de discutir de trazer temas que vão fazer a galera discutir mesmo debater, causar aquele burburinho. Outro vai dizer: - Ah eu prefiro sentar ali com as crianças... contar história., vou contar história pras crianças, trazer essa ideia.” [trecho de entrevista com Carlos]
	2) Planejar e Gerir	Priorizar, organizar e acompanhar	“Porque através desse turismo a gente tá angariando fundos pra poder ajudar na construção da creche, e vários turistas que vinheram de fora, eles se interessaram em contribuir com um valor para ajudar nessa questão da construção, que a gente já conseguiu terreno, agora só falta construir. Então os jovens eles fazem esse papel (...)”. [trecho de entrevista com Carlos]
	3) Lidar com a incerteza, ambiguidade e o risco	Tomar decisões lidando com a incerteza, a ambiguidade e o risco	“Maior habilidade que a gente traz aqui é a meu ver seria a questão de ser sensível e flexível às coisas, porque aqui a gente tem muito isso. É... pessoas trabalhando de várias áreas aqui, na REPROTAI em si que falo assim, que tem expertise para várias áreas, eu particularmente tenho essa questão da parte técnica de fazer roda, de discutir de trazer temas que vão fazer a galera discutir mesmo debater, causar aquele burburinho. Outro vai dizer: - Ah eu prefiro sentar ali com as crianças... contar história., vou

ÁREA	COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS	SUGESTÃO	TRECHOS DA ENTREVISTA
			contar história pras crianças, trazer essa ideia.” [trecho de entrevista com Carlos]
	4) Trabalhar com outros	Trabalhar em grupo, colaborar e criar redes	“Então a gente faz o trabalho em conjunto...Ela (‘mulheres da laje’, as mulheres que estavam aí na associação) mostra o caminho, ela diz olha tem essa e essa estratégia então vamos tentar.... E gente com vigor e com força e com a galera, e claro a arte de ‘aquilombar-se’ fazer todo mundo junto e em comunidade.” [trecho de entrevista com Carlos]
	5) Aprender com a experiência	Aprender fazendo	“Você quer fazer parte do ACTOUR, você quer experimentar, e é por isso que agora, a gente tá com a ideia de também.... Porque na verdade, logo de primeira a gente fazia...depois que a gente parou, que a rede como é rotativa passa várias turmas aqui de jovens e renova a cada ano. De fazer um tour – ACTOUR de um roteiro da gente mesmo com os próprios jovens, para eles perceberem como é a dinâmica do turismo. Da mesma forma que a gente recebe as pessoas que vem de fora, a gente vai fazer esse roteiro com eles, tanto com os jovens como com as crianças e adolescentes.” [trecho de entrevista com Carlos, grifo nosso]
AÇÃO	1) Autoconsciência e Autoeficácia	Acreditar em si mesmo e procurar o desenvolvimento contínuo	“A atuação dos jovens na questão do ACTOUR tem de diversas formas, no caso tem o jovem que ele é o apoio, entra na questão de que aqueles jovens já fizeram cursos anteriores e já têm essa prática da fotografia e a gente já inclui ele também para estar a par do que está acontecendo, fazendo esse trabalho que é mais voltado para questão do apoio mesmo que vai dar esse suporte.” [trecho de entrevista com Carlos]
	2) Motivação e Perseverança	Manter o foco e não desistir	“E aí, a gente fica se reinventando e se recriando na medida do possível do que gente pode, pra poder não deixar de vista as histórias dessas pessoas morrer, então tem pessoas nos antecederam e que têm muita vontade de vencer e de cada vez mais ver essa comunidade sendo referência pra muitas comunidades”. [trecho de entrevista com Diógenes]
	3) Mobilizar recursos	Reunir e gerir os recursos necessários	“Porque através desse turismo a gente tá angariando fundos pra poder ajudar na construção da creche, e vários turistas que vinheram de fora, eles se interessaram em contribuir com um valor para ajudar nessa questão da construção, que a gente já conseguiu terreno, agora só falta construir. Então os jovens eles fazem esse papel (...)” . [trecho de entrevista com Carlos]

ÁREA	COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS	SUGESTÃO	TRECHOS DA ENTREVISTA
	4) Letramento financeiro e econômico	Desenvolver conhecimentos financeiros e econômicos	“Porque através desse turismo a gente tá angariando fundos pra poder ajudar na construção da creche, e vários turistas que vinheram de fora, eles se interessaram em contribuir com um valor para ajudar nessa questão da construção, que a gente já conseguiu terreno, agora só falta construir. Então os jovens eles fazem esse papel (...)”. [trecho de entrevista com Carlos]
	5) Mobilizar terceiros	Inspirar, entusiasmar e mobilizar outros	“Porque através desse turismo a gente tá angariando fundos pra poder ajudar na construção da creche, e vários turistas que vinheram de fora, eles se interessaram em contribuir com um valor para ajudar nessa questão da construção, que a gente já conseguiu terreno, agora só falta construir. Então os jovens eles fazem esse papel (...)”. [trecho de entrevista com Carlos]

Fonte: Adaptado *EntreComp* (2016).

6 RESIDÊNCIA SOCIAL: METODOLOGIA “APRENDER FAZENDO” NO MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS

O objetivo do relato é discutir os resultados da residência social (RS) realizada no âmbito do Programa de Desenvolvimento e Gestão Social, da Universidade Federal da Bahia, que teve como objetivo analisar as ações da *Junior Achievement* (JA) para desenvolvimento de competências empreendedoras realizadas nas escolas na cidade de Salvador/BA, buscando descrever os programas de Educação Empreendedora e verificar a metodologia das ações e o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes empreendedoras. A RS foi realizada a partir de observação não participante, com escuta ativa e análise de documentos da organização social. Verificou-se que o aspecto prático das metodologias ativas empregadas nos programas dinamiza o ensino e o desenvolvimento de competências empreendedoras, com destaque para temas que integram a temática social e ambiental.

A Residência Social (RS) é uma tecnologia educacional desenvolvida no âmbito do Programa de Desenvolvimento e Gestão Social (PDGS) e Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS), desde 2001, e que se estabeleceu numa perspectiva interdisciplinar, articulando conhecimento teórico e prático, análise e/ou intervenção organizacional (Schommer; França Filho, 2010) para a formação de gestores sociais e para a geração de dados para pesquisas em gestão social e desenvolvimento territorial (PDGS, 2014).

O relato de experiência apresentado é resultado da realização de uma residência social na *Junior Achievement* (JA) e se insere no contexto educacional com o objetivo de analisar as ações da *Junior Achievement* (JA) para desenvolvimento de competências empreendedoras realizadas nas escolas na cidade de Salvador/BA, buscando conhecer a estrutura da organização, descrever os programas de Educação Empreendedora da JA na Bahia

com recorte para o município de Salvador, verificar a metodologia das ações e os conhecimentos, habilidades e atitudes empreendedoras desenvolvidos.

A educação empreendedora (EE) tem sido reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como um dos importantes pilares da educação (Lima *et al.*, 2015). No Brasil, a Lei nº 2.944, aprovada em 2021, pelo Governo Federal, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) para inclusão dos temas de empreendedorismo e inovação nos currículos da educação básica gerando impacto no movimento de criação de conhecimento acadêmico, mas ainda se percebe poucas pesquisas críticas sobre o desenvolvimento de competências empreendedoras (CE's) em jovens de vulnerabilidade social, que residem em periferias ou participam de projetos sociais.

A cidade de Salvador possui um potencial econômico turístico que vem crescendo quanto a novos negócios nos últimos anos. Mas há ainda índices de violência urbana e exclusão social, então, examinar alternativas para o desenvolvimento de competências empreendedoras em projetos sociais é de importância singular para contribuir para a inclusão socioeconômica da juventude nas comunidades de periferia.

A residência social foi realizada a partir de observação não participante que se desenvolveu pela escuta ativa quando a residente visitou a organização para conhecer os programas de Educação Empreendedora (EE). A RS foi dividida em três etapas: (1) Visita online à instituição, (2) Levantamento de dados e (3) Verificação de práticas de CE's nas Escolas, com análise documental e escuta ativa, como demonstra o quadro 1 a seguir:

Quadro 11 - Etapas da Residência Social

ETAPAS	AÇÕES	METODOLOGIA
Etapa 1	Visita à instituição tendo um momento de interação com a gerência e os gestores para apresentação dos programas de Educação Empreendedora (EE) existentes na Organização.	escuta ativa e análise documental
Etapa 2	Levantamento de dados sobre o impacto (em números) dos programas e ações.	análise documental para coleta de dados quantitativos e qualitativos.
Etapa 3	Verificar junto aos gestores e facilitadores como estão sendo realizadas as ações para desenvolvimento de competências empreendedoras com os alunos nas escolas.	escuta ativa e análise documental

Fonte: Elaboração própria (2023).

A JA é uma organização internacional de Educação Empreendedora, que atua também no Brasil, que tem o objetivo de preparar os jovens para o futuro por meio de programas de empreendedorismo e educação financeira com uma reflexão crítica-prática e desenvolvimento de competências empreendedoras por meio do método “aprender-fazendo”. (Junior Achievement, 2022).

A organização enfrentou desafios quanto à dificuldade acesso aos alunos durante a pandemia, mas conseguiram recuperar em 2021, o número de alunos atendidos antes da pandemia implementando o uso de metodologias ativas no ensino online, mais de 54.000 jovens foram beneficiados pelo programa de Educação Empreendedora em 65 municípios baianos, dentre eles, o município de Salvador. Além disso, foram desenvolvidos projetos em 72 instituições incluindo escolas, associações e centros educacionais, como ilustra a tabela 2:

Tabela 5 - Resultados das Atividades da JA

ANO	CIDADES IMPACTADAS	JOVENS BENEFICIADOS	INSTITUIÇÕES IMPACTADAS	PROGRAMAS REALIZADOS
2019 - 2022	65	54.602	72	36

Fonte: Relatório de Gestão de 2019 a 2022 da JA/BA (2022)

A organização possui nove programas voltados para a temática de desenvolvimento de Competências Empreendedoras: Conectado com o Amanhã, Gestão de Projetos (Habilidade para a Vida), Liderança Comunitária, Economia Pessoal, Atitude pelo planeta, Habilidades para o sucesso, Miniempresa, Empreendedores Climáticos e Nossa Nação. Estes programas estão relacionados às respectivas competências empreendedoras que integram a *EntreComp* (2022) que define empreender como a atuação segundo oportunidades e ideias, transformando-as em valores que podem ser financeiros, culturais ou sociais. Em linhas gerais, portanto, a geração de valor pode acontecer em contextos públicos, privados ou mesmo na vida pessoal” (SEBRAE, 2020). O quadro 11 apresenta os programas e as competências empreendedoras pretendidas:

Quadro 12 - Programas da JA/BA (2022)

PROGRAMAS	DESCRIÇÃO	COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS
Conectado com o Amanhã	Possibilita aos alunos um momento de reflexão sobre seu futuro e preparação para o mercado de trabalho sobre quais são as competências comportamentais desejadas no mercado de trabalho.	(1) Identificar oportunidades, (2) Visão, (3) Autoconsciência e Autoeficácia, (4) Planejar e Gerir.
Gestão de Projetos (Habilidade para a Vida)	Auxilia estudantes a compreender, planejar, realizar, monitorar e avaliar um projeto próprio. Através de uma introdução às habilidades de gestão de projetos.	(1) Planejar e Gerir, (2) Identificar Oportunidades, (3) Autoconsciência e Autoeficácia, (4) Visão, (5) Tomar a iniciativa, (6) Mobilizar recursos, (7) Lidar com a incerteza, ambiguidade e riscos.

Liderança Comunitária	O programa proporciona aos estudantes a experiência da criação e operação de uma organização comunitária. Estes analisam a situação da comunidade local, detectam um aspecto a ser melhorado, constituem uma organização comunitária, elaboram um projeto de serviço comunitário e praticam atitudes de liderança.	(1) Identificar Oportunidades, (2) Visão, (3)Planejar e Gerir, (4)Pensamento Ético e Sustentável, (5) Mobilizar Terceiros, (6) Trabalhar com outros,(7) Tomar a iniciativa e (8) Aprender com a experiência.
Economia Pessoal	Ajuda os alunos a entenderem seus interesses e suas habilidades pessoais, a explorar opções de carreira e descobrirem o valor da educação.	(1) Literacia financeira e econômica, (2) Planejar e Gerir, (3) Identificar Oportunidades, (4)Visão, (5)Autoconsciência e Autoeficácia.
Atitude pelo planeta	Apresenta e desenvolve conceitos relacionados ao desenvolvimento sustentável e à sustentabilidade. Fazendo-os refletir criticamente sobre os problemas socioambientais contemporâneos.	(1) Pensamento Ético e Sustentável, (2) Visão, (3) Autoconsciência e Autoeficácia e (4) Tomar a iniciativa.
Habilidades para o sucesso	Proporciona aulas práticas de preparação para o mercado de trabalho e perspectivas de carreiras.	(1)Visão,(2) Autoconsciência e Autoeficácia, (3)Tomar a iniciativa, (4) Identificar Oportunidades, (5) Planejar e Gerir, (6) Aprender com a experiência.
Miniempresa	Proporciona aos estudantes a experiência prática em economia e negócios através da organização e operação de uma empresa. Na prática, os alunos constituem uma miniempresa.	(1) Tomar a iniciativa, (2) Identificar Oportunidades, (3) Planejar e Gerir, (4) Visão, (5) Mobilizar Terceiros, (6) Trabalhar com outros, (7) Mobilizar recursos, (8) Lidar com a incerteza, ambiguidade e riscos, (9) Aprender com a experiência.
Empreendedores Climáticos	Desenvolve nos alunos o entendimento sobre as mudanças climáticas. O objetivo é inspirar responsabilidade e cooperação, ambas necessárias para impulsionar hábitos de desenvolvimento sustentável.	(1) Pensamento Ético e Sustentável, (2) Trabalhar com outros, (3)Visão e (4)Tomar a iniciativa.
Nossa Nação	Visa a preparar o aluno para o mercado global, apresentando as mudanças tecnológicas introduzindo conceitos relacionados ao empreendedorismo e discutindo as necessidades de recursos e habilidades para os negócios e para o indivíduo. Durante o programa é apresentada a relação da globalização e do empreendedorismo com as áreas de ciência e tecnologia.	(1) Pensamento Ético e Sustentável, (2) Visão, (3)Tomar a iniciativa, (4) Identificar Oportunidades e (5) Autoconsciência e Autoeficácia.

Fonte: Relatório de Gestão de 2019 a 2022 da JA/BA (2022)

O objetivo principal deste relato foi analisar as ações da *Junior Achievement* (JA) para desenvolvimento de competências empreendedoras realizadas nas escolas na cidade de Salvador/BA. Constatou-se que a JA possui diversos programas que têm como metodologia o “aprender-fazendo”, o que torna o processo de desenvolvimento de competências

empreendedoras mais dinâmico, se torna mais experiencial em contraponto ao ensino tradicional. Quanto aos jovens da periferia da cidade de Salvador, como, por exemplo, na Península de Itapagipe, ações de desenvolvimento de competências empreendedoras deveriam contextualizar a realidade social deste território e vislumbrar soluções para os problemas enfrentados por estes jovens na sua realidade, permitindo aos jovens cultivar o seu desenvolvimento pessoal e suas aspirações para além de criação de empreendimentos econômicos. Além disso, é importante inserir temáticas que integram questões ambientais e climáticas e liderança comunitária, como verificadas nos programas da JA, podendo o último atuar com o turismo de base comunitária (TBC) na Península Itapagipana, Salvador, BA.

A experiência da residência social proporcionou a ampliação da visão com relação às possibilidades de inovação quanto às metodologias ativas usadas durante a pandemia, as quais podem ser integradas ao ensino presencial, criando um ambiente híbrido para o desenvolvimento de competências empreendedoras. Desta forma, este modelo alcança um público que por diversos motivos não seria alcançado apenas pelo ensino presencial. Agradecemos à Junior Achievement (JA) pela disponibilidade e receptividade à Residência Social; ao PDGS/UFBA pela oportunidade e apoio para que esta residência se tornasse possível.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa considerou aspectos no contexto socioeconômico e cultural vivenciado pela comunidade da Península de Itapagipe. A juventude que participa desse processo de resistência e luta por direitos está inserida na Rede de Protagonista da Península Itapagipana (REPROTAI).

O Turismo Comunitário de Alagados (ACTOUR) integra a REPORTAI, sendo protagonizado pela juventude nas ações de turismo na Península, neste processo lidando com os desafios locais e globais. As limitações da pesquisa se deram quanto ao espaço e tempo, de modo que não foi possível ter mais participantes na pesquisa devido à obra que ocorreu no local durante este período, o que dispersou muitos dos voluntários para trabalhos na comunidade em outras regiões (dificultando a mobilidade e o possível encontro presencial e online). Devido a essa questão foi escolhido o estudo de caso único com 1 (um) jovem e 1(um) gestor.

Os principais resultados encontrados se desdobraram na problematização quanto ao mapeamento de competências empreendedoras e como estas se relacionariam com a experiência como fator chave nesse processo de ensino-aprendizagem. Verificou-se que as 15 competências listadas pelo *EntreComp* (2016) foram encontradas em certa medida nas ações de formação desenvolvidas pelo ACTOUR. Ainda, destacaram-se no estudo a área de “Ideias e Oportunidades”: identificar oportunidades e visão; pensamento ético e sustentável; criatividade; e, valorizar ideias; na área de “Recursos”: motivação e perseverança; autoeficácia e autoeficiência; e, mobilizar terceiros; letramento financeiro e econômico; e, mobilizar recursos; na área de “Ação”: trabalhar com outros; tomar a iniciativa e lidar com a incerteza; ambiguidade e riscos; e, planejar e gerir.

Esta descoberta enseja sugestões de pesquisas futuras com estudos que sejam mais aprofundados para compreender o processo de desenvolvimento de competências empreendedoras em instituições voltadas para a dinâmica social.

Diferentemente do ambiente escolar, o desenvolvimento de competências empreendedoras na comunidade se mostra ainda mais desafiador, a experiência e o ‘aprender-fazendo’ se constituem um dos fatores importantes no processo de aprendizagem. Diariamente os jovens estão lidando com as incertezas e riscos que impactam diretamente a comunidade por exemplo. O mapeamento de competências poderá contribuir para futuras ações educacionais para o desenvolvimento desses jovens no ACTOUR que terão tanto impacto pessoal como profissional nas suas carreiras. As ações de valorização e preservação do território, como acontece na ACTOUR, possui peculiaridades e diferenciais que se contrapõem à lógica de mercado, pois elas são impregnadas de valores sociais que buscam lutar contra o *status quo* de uma sociedade que é injusta, onde os serviços públicos não são garantidos.

Conclui-se que o desenvolvimento de competências empreendedoras na ACTOUR acontece pela experiência a partir de ações educacionais ofertadas pelo coletivo de forma compartilhada e dialógica com diversos atores sociais e parceiras no território, rompendo com o tradicional ensino bancário, buscando dessa forma interesses da coletividade, dialogicidade, emancipação e resistência para sua re-existência.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SOMA. **Dulce e o turismo religioso em Salvador**. Disponível em: <https://www.soma.org.br/turismo-religioso/3852-irm%C3%A3-dulce-e-o-turismo-religioso-em-salvador>. Acesso 28 de nov. de 2023.

ALMEIDA, Thiago chagas de; EMMENDOERFER, Magnus Luiz. **Turismo de base comunitária e desenvolvimento local sustentável: Conexões e reflexões**. *Revista de Turismo Contemporâneo*, Natal, v. 11, n. 1, p. 1-21, 2023.

ALVORD, Sarah H. ; BROWN, L. David ; LETTS, Christine W. **Social Entrepreneurship and Societal Transformation: An Exploratory Study**. *The Journal of applied behavioral science*, 2004.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO CONJUNTO SANTA LUZIA. Disponível em: <https://www.santaluziauruguai.com.br/c%C3%B3pia-reprotai>. Acesso em 12 de out. de 2023

BACQ, S., HARTOG, C., e HOOGENDOORN, B. **A quantitative comparison of social and commercial entrepreneurship: Toward a more nuanced understanding of social entrepreneurship organizations in context**. *Journal of Social Entrepreneurship*, 2013.

BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. **Empreendedorismo: Conceitos e Definições**. *Rev. de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia*, 2014.

BAHIA (ESTADO). Lei Ordinária nº 14.126, de 24 de setembro de 2019. **Dispõe sobre Política Pública de Turismo Comunitário a ser realizada nas áreas de interesse turístico e nos Territórios de Identidade no Estado da Bahia. Diário Oficial do Estado da Bahia (DOEBA)**. Disponível em : <https://cpisp.org.br/lei-ordinaria-no-14-126-de-24-de-setembro-de-2019/>. Acesso 02 de dez. de 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Ed. Edições 70,1977.

BLOCK, J., Thurik, R., Van der Zwan, P., e Walter, S. **Business takeover or new venture? Individual and environmental determinants from a cross-country study**. *Entrep Theory Pract*, 2013.

BRASIL. Lei 2.944, de 30 de setembro de 2021. **Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional)**.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____. **Secretaria Nacional de Juventude Estação juventude: Conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude**. Organizado por Helena Abramo. – Brasília: SNJ, 2014.

_____. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Caderno de Educação em Direitos Humanos. Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais**. Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32131-

educacao-dh-diretrizesnacionaispdf& Itemid=30192. Acesso em: 09 out. 2022.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

_____. **Proposta de Teses e Diretrizes para a Política Nacional de Empreendedorismo e Negócios: Consulta Pública**. Coordenação Ednalva Fernandes Costa de Moraes. – Brasília : MDIC, 2012.

_____. Medida Provisória nº 1187, de 19 de junho de 2023. **Altera a Lei nº 14.600, de 19 de junho de 2023, para criar o Ministério do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte**. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/159947>. Acesso 20 de dez. de 2023.

BOGHOSSIAN, Cynthia O; MINAYO, Maria C. S. **Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos**. Saúde e Sociedade, v. 18, n. 3, 2009.

CANÇADO, Airton Cardoso. **Gestão social**. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). **Dicionário para a formação em gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014.

CAMMPI. **Plano de cultura de Itapagipe**, 2022.

CARNEIRO, Dênio Almeida. **Inovação e empreendedorismo social: uma revisão sistemática da literatura**. *Journal on Innovation and Sustainability – RISUS*, , v. 14, n.3,São Paulo: 2023.

CARVALHO, A. J. C; Corrêa, R. O; Carvalho, G. D. G. de; Olave, M. E. L. **Educação empreendedora no ensino básico: identificando desafios a partir de uma análise bibliométrica e da revisão sistemática**. São Paulo: Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 2022

CHLOSTA, S., PATZELT, H., KLEIN, S. B., e DORMANN, C. **Parental role models and the decision to become selfemployed: the moderating effect of personality**. *Small BusEcon*, 2012.

COHEN; Cathy, **Democracy Remixed: Black Youth and the Future of American Politics** *Nova York, Oxford University Press*, 2010 In: COLLINS, Patricia Hills; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1 ed. São Paulo : Boitempo, 2020.

COLLINS, Patricia Hills; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONSORTIUM FOR ENTREPRENEURSHIP EDUCATION. **National content standards for Entrepreneurship Education**, 2004.

DALLABRIDA, Valdir Roque. **Governança Territorial**. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). **Dicionário para a formação em gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014.

DAGNINO, Evelina. **¿Sociedade civil, participação e cidadania: De que estamos falando?** 2004.

DEWEY, J. **Democracia e Educação**, 1979. In: GALTER, Maria Inalva; FAVORETO, Aparecida. **John Dewey: um clássico da educação para a democracia. Linhas Críticas**, Brasília, 2020.

DOLABELA, F. **Pedagogia Empreendedora: o ensino de empreendedorismo na Educação Básica voltado para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

DRUCKER, Peter. **Inovação e espírito empreendedor - prática e princípios**. São Paulo, Pioneira, 1986.

DURAND, T. **Forms of incompetence. Oslo: Norwegian School of Management**, 1998. In: BARRETO, Laís Karla da Silva; LEONE, Nilda M. C. P. G.; ANGELONI, Maria Terezinha. **Competências gerenciais requeridas em empresas familiares: o olhar de sucessores**. RACE, Unoesc, v. 15, n. 1, 2016.

EUROPEAN COMMISSION. **Final report of the expert group best procedure Project on Education and training for Entrepreneurship**. Bruxelas, 2002.

JOERN, H. Block; CHRISTIAN, O. Fisch ; MIRJAM, van Praag . **The Schumpeterian entrepreneur: a review of the empirical evidence on the antecedents, behaviour and consequences of innovative entrepreneurship**, 2017.

FALA UNIVERSIDADES. **Igualdade X Equidade: Os reflexos na sociedade brasileira**. Disponível em: <https://falauniversidades.com.br/igualdade-x-equidade-os-reflexos-na-sociedade-brasileira/>. Acesso em: 01 de ago. de 2021.

FLEURY, Maria Tereza Leme; FLEURY, Afonso. **Construindo o Conceito de Competência**. RAC, Edição Especial, 2001.

FISHER, Tânia; MELO, Vanessa. **Organizações e Interorganizações na gestão do desenvolvimento sócio-territorial**. Salvador: Revista O&S, v.11, ed. Especial, 2004.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de; EYNAUD, Philippe. **Solidariedade e organizações: pensar uma outra organização**. EDUFBA : Salvador Ateliê de Humanidades, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. ed.17, Editora paz e terra: Rio de Janeiro, 1987.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso 24 de nov. de 2023.

GALTER, Maria Inalva; FAVORETO, Aparecida. **John Dewey: um clássico da educação para a democracia**. Linhas Críticas, Brasília, v. 26,2020.

GEM. **Empreendedorismo no Brasil (Recorte temático: cor/raça)**, 2021.

GEM. **Empreendedorismo no Brasil (Relatório Executivo)**, 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7 ed. São Paulo: Atlas,2021

GONDIM, Sônia Maria Guedes; MUTTI, Clara. **Afetos em situações de aprendizagem: um estudo de um curso de desenvolvimento de competências empreendedoras**, 2021.

HAMILTON, E. **Entrepreneurial learning in family business: A situated learning perspective**. J Small Bus Enterp Dev, 2011.

HAHN, Davide. *et al.* **The impact of entrepreneurship education on university students' entrepreneurial skills: a family embeddedness perspective**. Italy: Springer Nature, 2019

IBGE. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica**, 2 ed., n.48, 2022.

IIZUKA, Edson Sadao. **Empreendedorismo Social**. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). **Dicionário para a formação em gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014.

IPEA. **Atlas das Periferias no Brasil: aspectos raciais de infraestrutura nos aglomerados subnormais**. Rio de Janeiro: Ipea, 2021.

JØRGENSEN, Matias Thuen *et al.* **Collective tourism social entrepreneurship: A means for community mobilization and social transformation**. Annals of Tourism Research, 2021.

JUNIOR ACHIEVEMENT (JA). **Sobre nós**. Disponível em: <https://www.jabrasil.org.br/sobre-nos>. Acesso em 08 de out. 2022.

JUNIOR ACHIEVEMENT (JA). **Relatório de Gestão de 2019 a 2022**, 2023.

LASPITA, S., Breugst, N., Heblich, S., e Patzelt, H. **Intergenerational transmission of entrepreneurial intentions**. J Bus Ventur, 2012.

LANDSTRÖMA, Hans; HARIRCHIB, Gouya. **The social structure of entrepreneurship as a scientific field**. *Research Policy*, n. 47, 2018.

LIMA, E., LOPES, R. M. A., Nassif, V. M. J., e Silva, D. **Opportunities to improve entrepreneurship education: contributions considering Brazilian Challenges**. *Journal of Small Business Management*, 2015.

LOPES, Rose Mary A. **Educação Empreendedora: Conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, Sebrae, 2010.

MADUREIRA, Adilma Gomes de Carvalho. **Histórias Imaginárias para Fomentar o Desejo de Empreender**. *RIGS - revista interdisciplinar de gestão social*: v.5 n.1, 2016.

MAN, Thomas W.Y.; LAU, Theresa, K.F. Chan . **The competitiveness of small and medium enterprises: A conceptualization with focus on entrepreneurial competencies**. Department of Management. *Journal of Business Venturing* n.17. The Hong Kong Polytechnic University, Hong Kong, China, 1999.

Mª Lopez-Nuñez, .I.; Robio-Valdehita, S.; Armuña, C.; Pérez-Urria, E. **EntreComp Questionnaire: A Self-Assessment Tool for Entrepreneurship Competencies**. *Sustainability* 2022.

MARTINS, Solismar Fraga. **Turismo, gentrificação urbana e (des) alojamento local na cidade de Lisboa** –Portugal, 2019.

MARQUÉS, Daniel Palacios; GARCIA, María Guijarro; SANCHEZ, Myriam Martí; MARI, María Pilar Alguacil. **Social entrepreneurship and organizational performance: A study of the mediating role of distinctive competencies in marketing**, Journal of Business Research, n. 101, 2019.

MICHELS, E. *et al.* **Educação Empreendedora e o Papel do Professor. Anais do Colóquio Internacional de Gestão Universitária**, Equador/Santa Catarina, UFSC, 2018.

MINTZBERG, H. **MBA, não obrigado!** Porto alegre: bookman, 2006.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Caderno de Subsídios: Portugal - Turismo Cultural e Rural. Projeto Excelência em Turismo: Aprendendo com as Melhores Experiências Internacionais**. Brasília, 2008.

MORAIS, Edlaine Albertino de, *et al.* **Turismo de base comunitária à luz da teoria ator-rede: novos caminhos investigativos no contexto brasileiro**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 122, 2020.

MORSELLI, D.; GORENC, J. **Using the *EntreComp* framework to evaluate two entrepreneurship education courses based on the Korda Method**. Int. J. Manag. Educ, 2022.

MUSTAR, P. **Technology management education: innovation and entrepreneurship at MINES ParisTech, a leading French engineering school**. Acad Manag Learn Educ, 2009.

OBRAS SOCIAIS IRMÃ DULCE. **Aeroporto de Salvador ganha espaço ‘santa Dulce dos pobres’**. Disponível em: <https://www.irmadulce.org.br/portugues/noticia/religioso/2022/julho/aeroporto-de-salvador-ganha-espaco-santa-dulce-dos-pobres>. Acesso em 28 em nov. de 2023.

OBSERVASSA. Disponível em: <https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista/o ornitorrinco**. 1.ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 1981.

OZORIO, Rodrigo Zomkowski. **Turismo de base comunitária e resiliência socioecológica em espaços territoriais protegidos e adjacências: uma revisão de metodologias aplicadas**. Cadernos de Geografia: Coimbra, 2022.

PALACIOS-MARQUES, Daniel *et al.* **Social entrepreneurship and organizational performance: A study of the mediating role of distinctive competencies in marketing**. Journal of Business Research, 2019.

PDGS. **Regulamento da Atividade de Residência Social**. Salvador/BA: PDGS, 2014.

QUEIROZ, Greziene Araújo; MENEZES, S. S. M. **Comida de rua como cultura de R-existência: dos tabuleiros do século XVIII ao século XXI**, n. 27: Colômbia, 2023.

RANGEL, Irene. **Racismo, preconceito e exclusão: um olhar a partir da Educação Física**

escolar. Motriz, Rio Claro: **IV Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e X Simpósio Paulista de Educação Física** v.12 n.1, 2006.

REPROTAI. Disponível em: <https://reprotai.wordpress.com/>. Acesso em 04 de jul. de 2023

RIGO, Ariádne Scalfoni. **Autogestão**. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). **Dicionário para a formação em gestão social**. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014.

SANTOS, Aleksandra Pereira dos. **Conhecimentos, habilidades e atitudes: o conceito de competências no trabalho e seu uso no setor público**. *Revista do Serviço Público Brasília*, n. 62, 2011.

SEBRAE (2020). **Curso Jovens Empreendedores Primeiros Passos**. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/educacao-empreeendedor-no-ensino-fundamental,0c54be061f736410VgnVCM2000003c74010aRCRD>. Acesso 15 de set. de 2023

_____. **Empreendedorismo por Raça cor (e sexo)**, 2022. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/perfil-do-microempreendedor-individual/>. Acesso 12 de out. de 2023.

_____. **Governo cria ministério do empreendedorismo, da microempresa e da empresa de pequeno porte**. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/economia-e-politica/governo-cria-ministerio-do-empreeendedorismo-da-microempresa-e-da-empresa-de-pequeno-porte/>. Acesso em 22 de out. de 2023.

_____. **Perfil do MEI (2023)**. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/perfil-do-microempreendedor-individual/>. Acesso em 23 de out. de 2023

_____. **Tendências em Educação Empreendedora**. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/tendencias-em-educacao-empreeendedor-aprendizado-para-quem-sonha-alto,9fb982fdc7c8b510VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em em 25 de out. de 2022.

_____. **Tendências em educação empreendedora: aprendizado para quem sonha alto (2017)**. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/tendencias-em-educacao-empreeendedor-aprendizado-para-quem-sonha-alto,9fb982fdc7c8b510VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em 25 de out. de 2022.

SCHOMMER, P. C.; FRANÇA FILHO, G. C. **A metodologia da Residência Social e a aprendizagem em comunidade de prática**. *NAU Social*, v. 1, n. 1, 2010.

SHINNAR, R., PRUETT, M., e TONEY, B. **Entrepreneurship education: attitudes across campus**. *J Educ Bus*, 2009.

SCHUMPETER, A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SILVA, E. L.; CASTRIOTA, L. B. **Turismo de base comunitária e desenvolvimento local: trajetórias do turismo nos distritos de Milho Verde e São Gonçalo do Rio das Pedras em Serro/MG**. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2018.

SILVA, Denys Daniel; CARDOSO, Bruno Luan Dantas; SOUZA, Washington Jose de; AZEVEDO, Juarez de Paiva. **Participação Juvenil e Formação em Gestão Social: Práticas e Aprendizagens no Comitê de Juventude do Território Mato Grande (Rio Grande do Norte)**. v.7, n.2, 2018.

SIRVENT, M. T. **Cultura popular y participación social: una investigación en el barrio de Mataderos (Buenos Aires)**. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2004 In: BOGHOSSIAN, Cynthia O; MINAYO, Maria C. S. **Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos**. *Revista Saúde e Sociedade*, v. 18, n. 3, 2009.

SNELL, R.; LAU A. **Exploring local competences salient for expanding small business**. *Journal of Management Development*, v. 13, n.4, 1994.

SOARES, Célia Moreira. **As Ganhadeiras: Mulher e resistência negra em Salvador no século XIX**. *Revista Afro Ásia*, n. 17, 1996.

SOUTARIS, V., ZERBINATI, S., e AL-LAHAM, A. **Do Entrepreneurship programmes raise entrepreneurial intention of Science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources**. *J Bus Ventur*, 2007.

SOUZA, Ana Cristina de; BAHIA, Eliana Maria dos Santos; VITORINO, Elizete Vieira. **Dimensões da competência em informação sob a perspectiva de Zarifian**. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.25, n. 2, 2020.

UNIÃO EUROPEIA. **EntreComp: The Entrepreneurship Competence Framework**. Joint Research Centre da Comissão Europeia , 2016.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre : Bookman, 2001.

ZAMPRONIO, Renata. **Diferença entre igualdade e equidade de gênero**. Disponível em: <https://businessporelas.com/diferenca-entre-igualdade-e-equidade-de-genero/>. Acesso em: 01 de ago. de 2021.

ZARIFIAN, Phillipe. **Objetivo competência: por uma nova lógica**. São Paulo (SP): Atlas, 2001 In: SOUZA, Ana Cristina de; BAHIA, Eliana Maria dos Santos; VITORINO, Elizete Vieira. **Dimensões da competência em informação sob a perspectiva de Zarifian**. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.25, n. 2, 2020.

ZARIFIAN, Phillipe. **Objetivo competência: por uma nova lógica**. São Paulo (SP): Atlas, 2001 In: SANTOS, Aleksandra Pereira dos. **Conhecimentos, habilidades e atitudes: o conceito de competências no trabalho e seu uso no setor público**. *Revista do Serviço Público Brasília*, 2011.

ZARIFIAN, P. **Objectif compétence: pour une nouvelle logique**. Paris: Editions Liaisons, 1999.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Future of Jobs 2020**. Disponível em: <https://www.weforum.org/reports/the-future-of-jobs-report-2020/>. Acesso 01 de ago. de 2021

WWF. **O que é desenvolvimento sustentável?**. Disponível em acesso: <https://www.wwf.org.br/>. 27 de nov. de 2023

ANEXO A - QUADRO DESCRITIVO (ENTRECOMP)

ÁREAS	COMPETÊNCIAS	SUGESTÕES	DESCRIPTORES
1. IDEIAS E OPORTUNIDADES			
	1.1. Identificar oportunidades	Usar a sua ¹ imaginação e as suas habilidades para identificar oportunidades de criação de valor	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar e aproveitar oportunidades para criar valor através da exploração do contexto social, cultural e económico - Identificar necessidades e desafios que precisam de ser atendidos - Estabelecer novas ligações e juntar elementos dispersos para gerar oportunidades de criação de valor
	1.2. Criatividade	Desenvolver ideias criativas e de valor	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver várias ideias e oportunidades para criar valor, incluindo melhores soluções para desafios atuais e futuros - Explorar e experimentar através de abordagens inovadoras - Combinar conhecimento e recursos para alcançar resultados significativos
	1.3. Visão	Trabalhar para uma visão de futuro	<ul style="list-style-type: none"> - Imaginar o futuro - Desenvolver uma visão para transformar ideias em atos - Visualizar cenários futuros para ajudar a orientar esforços e ações
	1.4. Valorizar ideias	Fazer o máximo com as ideias e oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliar que valor existe em termos sociais, culturais e económicos - Reconhecer o potencial de criação de valor de uma ideia e identificar formas adequadas de tirar o máximo partido dela
	1.5. Pensamento ético e sustentável	Pensar nas consequências e no impacto das ideias, oportunidades e ações	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliar as consequências de ideias que trazem valor e o efeito de ações empreendedoras na comunidade, no mercado, na sociedade e em contextos específicos - Refletir sobre quais são os objetivos sustentáveis de longo prazo a nível social, cultural e económico, e sobre o itinerário seguido - Agir de forma responsável
2. RECURSOS			
	2.1. Autoconsciência e autoeficácia	Acreditar em si mesmo e procurar o desenvolvimento contínuo	<ul style="list-style-type: none"> - Refletir sobre os seus desejos, necessidades e aspirações a curto, médio e longo prazo - Identificar e avaliar as forças e as fraguças individuais e coletivas - Acreditar na capacidade para influenciar o curso dos acontecimentos, apesar da incerteza, das contrariedades e dos falhanços temporários
	2.2. Motivação e persistência	Mantir o foco e não desistir	<ul style="list-style-type: none"> - Ser determinado para transformar ideias em ações e saltar a necessidade de chegar mais longe - Estar preparado para ser paciente e continuar a tentar alcançar os objetivos de longo prazo, quer individuais quer de grupo - Ser resiliente sob pressão e perante adversidades e falhanços temporários
	2.3. Mobilizar recursos	Reunir e gerir os recursos necessários	<ul style="list-style-type: none"> - Obter e gerir recursos materiais, não materiais e digitais necessários para transformar ideias em ações - Fazer o máximo com recursos mínimos - Alcançar e gerir as competências necessárias em diferentes etapas, incluindo competências técnicas, legais, financeiras e digitais
	2.4. Literacia financeira e económica	Desenvolver conhecimentos financeiros e económicos	<ul style="list-style-type: none"> - Calcular o custo de transformar uma ideia numa atividade criadora de valor - Financiar, colocar em prática e analisar decisões financeiras no longo do tempo - Gerir finanças para assegurar que a atividade de criação de valor pode manter-se a longo prazo
	2.5. Mobilizar terceiros	Impregnar, entusiasmar e mobilizar outros	<ul style="list-style-type: none"> - Impregnar e entusiasmar parceiros relevantes - Obter o apoio necessário para atingir resultados positivos - Demonstrar capacidade de comunicação, persuasão, negociação e liderança

ÁREAS	COMPETÊNCIAS	SUGESTÕES	DESCRIPTORIOS
EM AÇÃO	3.1. Tomar a iniciativa	Avançar	<ul style="list-style-type: none"> - Iniciar processos que criem valor - Aceitar desafios - Agir e trabalhar de forma independente para atingir os objetivos, seguir a linha definida e executar as tarefas planejadas
	3.2. Planejar e gerir	Priorizar, organizar e acompanhar	<ul style="list-style-type: none"> - Definir objetivos de longo, médio e curto prazo - Definir prioridades e planos de ação - Adaptar-se a mudanças imprevistas
	3.3. Lidar com a incerteza, a ambiguidade e o risco	Tomar decisões lidando com a incerteza, a ambiguidade e o risco	<ul style="list-style-type: none"> - Tomar decisões mesmo quando os seus resultados são incertos, quando a informação disponível é parcial ou ambígua, ou quando existe um risco de resultados indesejados - No processo de criação de valor, incluir formas estruturadas de testar ideias e protótipos desde as etapas iniciais, para reduzir os riscos de falhar - Lidar com situações imprevisíveis de forma rápida e flexível
	3.4. Trabalhar com outros	Trabalhar em grupo, colaborar e criar redes	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhar em conjunto e cooperar com outros para desenvolver ideias e colocá-las em prática - Criar redes - Resolver conflitos e enfrentar a concorrência de forma positiva sempre que necessário
	3.5. Aprender com a experiência	Aprender fazendo	<ul style="list-style-type: none"> - Usar todas as iniciativas para a criação de valor como uma oportunidade de aprendizagem - Aprender com os outros, incluindo com os pares e os mentores - Refletir e aprender tanto com o sucesso como com o falhanço (do próprio ou de outros)

APENDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA (GESTOR)

O presente roteiro tem como finalidade a coleta de dados para a pesquisa de campo da dissertação de Mestrado do curso de Gestão e desenvolvimento Territorial da EAUFBA, com o título de **MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS: “Mapeamento de competências empreendedoras: Protagonismo juvenil no turismo comunitário de Alagados (ACTOUR) na Península de Itapagipe**. Tem como objetivo é examinar o desenvolvimento de competências empreendedoras jovens integrantes da ACTOUR nas ações de turismo de base comunitária na Península de Itapagipe.

GESTOR

5. Qual a trajetória da **ACTOUR** e suas ações?
6. Qual o impacto das ações da **ACTOUR** no território?
7. Qual o impacto da realização das atividades **na vida dos jovens**?
8. Quais as principais **dificuldades sociais, econômicas e educacionais** dos jovens do território?
9. A REPROTAI promove capacitações específicas para a ACTOUR? (Há cursos de empreendedorismo, por exemplo?)
10. Outras instituições ou pessoas oferecem capacitações? (Há cursos de empreendedorismo, por exemplo?)
11. Quais são as **ações/atividades** realizadas pelos jovens no turismo comunitário?
12. Como esses jovens **desempenham** suas **ações** no turismo comunitário?
13. Quais **conhecimentos (saber algo)** você considera importante para a atuação dos jovens no turismo comunitário no território?
14. Quais **habilidades (saber fazer algo)** você considera importante para atuação dos jovens no turismo comunitário no território?
15. Quais **atitudes (saber agir)** você considera importante para a atuação dos jovens no turismo comunitário no território?
16. Quais as **dificuldades no desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes** dos jovens para resolver problemas o território pela ACTOUR?

APENDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA (JOVEM)

O presente roteiro tem como finalidade a coleta de dados para a pesquisa de campo da dissertação de Mestrado do curso de Gestão e desenvolvimento Territorial da EAUFBA, intitulado **MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS: “Mapeamento de competências empreendedoras: Protagonismo juvenil no turismo comunitário de Alagados (ACTOUR) na Península de Itapagipe.** Tem como objetivo é examinar o desenvolvimento de competências empreendedoras em jovens integrantes da ACTOUR nas ações de turismo de base comunitária na Península de Itapagipe.

JOVEM

8. Quais os principais problemas do território relacionados ao turismo?
9. Como se organizam as ações de turismo no território? Como vocês participam?
10. Quais **atividades** você realiza nas ações de turismo comunitário propostas no ACTOUR?
11. Quais **conhecimentos** você considera importante para sua atuação no turismo comunitário no território?
12. Quais **habilidades** você considera importante para sua atuação no turismo comunitário no território?
13. Quais **atitudes** você considera importante para sua atuação no turismo comunitário no território?
14. Já percebeu algum tipo de situação em que teve **dificuldade** para resolver durante essa atuação?
SIM NÃO

7.1 Se sim, descreva a situação referida:

7.2 A que causa você atribuiria a situação vivida?

APENDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Meu nome é Edvânia Soraia Silva Lima e estou realizando entrevistas para compor a pesquisa da minha dissertação de Mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Gestão e desenvolvimento social (UFBA) sob orientação da Professora Doutora Claudiani Waiandt. Minha pesquisa versa sobre a **“MAPEAMENTO DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS: “Mapeamento de competências empreendedoras: Protagonismo juvenil no turismo comunitário de Alagados (ACTOUR) na Península de Itapagipe ”.**

Por meio deste termo, do qual o(a) Sr (a) será fornecida uma cópia, se desejar, está sendo convidado para participar desta pesquisa. Serão realizadas entrevistas semiestruturadas que pretendem obter informações sobre as experiências dos gestores e jovens (a partir dos 18 anos) acerca do tema proposto no município de Salvador-BA, para que sejam usadas, integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações a partir da presente data. Ciente dos objetivos e da metodologia de obtenção de dados da pesquisa:

Declaro, por meio deste termo, que autorizo o uso das informações por mim oferecidas por meio desta entrevista. O(a) Sr(a) tem a liberdade de desistir, a qualquer momento, da participação neste estudo, bem como pode entrar em contato com o pesquisador para eventuais esclarecimentos desejados sobre a pesquisa ou seus resultados pelo e-mail: edvania.lima071994@gmail.com

Nome: _____

Data: ____/____/____

Local: _____